

Um filme francês sobre a pintura cubista

(Exclusividade do S. F. I. para o "Correio Paulistano")

O cinema é, como se sabe frequentemente utilizado em serviço da cultura artística e o chamado "filme de arte" se tornou verdadeiramente um genero autonomo dentro da produção cinematografica. Não é preciso insistir sobre o interesse que apresenta esta transposição cinematografica das obras de arte, que permite revelar, pelo jogo das tomadas de vista, da perspectiva e da iluminação, sem falar da cor as multiplicas características de uma obra e que muitas vezes escapam à observação do espectador comum. Assim, o cinema desempenha um importante papel no desenvolvimento disso a que André Malraux denominou, com um termo preciso, o "Museu Imaginario".

Muitos filmes franceses chegaram assim a comunicar a um vasto publico segredos os mais profundos dos artistas e de suas obras, revelados pelo olho ultrasensível da camara, quando esta é utilizada por um cineasta pessoalmente desejoso de penetrar até ao amago de seu objetivo. Não há duvida, entretanto, de que o filme de arte é suscetível de tomar as mais diversas formas, segundo as intenções do autor e que, com o seu desenvolvimento, começam a oferecer verdadeiros problemas de estilo.

A dificuldade é particularmente sensível quando se trata de filmes de intenção mais ou menos didática; não consideramos somente como tais os filmes educativos ou os de análise científica, mas, de um modo mais amplo, todos os filmes que se propõem facilitar ao espectador a compreensão de um artista, de uma obra, ou de uma escola artistica, explicando-lhe pela imagem o sentido desta ou daquela corrente artistica, o valor desta ou daquela forma, o desenvolvimento desta ou daquela escola, etc. O perigo é aqui o pedantismo ou a confusão. Entretanto, as tentativas deste genero oferecem às vezes o imenso interesse de dissipar muitos preconceitos e nenhum outro movimento artistico merece, sem duvida, beneficiar-se mais desta função reveladora e esclarecedora do cinema do que o cubismo.

Esse o proposito a que se devotou um jovem cineasta francês, Pierre Alibert, e com um exito que deveria torna-lo merecedor de um largo publico. Pierre Alibert não é um recém-vindo no dominio do filme sobre a arte: ele já realizou, há pouco tempo, uma pelicula intitulada "Les Etapes de la Peinture Française", que manifestava já qualidades de análise e de síntese, indispensáveis ao tratamento cinematografico da historia da arte.

Graças ao jogo de comparações entre obras sistematicamente escolhidas por seu valor exemplar, este filme ressaltava, ao mesmo tempo, a evolução e a permanencia dos grandes problemas artisticos,

como eles se manifestam e se resolvem através da historia. Mas, após esta primeira experiencia, o autor procurou fazer uso do cinema para uma explicação

Artigo de
HENRI LEMAITRE

do que é cubismo: estas peliculas sobre o cubismo se preocuparam tambem com a cor, sendo de justiça destacar-lhe a qualidade, elemento essencial, eviden-

temente, desde que se trate de um filme sobre arte.

O principio inicial do metodo adotado por Pierre Alibert é bastante simples, mas esta simplicidade, através da experiencia, se revela fecunda, porque inspirada diretamente numa exata fidelidade ao proprio principio da arte cubista. A principal virtude do filme é de mostrar, sem contestação possivel, pois se trata de uma evidencia imposta pela imagem que desfila ante nossos olhos, que o cubismo é uma nova forma de ver, conforme a descoberta de leis secretas mais rigorosas, reconhecidas pelo artista no proprio intimo dos objetos; não é puro capricho nem vontade sistematica, de deformação arbitraria. Longe disso: é um esforço para penetrar alem das apparencias e atingir uma realidade mais profunda e mais estavel, que se torna por si propria a causa e a origem da forma criada pelo pintor.

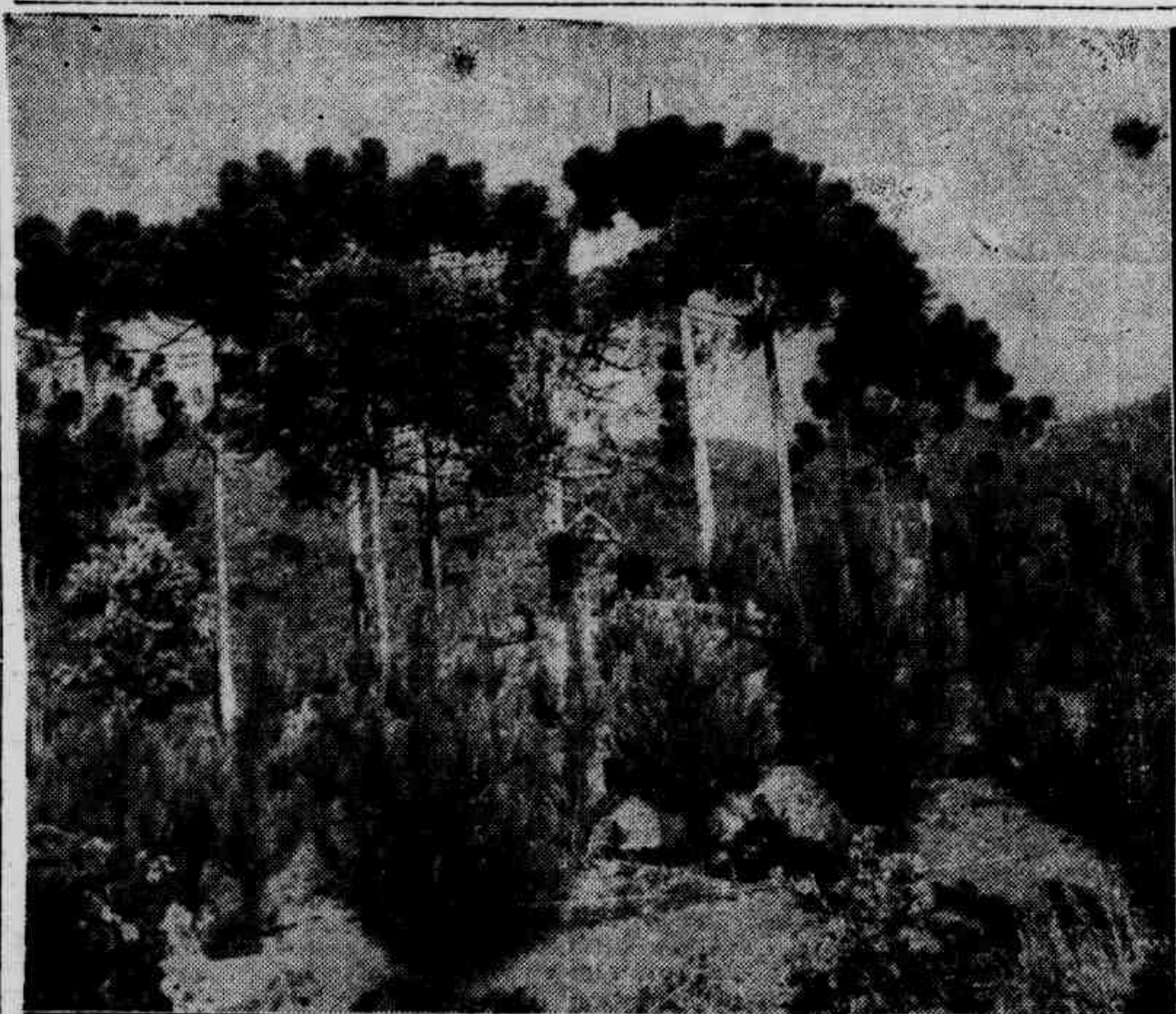
A este respeito, collocando-nos em condições de visão radicalmente diferentes das condições ordinarias, o cinema nos liberta desta servidão que representa para os nossos olhos a visão cotidiana; substituindo o olho humano, a camara cinematografica nos torna mais aptos a perceber a verdadeira razão desta metamorfose dos objetos e das formas, que é, antes de tudo, a pintura cubista. E se, por exemplo colocada diante de um objeto qualquer, figura humana ou bilha, a camara o vê e fotografa sucessivamente em diferentes planos, para que, em seguida a montagem cinematografica justponha estas visões sucessivas na unidade da simultaneidade espacial, veremos então surgir, precisamente, o quadro cubista e compreendemos assim a evidencia e a necessidade daquilo que, de outro modo, corria o risco de arecer às vezes, um capricho arbitrario.

O filme de Pierre Alibert tem assim o imenso merito de ensinar ao expectador a propria genese da obra de arte, de acompanhar esta obra no proprio movimento de sua criação. Desse modo, a análise a que é submetida determinada obra de Picasso, de Léger ou de Gleizes não é uma análise artificial nem tambem a simples expressão de uma opinião pessoal: é uma análise visual que confronta da obra ao seu principio e que, por consequencia, põe diretamente o espectador em contato com essa vida das formas, da qual a obra não é senão o resultado.

Ao mesmo tempo, a pelicula demonstra esta outra verdade — que não é essencial ao cubismo mas da qual o cubismo fornece um exemplo particularmente notavel — que toda obra de arte traz em si uma historia e que, sem o conhecimento desta historia, de algum modo organico, toda apreciação da obra é arbitraria e infiel. E tal é o serviço que a ca-

(Conclui na 6.a pagina)

Suplemento do CORREIO PAULISTANO



PAISAGENS PAULISTAS — Um pitoresco recanto de Campos do Jordão, ainda revestido de pinheiros

Defesa e ilustração da lingua francesa

Os problemas discutidos nas conferencias internacionais são sem duvida de uma importancia tal que não nos é possivel levantar aqui uma controversia, que, sendo aparentemente secundaria, tem no entanto sua importancia. Trata-se da questão do francês, lingua diplomatica.

Talvez se considere tambem que qualquer discussão a este respeito se tornou vã. Pela força das coisas, se assim se pode dizer, o francês deixou de gozar daquela primazia e exclusividade que lhe vinha da sua incomparavel clareza. Lingua universal, talvez graças tambem à universalidade do pensamento francês, não perdeu nada das suas qualidades passadas, se bem que tenha evoluído como todos os seres vivos.

Acontece, porém, que outras linguas, tão espalhadas pelo mundo como o francês, lhe fazem concorrência. Não é ele já o unico que faz "fé" nos atos da vida internacional. E todavia, quando há duvida, é ainda ao francês que se recorre.

O declínio do francês, que não era ainda absoluto depois da primeira guerra mundial, acentuou-se depois da segunda. Se não fosse assim, os jornalistas "de lingua francesa" não teriam decidido defendê-lo. O seu Congresso — o da "Associação Internacional dos Jorna-

listas de Lingua Francesa" realizado em Dijon, em plenas vindimas burgonhesas — é com efeito um desses pequenos acontecimentos que podem ter grandes consequencias.

Artigo de
RÉMY ROURE

Chegou-se a falar na imprensa francesa de uma "força nova". Isso deve ser verdade. Pois não há muito tempo que os jornalistas "de cultura e expressão francesa" de certo numero de países decidiram reunir-se e unir-se para "estabelecer laços de confraternidade" e "defender a lingua francesa por meios apropriados".

A Associação nasceu, como convinha, em França, em Limoges, em 1950, durante o Congresso do Sindicato Nacional dos Jornalistas. Entrou-se em contato com a Suíça e a Bélgica. Em maio-junho de 1950, reuniu-se em Paris uma assembléa constituinte da qual participaram representantes destes dois países e do Canadá. Notemos que o Canadá possuía já uma União de Jornalistas de Lingua Francesa que se transformou rapidamente na alma da nova Associação.

O segundo Congresso foi realizado em Neuchâtel, na Suíça,

em 1953, sob a presidencia de um canadense, O'Leary. O tema do Congresso de Neuchâtel "A Imprensa ao Serviço da Lingua Francesa", foi, em suma, o mesmo do Congresso de Dijon. Foram, porém, criadas novas secções — especialmente a do Haiti, país de lingua francesa, como é sabido.

Notemos ainda, o que é evidente, que a Associação não pretende agredir nenhuma outra lingua. Quer ser um traço de união, quer trocar informações e documentos que digam respeito à defesa da lingua francesa, organizar conferencias, intervir em organismos oficiais ou não quando as circunstancias o exigiam.

É interessante notar tambem que os seus membros se empenham "em garantir, no exercicio da sua profissão, o respeito e a defesa do francês." Tarefa pesada, certo, sobre a dificuldade da qual os associados não se fazem ilusões. Eles sabem que poderiam pouca coisa se agissem sós, se não contassem com o apoio e a simpatia de todas as organizações que se não poupam a esforços para manter o poder de irradiação da cultura francesa — e contam muito com toda a America Latina. Todavia, sabem muito bem a força que tem a imprensa na Europa, na Suíça romana-

(Conclui na 12.a pag.)

Geraldo Pinto Rodrigues - evasão e busca

A POESIA de Geraldo Pinto Rodrigues é uma poesia delicada tanto no conteúdo como na forma.

Não tem o exotismo exagerado, morbido, extremamente individualista, de muitos de sua geração. Suas imagens são suaves e animadas de uma tendência de ternura, de evasão.

Possui um leve sentimento de pureza distante, de uma saudade de reencontro, como uma criança que corre atrás do arrulho manso de uma pomba.

O seu sensualismo é brando como de uma flor silvestre à espera de orvalho.

A poesia de Geraldo Pinto Rodrigues é uma simultânea prova de força lírica e preocupação de busca.

E isto constitui exatamente o

que mais caracteriza o espírito de muitos poetas da novíssima geração de São Paulo.

No seu "Auto de Fé", diz:

"Fazer de cada verso um poema, sonoro e completo em si mesmo. Este jeito de falar imagens"

Por DANTE ALIGHIERI VITA

"É doce à companheira e satisfaz-me. Traço um coração aberto ao mundo E um rio de maço por meus dedos."

Esse desejo de evasão se entrevê nos versos de "Lamento", numa espécie de temperamento romântico, macerado pelo tempo:

"Esta vontade louca de não dizer nada, transformar a palavra num gesto de humildade e procurar em cada esquina da vida o sentimento do mundo.

Partir em mil fragmentos a memória do tempo, deixar que as suas crenças a meus pés se pousem e que a lembrança me devolva à presença da amada.

Esquecer o chamado dos homens, o chamado das coisas, da mãe e da irmã.

Olhar a vida, olhar a morte e esperar que o mundo se complete na raiz dos teus cabelos."

Em "Viagem", outra vez, a mesma tendência à evasão, um elevado senso poético na sua beleza peregrina de imagens:

"Quatro ventos de esperança, E um mundo roto a meus pés.

Esta náu, que singra orvalho entre as fimbrias da manhã me conduz ao porto certo dos teus lábios sobre o mar.

Peregrino das distâncias, guardo o leme em tuas mãos."

Gosto de poesia, que traz beleza, sugestão e mistério. Vejam como é poético este "Poema":

"A tarde é um convite azul e morno para a viagem cega do esquecimento. Deixo esta cadeira de incertezas — remanso antigo de passado encanto — e embarco em meu navio de fantasmas."

Na "Inscrição n. 4", o poeta de "Tempo Inconcluso", tem estas palavras:

"O virgens de desatinos, corola da chama extinta, em teus pés de fera docil debruçei minha esperança."

Em versos densos de verismo como em "A Manicure" aparecem afirmações assim:

"A sala é um promontório de lembranças poluídas..."

combinando poesia e psicologia, para dizer, nesse mesmo poema,

"Amada o verso é curto e o sentimento tanto. Que em transbordando a dor do peito fora, o amor que a gente traz com a gente sempre É esquivia lembrança, é resto de memória.

Quisera que esta hora sem ventura De mim tão cedo se apartasse, Que o mal que curto é que é vil tormento. Chega dorida, Amor, fundo lamento.

Triste e vario por quanto desengano. Lembrar não posso, já que é tanto dano. Querer-te perto e ter-te assim distante.

Entanto sonho e em sonhando vivo. Preso de ti, é pallida açucena, E durmo lento em teus cabelos belos."

Lirismo e desespero, no plano surrealista, cristalizado na forma clássica como expressão de uma sensibilidade torturada, que busca no fugir reter instantes do seu realismo subjetivo, reflexo de alguma coisa mais geral, mais universal.

Geraldo Pinto Rodrigues nasceu

em Jardinópolis, a 7 de fevereiro de 1927. Cursou a Faculdade de Filosofia até o 2.º ano, na seção de Filosofia. É formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Pertence ao Clube Paulista de Poesia. Participou de vários congressos de escritores. Publicou: "Tempo Inconcluso", 1951.

É poeta delicado, moderno, sensivelmente intelectualizado, trazendo na sua força lírica certo expressionismo de emoção e compreensão, o que lhe dá maior realce entre os jovens poetas de sua geração nesta metade do século, em São Paulo.



ARVORE MILAGROSA

Maria Stella Quirino Marchini

Toda ilusão floresce de esperança, toda esperança frutifica em sonho; e quando o coração não mais alcança essa flor e esse fruto, e vais tristinho

pelo encaço da sorte, indiferente, o Amor é desprovido de perfume, e fé não se abre ao céu, a alma não sente, e arida a vida em penas se resume.

Procura a glória de um Amor fecundar de esperança e de sonho, coração! Colhe a flor, prova o fruto e, à luz do mundo continua plantando uma ilusão!

NO MUNDO DA POESIA

O poeta Petrarca Maranhão, do Rio de Janeiro, acaba de reunir em folheto dado a publicidade neste mês, sob o título "12 Sonetos", uma dúzia de composições líricas, de inspiração parnasiana.

*

Recebemos do sr Luiz Otavio um exemplar do seu último trabalho publicado: "Trovas", edição Acalaca, de Belo Horizonte. O autor desde há muito vem se dedicando ao apreciado gênero de composição de quadrinhas, produzindo trabalhos de grande delicadeza e sensibilidade, reproduzidos em jornais e revistas do país e de Portugal. No prefácio do seu livrinho, dá Luiz Otavio uma explicação aos leitores, que gostosamente aqui reproduzimos: "Alguns trovadores só consideram Trova a quadra setisilábica que possui virtudes especiais; do contrario "será uma simples quadra ou quadrinha". Outros — que formam a maioria — consideram a Trova como a denominação de um gênero, de forma mais ou menos fixa, tal como se dá com o soneto. Não entram aí, pois, considerações sobre o valor da obra, que é um fenômeno muito subjetivo. A Trova, vista por este prisma, seria portanto: uma composição poética de quatro versos setisilábicos e de sentido completo. Podem existir, portanto, trovas ótimas, boas e más, como existem maus, bons e ótimos sonetos. Estamos com este segundo grupo. Do contrario não teríamos designado o nosso livrinho "Trovas". Seria temeridade e imodestia. Que fique pois, bem claro o nosso ponto de vista: usamos a palavra Trova para designar o gênero da obra e não a sua qualidade."

O Missal de Constança é hoje considerado como mais antigo do que a Bíblia de Gutenberg, que foi impressa em Mainz, na Alemanha, entre 1450 e 1455, tendo sido considerada durante muito tempo como o primeiro livro impresso no mundo. Ambos os livros foram impressos por Johannes Gutenberg, inventor dos tipos moveis.



* — Antonio Olavo Pereira, vigoroso autor de "Contra-Mão", novela que mereceu o prêmio "Fábulo Prado" de 1949 (25 mil cruzeiros), está ultimando seu novo livro, desta vez um romance, "Marcoré", o qual deverá aparecer nas livrarias dentro em breve, numa edição da Casa José Olímpio. Sua estreia, com a referida novela "Contra-Mão", foi recebida com os maiores elogios por parte da crítica.

* — Com a morte de Oswald de Andrade, perde a literatura brasileira um dos seus maiores expoentes. Escritor, poeta, ensaísta, dramaturgo, Oswald de Andrade foi, antes de tudo, um ardoroso agitador de idéias. Sua participação na famosa Semana de Arte Moderna, em 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, é um marco na história do pensamento brasileiro. Com sua morte, aos 64 anos de idade, Oswald de Andrade deixou um vacuo que difficilmente poderá ser preenchido. Infelizmente, Oswald não teve tempo de concluir o segundo volume de suas "Memórias". O primeiro volume, porém, já se encontra nas livrarias.

* — Após lançar "Memórias de Cárcere", de Graciliano Ramos, obra em quatro volumes que tanta discussão causou entre os críticos literários, acaba a Editora José Olímpio de distribuir às livrarias mais um livro pós-tumo do mestre Graciliano. Trata-se de "Viagem", em cujas páginas o saudoso escritor descreve suas impressões sobre a U.R.S.S. e países satélites. Acompanham o volume inúmeras fotografias, algumas interessantíssimas.

* — De J. Herculano Pires, autor de "Barrabaz, o Enjeitado", foi lançado o romance "Daga Moriga", o qual focaliza a vida nas humildes cidades do Vale do Paranapanema. De J. Herculano Pires espera-se, também, para breve, o segundo volume de uma trilogia intitulada "Caminhos do Espírito". O primeiro volume da trilogia é "Barrabaz, o Enjeitado", novela televisionada por M. L. Lebert.

* — Grande sucesso vem alcançando "Lampião", documentário ao vivo de autoria de Raulinho Prata. É o melhor livro sobre a lendária figura de Lampião, segundo a opinião da crítica. Capa de Edgard Koetz, introdução de Paulo Dantas, ilustrações (mal aproveitadas) de Aldemir Martins. Editora Piratininga, responsável pela edição.

* — Ruy Apocalipse, que estreou na poesia com "Papoula dos Sete Reinos", terá um novo livro publicado: "Ouro Preto", obra que vem sendo aguardada com grande interesse pela crítica. Ruy Apocalipse também vem preparando, em silêncio, um livro de sonetos de fundo místico.

* — De Jorge Rizzini, o primeiro biógrafo de Monteiro Lobato, deverá aparecer, em começos do ano próximo, a monografia "Perfil de Monteiro Lobato". A edição foi programada pela Editora Brasileira, de São Paulo. A biografia "História de Monteiro Lobato", de Rizzini, vem alcançando grande sucesso de crítica e livraria.

* — Dois lançamentos importantes: "Tempo de Espera", de Ricardo Ramos, e "Sangue de Rosaura", de Luiz Canabrava. Dois contistas jovens, duas tendências opostas. Ambas estreias promissoras, por certo terão boa acolhida por parte da crítica. Na "orelha" de "Tempo de Espera", há uma advertência: "Ricardo Ramos estreia, em nossa literatura, como poucos escritores o têm feito: com um estilo definitivamente realizado, com raro e tranqüilo domínio da língua. Vem enuto, preciso, correto. Não há hesitações de estrepante em sua maneira de escrever. Não sobram os adjetivos. Cada palavra tem o seu peso determinado, a sua devida ressonância no conjunto... Arcando com a responsabilidade de herdeiro de um dos maiores nomes da nossa literatura — Graciliano Ramos — o jovem autor de "Tempo de Espera" se apresenta, em suma, com uma personalidade profundamente marcada em nosso meio literário..."

Quanto a Luiz Canabrava, autor de "Sangue de Rosaura", é o vencedor do prêmio "Fábulo Prado", para contos.

* — Afirma-se que o livro "Tom Sawyer", de Mark Twain, foi o primeiro livro cujos originais foram dactilografados.



"COMPANHEIRO"

"Companheiro", mensagem cultural das Edições Melhoramentos, é um traço de união entre a editora e os leitores do Brasil.

Com apenas um ano de existência, tem essa revista seguido a linha previamente traçada, qual seja, a de levar ao público leitor brasileiro amplo e variado noticiário sobre assuntos de literatura, história, ciência, etc..

Fartamente ilustrado, impresso em excelente papel, consigna o número 5 deste periódico atraentes artigos, vasados em estilo agradável, de interesse para adultos e crianças.

A capa apresenta, em cores naturais, o Vale do Anhangabau e o Viaduto do Chá quando dos grandes desfiles de 25 de Janeiro, em homenagem ao IV Centenário de São Paulo.

SERGIO MILLLET, do último volume aparecido do seu "Diário Crítico", (1953), comentando seu livro "Notas sobre o Aleijadinho" (1), expõe algumas considerações que reputa infelizes. Apesar de Menotti Del Picchia considerá-lo uma das nossas maiores autoridades em artes plásticas, no que aliás não discordo, Sergio Milllet não é, todavia, incontestável nos seus julgamentos. Ele discorda, por exemplo, da minha afirmação ao assegurar que os defeitos das estatuas do Aleijadinho são oriundos de deficiências técnicas, de artesanato. A seu ver tais defeitos "não são defeitos, mas qualidades expressivas". Isto equivale dizer que as deformações encontradas nas obras do escultor mulato foram realizadas intencionalmente, sob cálculo premeditado. Eis pois Antonio Francisco Lisboa transformado pelo nosso crítico em consciente estatuario expressionista. E frisa ainda: "Através das deformações inesperadas das figuras é que o escultor exprime a sua alma atormentada, que toma partido apaixonadamente no drama religioso". Ora, o Aleijadinho, sejamos positivos e não metafísicos, expressava, através das desproporções anatómicas dos seus profetas, não a sua alma alanceada, que de fato ele a possuía, mas sim os seus conhecimentos algo canhestros da arte de Scopas. Se o torreta mineiro chegou a ser expressionista não o foi porque desejou, assim como não se pode afirmar que El Greco alongava as figuras dos seus quadros pelo motivo de querer mostrar seu misticismo mórbido. Os estudiosos discutem até hoje se Domenico Theotokopuli sofria de astigmatismo ou da cabeça. Saberíamos a verdade, é provável, se a sua vida fosse mais conhecida e não tão misteriosa. Quanto ao Aleijadinho, pela circunstância de conhecermos melhor sua existência, a instrução que recebeu de seu ofício, a molestia que padecia, embora convertida mas de sintomas caracterizados, podemos, sem tergiversar, dizer: foi um autodidata de genio, torturado, como todo escultor barroco, pela perfeição das formas, a graciosidade do estilo, e portanto incapaz de amar qualquer especie de atentado à estética.

Além de tudo isso o Aleijadinho, vivendo às custas dos trabalhos que executava para as Irmandades, haveria de procurar, sempre, satisfazer os olhos dos refletores de Minas, amantes, por formação, da beleza harmoniosa, classica.

Não se pode negar a forte e decisiva influencia religiosa na arte do Aleijadinho. E nem poderia deixar de ser assim. A arte no Brasil nasceu e viveu sob a proteção da Igreja. É certo que o português não veio para o nosso país trazendo também o objetivo altruístico de difundir as diversas manifestações da cultura. Eles não eram como os árabes, que ao invadirem a Espanha, divulgaram os seus conhecimentos eclesiais, criando uma civilização sintocosa. O luso desejava, antes de tudo, dominar a nova terra, explorá-la comercialmente nas suas riquezas naturais, defendê-la da cobiça dos estrangeiros, implantar aqui o seu dominio completo de povo ousado e aventureiro. E nem tão pouco encontraram na colonia uma cultura artistica desenvolvida, cultivada pelos indigenas, como os conquistadores espanhóis Fernando Cortez e Francisco Pizarro toparam entre os aztecas, maias e Incas.

O nosso selvícola apresentava uma arte primarissima, rudimentar, bastante primitiva. Toda arte das tribus selvagens era composta pelas palhoças, rédes, petrechos belicos, vasos de argila, adereços com que ornavam o corpo, as tatuagens coloridas, sem esquecermos, é claro, os barbaros instrumentos musicais, fabricados de bambús e pedaços de ossos.

Não existia, pode-se afirmar, nem por parte do português ou do indigena, temperamento propicio para o desenvolvimento artistico. De modo que os artistas brasileiros, para desenvolverem suas inclinações, tinham que se abrigar à sombra carinhosa da Igreja, a unica incentivadora do cultivo da pintura e da escultura durante o nosso periodo colonial.

Em consequencia surgiram os "santinhos", uns artistas humildes, cuja função era executar imagens de santos para os conventos e Igrejas.

O fator que incrementou, nestas, o desenvolvimento artistico, ao iniciar o século XVII, foi o aumento das fortunas, de-

O ALEIJADINHO E AS INFLUENCIAS RELIGIOSAS

FERNANDO JORGE



DUAS OBRAS IMPORTANTES DO ALEIJADINHO: — a fonte da igreja de São Francisco, em Ouro Preto e uma das figuras de Apostolos, molda das em gesso há poucos anos pelo escultor Eduardo Teeles, do Rio

vido o descobrimento do ouro. Graças a este começou a imperar o luxo. Improvisou-se na sociedade exotica uma aristocracia, mudaram-se os arraiais em cidades e os templos, pequenos e pobres, tornaram-se, de repente, grandes e opulentos. E apareceu então, com todo o esplendor, o barroco jesuítico lusitano, fruto da indole plástica

da raça. Esse agitado estilo artistico, por sua vez, era descendente de sucessivas decomposições arquitetônicas, processadas em seu país originario. Descendia do estilo romantico do Mosteiro de Alcobaça, do estilo gótico do Mosteiro da Batalha, e do estilo manuelino da Igreja dos Jerónimos de Belém.

Atravessando o Atlantico,

vindo para o Brasil, o barroco português sofreu ainda maiores modificações em sua estrutura. Devemos salientar a interferencia dos jesuitas nessa metamorfose. Os sectarios de Loiola, desejando adotar maior economia nas construções de suas igrejas, edificaram templos mais simplificados, com a característica das torres quadrangu-

MITOS DA AMAZONIA-O BOTO

DENTRE os multiplos mitos que povoam a Amazonia destacam-se, por sua amplitude e curiosidade, os referentes ao "Boto" — esse mamífero marítimo e fluvial conhecido da baía de Guanabara ao alto Amazonas. Mas só ali é que o nimbam duma auréola de prestigio, realçado por atraentes lendas que o envolvem num circulo fabuloso de magia e encantamento.

Sem utilidade e sem beleza, esse cetáceo da familia dos Delfinídeos, que só consegue chamar a atenção por suas acrobacias e piruetas na estelra das embarcações, adquire na Amazonia outras caracteristicas, apresenta-se com diferente personalidade, encarnado de um espirito novo que lhe infunde algo do fluido de Mefistófeles, com o condão de apresentar-se com a forma que desejar. Enquanto o Zeus Olímpico, deus antropomorfo que era, se sujeitava, ao desairoso papel de transfigurar em animal para conquistar as mortais por quem se apaixonava, surgindo ora como touro, ora como cisne, o lendario boto (mais presunçoso, quem sabe!) não se dá ao luxo, para consecução de identicos fins, de se transformar senão em ser humano e ainda assim num tipo de dotes físicos capaz de pôr em cheque qualquer galá apolíneo com quem tenha de confrontar-se.

O "Boto" é o D. Juan mitológico dos rios amazônicos.

E mais vastos do que os do namorado espanhol são os limites em que se desenrolam suas aventuras amorosas. Das lndas atlânticas, planície dentro, é seu e só seu o direito de bancar o Casanova. Transformado em gente, em guapo donzel, apresenta-se nas festas e nos terreiros de dança das casas ribeirinhas para cortejar e tentar as "cunhantãs" bonitas; e senão for descoberto a tempo pela incauta ou pelos

que a cercam e devem vigiá-la, é quase certo obrigada a donzela a arrancar os candidos botões de laranja que enfeitariam sua alvinhenta capela de noiva.

— Por —
ADELINO BRANDÃO

Misto de Brumel e de Fauno, aliam às labias donjuanescas a afoteza e maliciosidade de um sátiro, sendo porém mais de temer que este, pois não se limita a perseguir as imprudentes ninfas que penetram seus dominios sagrados, mas sai de seus reinos misteriosos e vem à tona e à terra em busca de vítimas para a sua cupidez ou para sacrificá-las em suas submersas e ignotas moradas.

Nas noites de luar, quando tudo é beleza, deslumbramento e enlevo, quando todos dormem e somente velam as mil vozes da natureza amazonica impenetravel, ouve-se, em surdina, bela voz de homem, que se vêm aproximando a entoar atraente canção. A voz do bardo sobrepõe-se ao coro que sobe da mata aos coxos, guinchos, assovios, pípicos e mil e um sons, enfim, onomatopoiicamente intraduzíveis que são as expressões vocais dos noctambulos habitantes da selva.

Ouvindo o seresteiro, a moça acorda e levanta-se encantada pela voz e pela melodia. E, descuidada, vem à porta onde se lhe depara tipo príncipesco e soberbo — o tipo de seus sonhos. Não podendo resistir, sai para o tefreiro e embebida nas palavras do cantor, que está finalmente trajado e transpira cavalheirismo val insensivelmente, caminhando nos braços del- em direção ao rio.

De repete, baixando os olhos, fixa os pés de seu príncipe encantado. Um grito de terror se lhe espaca: "O Boto!..." Como descobriria? Simples. É que seu pretense sedutor tinha os pés para trás, isto é, o calcunar voltado para a frente. A esta parte dos membros inferiores o boto não tem poder para camuflar. Preso ao tragico destino, como o pobre Pan que não podia encobrir os cornos, o metamorfoseado boto, para felicidade das caboclas ladinas, não pode desvencilhar-se desse traço que o identifica — os pés ao reverso.

Desmascarado, foge o enfeitador e mergulha no rio, donde reponta adiante já feito o animal que é. Com o focinho de fora, esguicha um filete de agua em direção à praia e se val cabriolando em zombeteiro cinismo à procura de outra "cunhá" ou "cunhantã" com quem espera ser melhor sucedido.

Não é sempre que a "tentada" pode escapar ileisa das artimanhas do :ereio. A's vezes quando os pais acodem aos gritos da filha, alvoraçados, já o conquistador logrou seu intento lubrico e o caso é mais um que val passar de boca em boca em toda a redondeza, ponde de sobre aviso todos os habitantes da beira do rio que tem filhas moças ou mulheres bonita, porque, segundo Antonio Tavernard:

"O Boto não dorme no fundo do rio seu dom é enorme quem quer que o viu que diga que informe se lhe resistiu."

Mesmo ainda depois de morto, continua o boto a fazer das suas. Por meio da "pajelanca" seus olhos secos se transformam em talismãs poderosos, (Conclui na 14.a pag.)

lares nos dois lados e o invariavel frontão na fachada inferior, ornada sempre de caprichosas e arabescadas volutas.

No ambiente brasileiro o barroco, pelo almento de um artefice como Antonio Francisco Lisboa, sofreu nova e bizarra revolução, ganhando maleabilidade até então desconhecida.

O Aleijadinho, recebendo em suas mãos mutiladas esse estilo surgido na Renascença, deu-lhe novo aspecto graças à original inspiração criadora do seu genio.

Mas os jesuitas, que lhe forneceram generosamente a materia prima para a sua labuta, isto é, essa arte barroca considerada por alguns estudiosos como decadente, não foram os unicos seguidores de Cristo que exerceram sobre o escultor um benéfico influxo. Grandes amigos do torreta foram os franciscanos. Estes, sem duvida, prestaram preciosos auxilios ao artesão, dando-lhe obras sacras como o "Speculum Humanae Salvationis", a "Biblia Pauperum", o "Livro de Horas" e as "Biblias de Veneza", não deixando tambem de mencionarmos, como fontes inspiradoras, diversas gravuras, incunabulos e manuscrito de livros antigos.

E já que estamos no capitulo das influencias, saliente-se que uma das leituras prediletas do sinzelador da pedra sabão era a Biblia. Neste imenso livro da humanidade, manancial de consolo para os sofredores, o Aleijadinho encontrava alivio para os seus tormentos físicos e espirituais, além de inspiração para as suas obras.

Entretanto, onde Antonio Francisco imprimiu com mais acentuada força a marca de sua influencia biblica ou religiosa, foi nas estatuas dos profetas e nas figuras dos Passos da Via Sacra, em Congonhas do Campo. Em qual fonte ele se inspirou para confeccionar as figuras dos profetas? Nas estatuas do Bom Jesus de Matosinhos, da cidade de Braga, em Portugal? Talvez. Ou teve como modelos os profetas existentes em Dijon, na Borgonha, esculpidos pelo flamengo Klaus Sluter? São incognitas. Nada podemos afirmar, e é preferível permanecer no terreno das conjecturas. Mas é possível que fossem os membros das irmandades os que davam ao Aleijadinho incunabulos ou estampas, onde ele, pederia inspirar-se para a composição dos referidos grupos de estatuária.

"Será possível — pergunta o padre Heliodoro Pires — que o artista houvesse passado a vida inteira sem que jamais um livro, um album, uma coletanea, um artista, um sacerdote erudito, algum filho do Velho Mundo, um conego Sousa Coutinho, arquiteto, reitor do Seminario de Mariana e penitenciario do Cabido, um padre João Soares de Araujo, iluminurista e arquiteto, um João Gomes Batista lhe falassem a respeito das belezas da arte religiosa que encheu tantos séculos na historia da civilização, e immortalizou a Idade Média?"

Não, em nossa opinião não é possível. Antonio Francisco Lisboa, forçosamente, teria de receber as benéficas influencias dos franciscanos ou de outros religiosos. E a prova desse contato não a temos, porventura, em suas produções? Elas não evidenciam a influencia do gótico e do bizantino, estilos acentuadamente religiosos?

E' tão preponderante o predomínio da religião na arte do Aleijadinho que não existe quase nenhum trabalho de sua autoria destituído de traço sagrado. Do meio dos seus florescões irrompem sorridentes cabecinhas de querubins. Surgem, das portadas de Igrejas, entre ornamentos, anjos, escudos, em resplandecentes cartelas, imagens de santos. Nos pulpitos de mole esteatita aparecem cenas bíblicas: "O Senhor pregando aos pescadores"; "O lançamento do profeta Jonas ao mar". Do maravilhoso chafariz da sacristia da Igreja de São Francisco de Assis, representando um franciscano de olhos vendados, até os magnificos altares mor e medallhões que pairam nos lugares mais altos das Igrejas mineiras, reflete em clarificações místicas a arte sacra desse artista enfermo e genial.



"SOL DE INVERNO" — Tela de Luiz Atílio Fiore

LIVROS E ENCADERNAÇÕES

MARCOS VIDIGAL

EM nosso país o fenômeno do livro, tanto no que se refere ao gênero pedagógico, como no que toca ao fato literário, vem a ser um problema de serias proporções e graves consequências. O livro brasileiro é apenas uma sombra de realidade que se dilui na vastidão da ignorância e na lonjura da planície inculta, sáfara e estorricada. O espantoso do analfabetismo, total e conflagrador, não permite que o livro se espalhe e se reproduza biblicamente pelo solo brasileiro. Não há literatura nacional, como poderíamos admitir na expressão conceptual do termo, porque somente uma minoria se entrega aos favores salutares e instrutivos da leitura.

Pobre livro nacional... Demasiadamente paupérrima é nossa literatura, por falta de leitores que lhe incentivem o movimento e lhe facilitem a expansão, que não é possível, quase, honrá-la com os benefícios de uma outra arte digna de nossas vistas, de nossos louvores, de nossa admiração. Quero referir-me ao delicado e incomparável processo de encadernar livros. Embora compreendido entre as artes menores, o trabalho da encadernação não é fácil de executar. Antes de tudo é preciso que o artista encadernador revele o gosto pela leitura intimamente casado a um apurado senso estético — que lhe faculte a capacidade criadora para valorizar, com um simbólico revestimento, o conteúdo da obra literária apreciada. A encadernação é uma arte simples se a considerarmos pelo seu aspecto de mera conservação, mas é tanto ingrata e difícil se reconhecemos que o revestimento de um livro deve obedecer a certos requisitos lógicos, harmônicos, emocionais. Estas condições valorizantes, que constituem os característicos essenciais para o estabelecimento de uma equilibrada criação, somente o artista encadernador as possui.

Compreendemos, assim, que nem todos que se dedicam ao trabalho de vestir brochuras podem ser considerados encadernadores, artistas, fazedores de arte sobre a arte alheia.

O traço fundamental de um livro podemos reconhecê-lo na sua aparência, na disposição de sua roupagem, que tanto pode ser desleixada como impecável. A capa de um livro — tal qual o homem bem ou mal trajado — completa a sua individualidade e podemos, logo à primeira vista, determinar a condição da sua natureza, o ângulo da sua existência, o plano do seu nascimento.

Se o valor de um livro no que respeita à sua textura, não menos importante e significativa deve ser a sua encadernação. Tanto isso é verdade incontestável que através dos tempos inúmeros têm sido os cultores dessa arte singela (pele o ofício), mas bastante expressiva pelo seu representante como detalhe literário condicional. Afamadas editoras empenham-se na apresentação exterior das obras que lançam no mercado.

Nenhum livro perde pelo encanto de suas capas, pela harmonia de suas formas, pelo equilíbrio de sua elegância e sugestividade. Os mais insigni-

ficantes argumentos literários, as produções, mediocres que sejam, alcançam uma determinada estimativa, desde que se verifique um acasalamento entre a arte de encadernar e a pallida essência de tais escritos. E a obra literária tem o seu valor redobrado pelo aspecto insubstituível de suas vestes exteriores. Vale a capa, embora o livro nada valha.

Ora, justificando a oportunidade e motivo da minha prosa em torno da nossa literatura minguada, em face das encadernações, venho lembrar o nome de Catharina Mark. Hungara de nascimento, mais brasileira do que estrangeira, porque radicou-se em nosso país há vários anos, residindo em São Paulo, ali no centro, na Avenida São João, é ignorada pela família cultural brasileira. Inclusive pela maioria de nossos escritores, os quais possuem, alguns deles, sem o saberem, diversos livros personalizados pelo gênio inspirador de Catharina Mark. Porém, a ignorada artista se recompensa deste esquecimento decorrente de um ambiente cultural depauperado, pois que o seu nome e o seu trabalho vararam as nossas fronteiras. A imprensa europeia, os bibliófilos de além-mar e todos os que se ocupam das coisas estéticas sabem onde se encontra a competente artista, comentando, vez ou outra, as suas preciosas criações. Numerosas bibliotecas estrangeiras possuem trabalhos seus, principalmente a do Vaticano, em cujas estantes poderá ser encontrado o livro "Famílias Consagradas ao Sagrado Coração de Jesus", ostentando portentosa encadernação.

Ha pouco tempo, inadvertidamente, visitei a sua exposição particular, quando me foi dado ensejo para apreciar, pela primeira vez, o seu requintado bom gosto, exteriorizado, nas capas de cada livro, em formas sintéticas, definidas e admiráveis o tema de que se compõe. Tocada de extrema sensibilidade, tenho frequentado a universidade de Budapeste, possuindo lustros das academias da Alemanha, da Austria, da França, da Inglaterra, Catharina Mark sabe interpretar o espírito dos livros, sentir-lhes o amago e, com a sua capacidade de composição, determinar a cada qual as suas respectivas personalidades por meio de originais encadernações. Desenhista e pintora de largos recursos técnicos realiza verdadeiras obras primas. Cada livro que passa pelas suas mãos sai com o seu peso exato, com a sua alma, com a sua fisionomia, põe à mostra o traço vertical da sua natureza, romântico ou realista, sentimental ou irônico, alegre ou triste, amoroso ou cruel, pesado ou leve, religioso ou ateu, ingenuo ou malicioso.

As obras literárias que encaderna adquirem as suas inconfundíveis características e reconhecemos, então, o verdadeiro teor da literatura. E o escritor, que tenha a rara felicidade de encontrar um livro seu encadernado pela artista Catharina Mark, pode estar certo de que a honra de o haver escrito não supera o valor artístico e interpretativo das maravilhosas capas que o envolvem.

TRONCOS ALIENIGENAS DE FAMILIAS DA ILHA DA MADEIRA

Por Synesio Trindade e Melo

NA cronica passada foram citados os nomes de varios emigrantes italianos, atridos pelas vicissitudes da vida para as solidões do Atlantico, o então temível Mar Tenebroso, e que se tornaram troncos de familias nas ilhas da Madeira e do Porto Santo. Não foram apenas filhos da península italiana os alienigenas aportados àquelas paragens perdidas no fim do mundo antigo. Elementos de outras terras acorreram, levados pela ambição ou por amor à aventura, não só à Madeira, como também aos Açores, descobertos alguns lustros mais tarde por navegantes lusos. Há historiadores que afirmam ter sido os Açores descobertos por um marinheiro holandês, Van der Berg, arrojado àquelas ilhas por uma tempestade. Os Açores formam um conjunto de nove ilhas. Duas destas, São Miguel e Santa Maria, foram ocupadas e povoadas pelo comendador do castelo de Almourol, da Ordem de Cristo, frel Gonçalo Velho Cabral em 1444, que foi o primeiro capitão donatario de São Miguel. Para os Açores foram mandados colonizadores portugueses e muitos flamengos. O primeiro capitão donatario da ilha de Faial era flamengo — Jobst Van Heurter, corrompido pela lingua portuguesa em Jorge d'Utra (de onde vêm os apelidos Utra, Dutra e Dultra, muito comum em nosso país).

Um dos primeiros povoadores da ilha de São Miguel era da estirpe dos Botelhos, de Portugal. Chamava-se Gonçalo Vaz Botelho, e passou para esta ilha com sua familia em 1445 ou 1450, por ordem do infante d. Henrique. Este Gonçalo Vaz Botelho era o quinto avô dos irmãos Francisco de Arruda Sá, André de Sampaio Arruda e Sebastião de Arruda Botelho, troncos de numerosas e illustres familias paulistas. E' o caso de também citar aqui outro ilheu com imensa descendência em São Paulo: Pascoal Leite Furtado, natural de ilha de Santa Maria dos Açores, que veio em 1599 a São Vicente com d. Francisco de Sousa, fidalgo de linhagem, casou com Isabel do Prado e faleceu em sua fazenda situada em Pinheiros, São Paulo, em 1614.

Um ancestral ilheu, que diz muito de perto aos inumeros Camaras do país, foi João Gonçalves Zargo, natural de Matosinhos, fidalgo da casa do infante d. Henrique e um dos mais experimentados capitães a serviço deste príncipe. Este navegador e seu companheiro, Tristão Vaz Teixeira, quando tentavam a passagem ao sul do cabo Não, nas costas da Africa, foram arrojados para o mar largo por forte ventania, até a uma ilha desconhecida, à qual deram o nome de Porto Santo (1418). Posteriormente, descobriu Zargo a Ilha da Madeira, de uma parte da qual (Funchal) foi o primeiro capitão donatario.

Voltando ao assunto desta cronica, vamos dar a conhecer alguns alienigenas que passaram para esta ilha e outras, pelos seculos XV e XVI.

Os Bettencourts da Ilha da Madeira procedem de Henrique de Bettencourt, que ficou com o senhorio das Canárias, por morte de seu pai, Reynaldo de Bettencourt, que se intitulava rei das Canárias. Este era irmão do famoso João de Bettencourt, gentilhomem francês, que conquistou as Canárias e proclamou-se rei delas.

Os Drummond das ilhas descendem de João de Drummond, natural da Escocia, filho de outro João de Drummond Stobal, este, irmão de Arabela, rainha da Escocia; de Malcom de Drummond, conde de Marren. Por morte de seu pai, João de Drummond, de espírito cavalleiresco, percorreu varios países da Europa como cavalleiro da fortuna. Esteve na França, depois em Granada, onde pelejou contra os mouros, acabando por ficar na Ilha da Madeira. Constituiu familia e deixou numerosa descendência.

D. Garcia Henriques foi o tronco dos Noronha da ilha. Era castelhano, natural de Se-

vilha, filho de d. João Henriques e de Rita Mirabel, neto de d. Diogo Henrique e bisneto de d. Afonso de Noronha, conde de Gijon.

Outra figura lendaria de cavalleiro andante, foi o denominado Henrique Alemão, o "Cavalleiro de Santa Catarina". Tinha por insignias em seu brasão d'armas a roda de Santa Catarina e dizia ter sido armadão cavalleiro no templo do Monte Sinai, quando andava peregrinando pelo mundo. Segundo a lenda que corria a seu respeito, Henrique Alemão era príncipe polonês e esteve na batalha travada entre poloneses e otomanos, em 1444, na qual foi vencido Wladislau, rei da Polonia. Nesse duro transe, Henrique Alemão fez promessas de penitência se não fosse morto na luta. Tais promessas, ele as cumpriu, peregrinando por varios lugares santos, vindo, finalmente, asilar-se na Ilha da Madeira, onde constituiu familia. O interessante é que ele ocultou a sua qualidade de príncipe e recusou voltar à Polonia, quando descoberto o seu refugio pelos que andavam à sua procura.

João de Valdivesso foi o primeiro deste nome que passou para esta ilha; era fidalgo de linhagem, natural de Toro, Castela, descendente dos senhores de Torre Padierna, grandes de Espanha. Seu filho Pedro Valdivesso casou na ilha e teve grande descendência.

Os Mialheiros descendem de uma antiga e, possivelmente, extinta familia da Galiza. Os primeiros que vieram para a Madeira foram Pedro e Antonio Mialheiro, netos de João Gonçalves Mialheiro, a quem d. João I mandou passar carta de nobreza.

João Rodrigues Mondragão, o fundador da familia desse nome na ilha, era natural do reino da Biscaia, filho de Garcia de Mondragão, com solar no vale de Artazubiaga, na provincia de Guipuscoa.

Outro tronco ilheu de origem espanhola, doutor Pedro Berenguer de Leminhana, descendia "da geração e linhagem", dos Berenguels de Laminhana, fidalgos de cota d'armas do reino de Valença e Catalunha. Passou para a Ilha da Madeira no ano de 1500. Era fidalgo da casa real portuguesa e cavalleiro da Ordem de Cristo. Muitos dos seus numerosos descendentes vieram para o Brasil; seu bisneto, Francisco Berenguer de Andrada, e o tenente Belchior Berenguer de Andrada e os irmãos desta toma-

ram parte na guerra contra os holandeses em Pernambuco.

O tronco dos Esmeraldos era flamengo. João Esmeraldo, fidalgo da casa real de d. Manuel de Portugal, que se mudou para a Madeira em 1480, procedia da "linhagem e geração dos Esmeraldos e dos Dallevagna, e da casa de Pienes e da geração de Rodouchel, todos de antiga linhagem da Picardia, Flandres e Brabante.

Mas, de todos os troncos flamengos das ilhas que mais de perto nos toca, é o dos Lemes, cujos descendentes se multiplicaram no Planalto e tiveram papeis preponderantes nos fatos da nossa historia. Ao tronco dos Lemes paulistas, procedente da ilha da Madeira, filia-se a maioria da "gens" bandeirante.

A respeito desse ancestral flamengo, escreveu Silva Leme, na sua monumental "Genealogia Paulistana":

"A familia Leme que da Ilha da Madeira passou à villa de São Vicente pelos anos de 1544 a 1560, prendia-se à antiga e nobre familia que possuía muitos feudos na cidade de Bruges, do antigo condado de Flandres, nos Países Baixos. Seu primitivo apelido em Flandres era — Lems, que significa argila ou greda (barro fino e delicado); com o que esta familia quis salientar a sua nobreza entre os seus compatriotas; em Portugal este apelido foi corrompido em Lemes e Leme.

Seguindo o ramo que nos interessa, o qual passou de Flandres a Portugal, e daí à ilha da Madeira, começaremos por Martim Lems, cavalleiro nobre e rico, que foi senhor de muitos feudos na cidade de Bruges; foi casado e teve entre outros filhos: Martim Lems, que passou a Portugal, e Carlos Lems, que foi almirante na França".

Mais abaixo, referindo-se ao neto do segundo Martim Lems, prossegue:

"Martim Leme (o terceiro) que, com carta de recomendação do infante o duque d. Fernando (senhor da Ilha da Madeira) à Camara de Funchal, passou em 1483 para aquela ilha, e faleceu no Funchal, onde foi casado e deixou dois filhos: Antonio Leme (que segue) e João Leme (sem geração).

Deste Antonio Leme, que foi casado com Catarina de Barros, foi neto Pedro Leme, que passou da Ilha da Madeira para São Vicente, com sua filha Leonor Leme, casada com Braz Teves, antes do ano de 1550.

UM SONETO E SUA TRADUÇÃO

QUE TARDE!

De ALFREDO C. FRANCHI

Que tarde apareciste em mi camino,
delicada vision!... ¡Con qué tristeza
contemplaron tu pálida belleza
mis ojos de cansado peregrino!

Te encontré cuando ya un acaigo sino
derrumbó mi pujante fortaleza,
y el invierno ha enredado en mi cabeza
el dolor de sus hebras de platino...

Aunque lo quiera el corazón, no puedo
decirte que te adoro y tengo miedo
de mirar tus pupilas fijamente.

Mas siempre, en el santuario de mi vida,
serás, como una lámpara encendida
sobre las aras de mi amor ardiente...

QUAO TARDE!

Tradução de Helle C. Teixeira

Quão tarde apareceste em meu destino,
delicada visão!... Com que tristeza
contemplou tua pálida beleza
meu olhar de cansado peregrino!

Ao ver-te, minha própria fortaleza
tombava ante implacável desatino,
e era mais triste que o planger do sino
meu caminho tão cheio de aspreza!

Mas, hoje, o coração guarda segredo,
sem confessar que te amo e tenho medo
de fitar os teus olhos longamente!

No santuario, porém, de minha vida,
serás a luz eterna, refletida
no altar singelo deste amor ardente!

Os cegos

De LUIZ JARDIM

QUANDO o velho Borges botou a cabeça fora da janela, sentindo o tempo, a barra da manhã nascia na serra do Tará. O cinzento da madrugada diluía-se no clarão que vinha surgindo, e o chão, distante, ia tomando formas entre as sombras da mataria detrás de casa. Na frente, na burra-leiteira onde se amarravam os cavalos, os passarinhos cantavam.

O velho afastou-se da janela e reapareceu ao cabo de um instante, com uma cula na mão. Lavou o rosto, bochechou água, tirando o mingau almas. Apanhou detrás da porta um molambo, esfregou-o na cara e o sangue veio forte à superfície da pele avermelhada. Os olhos azuis, miúdinhos, apertavam-se para enxergar melhor, porque a casa ainda estava toda no escuro. Ninguém mais havia se levantado ainda. O velho vaqueiro tomou a sua pitada de tabaco, pigarreou e bateu na porta da camarinha:

— Acorda, Marica, que é meio-dia!

Foi depois à do sobrinho e bateu, levantando mais a voz:

— Avia-te, Joaquim, senão se chega lá de noite!

Passou à sala de frente, abriu as janelas, apanhou os facões pendurados dum tórno, as duas foices encostadas na forquilha do pote, e saiu.

Dai a pouco Joaquim, de arredor na mão, dirigiu-se ao curral. Passou pelo velho Borges e pediu-lhe a benção ainda meio estremunhado, bocejando, tonto de sono. Adiante deu uma topada num tóco e soltou uma praga e aconselhou:

— Bate com a mão na boca, Joaquim? Quem sabe lá se não é alma penada pedindo reza!

Joaquim prosseguiu, sem dizer nada. Zumba, seu irmão mais novo, veio em seguida. E passou fungando, tremendo de frio, tomando a benção entre os dentes cerrados.

— "Bença", tio Borr!

O velho abençoou-o. E de cócoras, com uma cula d'água ao lado, amolava as foices na pedra encravada nas raízes da burra-leiteira. Sabia da altura do sol, sem levantar a vista, pela sombra do próprio corpo projetada no chão ainda meio escuro. Sem levantar a cabeça, afixando as foices, gritou:

— Vocês estão remançando, preguiças! Olhem o olho do sol lá em cima!

Dai a pouco D. Marica chamou o marido:

— O café está pronto, Borges!

Depois de amolados, o velho enxugou as foices e os dois facões numa estopa velha, encostou a cula d'água na parede com as galinhas e entrou em casa. Sentou-se junto da mesa, descansando um pé sobre o banco vasto de tábuas de facheiro. Com pouco mais a mulher trouxe a comida. O café cheiroso vinha quase fervendo na marmitta. E os três cuscús de milho, em pratos separados, fumegavam, quentinhos ainda. O velho quis apenas uns goles de café temperado com rapadura. Quando os dois sobrinhos chegaram, Zumba com um potinho de leite na cabeça, e o tio foi logo recomendando:

— Vai depressa, Joaquim, não vamos brincar não! É de noite!

D. Marica botou café para os dois sobrinhos, empurrou os cuscús para junto deles e lembrou ao marido:

— Foi o último punha-

do de milho. Borges! Amanhã não tem mais cuscús.

Joaquim tomou dois goles de café, tirou com uma colher um pedaço de cuscús, seco como beijú velho, e botou no prato de fiandres. O velho saiu da mesa. Consertava a corrente da alpercata na claridade da porta, e de lá recomendou novamente ao sobrinho:

— Toma logo isso, Joaquim! Hoje o corte é lá na Serra de Dentro.

O sobrinho enguliu os últimos pedaços do cuscús. Bebeu o resto do café, fez depressa um cigarro de palha, entrou na camarinha e de volta disse ao tio:

— Podemos ir andando, tio Borges.

O velho indagou:

— E ela como vai passando?

Joaquim respondeu sêcamente:

— Vai sem novidade.

O velho perguntou também pelo ceguinho que dormia ainda. O pessoal de casa tomara café depois. Umbelino, o cego grande, estava sentado no chão, num canto da sala. Os dois vaqueiros, prontos, botaram a tirocolo os velhos bisacos de caça, onde d. Marica já havia posto cuidadosamente a merenda, tomaram as foices e partiram.

O sol queimava o lombo, apesar de tão cedo. A garrafeira seca do mato mal dava sombra ao caminho. A estrada era boa, légua e tanto. Os dois marchavam calados, o velho na frente e o sobrinho atrás. As alpergatas sacudiam a areia esturricada, estalando nos calcanhares como matraca de mascate. Os calangos e as lagartixas, esquentando sol, fugiam do barulho dos passos e metiam-se pelos garanchos rasteiros.

Desceram um altozinho de pedra, bem no meio do caminho, de onde se via o cinzento cerrado dos esqueletos das árvores perdidas lá no baixio. Vistas a distancia, pareciam uma nuvem de cinza. Nenhuma folha. Nenhum talo verde. Lá um ou outro pé de xique-xique ou mandacará isolado, já cortado, com os espinhos amontoados no tronco. Eram esses tons verdes as únicas manchas de cor viva no sertão.

Adiante, próximo duma cerca velha, ouviram um chocalho perdido no meio do mato seco. O velho Borges estacou, pôs a mão no ouvido, afinando-o. Quando o chocalho badalou de novo, o velho disse ao sobrinho:

— É de rês deitada. Se não me falham as oíças, culdo que é o chocalho da vaca combuca. Essa não se levanta mais. Também ali o urubú não tem mais o que comer.

— É dela mesmo, padrinho. Ontem de tarde ela estava ali debaixo daquele imbuzeiro. E não dou mais dois dias p'ra ela esticar as canelas. Fiz tudo. Até milho cozido eu dei. A purga de cabacinho foi mesmo que nada. E sabe duma coisa, tio Borges? — continuou Joaquim, fingendo a história — também já deu o que tinha de dar. Oito crias, gado miúdinho, e o leite é pingado.

O tio não disse nada, não lamentou aquela perda a mais. Rês morta, naquele tempo, era tão natural como o dia ou a noite.

Essa, entretanto, não seria a última, nem era uma das primeiras. O gadinho do velho andava pela metade. Mas ele estava acostumado. As secas foram suas companheiras desde a meninice. Dono da fazenda em que morava, já homem feito, lidara com tantas, que até se perdiam na memória. Era natural, fazia parte da vida do sertão. Um dia caíria a chuva, e as secas ficariam para trás como rastros antigos esquecidos no pó das estradas. O velho pouco se importava com o que não tinha mais jeito. Cuidava somente da vida, do restante, prevenindo perdas maiores.

A vaca combuca ficava-se para trás, no seu canto, de onde não haveria mais de se levantar. E eles dois seguiram o seu caminho, de foice no ombro, para o corte do mandacará. Outras reses esperavam lá a ração, graças à qual talvez pudessem ainda atravessar a secca devastadora. Bons dias viriam. Tudo enverdeceria, haveria de prosperar e, graças aos poderes de Deus, os cuidados não seriam para a morte, mas para a vida.

Aqui e acolá encontravam rastros de fogo, marcas dos lugares onde já haviam assado mandacará. Espalhados, às centenas, viam-se galhos ressequidos, roídos até o âmago pelo gado faminto. Frequentemente uma ossada se destacava no cinzento da terra. Não se via um pássaro, um animal do chão. Tudo sumido, arribado em outras terras onde houvesse ainda um pingo d'água, uma folha verde. Os urubús também escassos, perdidos no alto do céu. O gado que morria era o pior dos pastos, o couro seco ligando à carne magra e endurecida. Não virava carniça, sob o sol escaldante, e resistia às bicoradas dos bichos nojentos. Pelos descampados, à beira do caminho, encontravam vez por outra reses paradas, de olhos tristes, a barriga agarrada no espinhaço, esperando pacientemente onde surgisse uma fumaça. Era para lá que se encaminhavam, como animais ensinados. Gado manso arrasado, de instinto mais aguçado pela secca terrível. Garrotes miúdos, de chifres enormes em cabeças mirradas, acompanhavam os vaqueiros como cachorros de casa. Tudo manso, camarada. Nas derrubadas não se viam duas reses se escornando, lutando por um tacho de mandacará. Todos esperavam resignadamente a ração. E uma rês não avançava no bocado da outra.

Formavam-se naturalmente os magotes, uns aqui, outros acolá, roendo os galhos quelmados. Os dois vaqueiros trabalharam até meio-dia sem descanso, molhados de suor. Quando as sombras ficaram a prumo sob os corpos, o velho falou:

— Meio-dia, Joaquim. Vamos.

Merendaram sob um mandacará esgalhado, alto, de sombra incerta no chão quente. Deram uns cochilos, engulidos os bolões de farofa com carne secca. Depois retomaram o trabalho até ao pôr do sol e

voltaram, mais mortos do que vivos.

Na meia-noite, um foguinho de cabeças de candeeiro seco ardia no meio da sala da frente. O sobrinho de d. Marica, o cego Umbelino, entranchava ainda a corda de sedenho de boi. Ouvindo as pisadas dos dois homens se aproximando, levantou a cabeça, como se visse. O velho entrou, suspirou e caiu na rede. Joaquim passou um rabo de ôlho em cima do cego e seguiu direito à camarinha. Antes da meia-noite lavaram o rosto, refrescando-se do calor do sol que ficara na pele tostada. Engulida novamente a mesma comida do almoço, o velho veio esquentar fogo, deitado na rede. Joaquim sentou-se defronte dele, num cêpo. Mariana, a mulher de Joaquim, veio, arrastando para a mesa, tomar um caldo. Estava pálida e fraca. O aborto arrasara-a. E o primeiro filho, o ceguinho de cinco anos, veio agarrado à sala da mãe. As perninhas se levantavam, incertas, como se evitasse tropeços. Entretanto passara direitinho sobre o batente. Parecia contar os passos, calcular a distancia. Buchudo, magrinho, fungava constantemente, sungando de novo para as ventas o sujo que escorria, teimoso.

Joaquim, vendo-a, mexeu-se no cêpo. O cego Umbelino, como um boi espantado, levantou o pescoço, escutando. Ninguém falava. E sem nenhum barulho na sala, ouviam-se perfeitamente o resfolegar do velho, entupido de rapé, e o arrastar da colher no fundo do prato de metal. O velho Borges indagou:

— Estás melhor, Mariana?

— Estou quase boa, meu tio — respondeu a enferma, de voz sumida.

O velho em seguida chamou o menino e perguntou:

— E tu, que fizeste, ceguinho?

— Fiz uma cordinha das sobras de sedenho que primo Umbelino me deu.

Joaquim estremeceu. E a cabeça trabalhou: "Primo! Primo, uma desgraça!" Teve vontade de assentar o couro no filho, de botar o cego grande para fora. Não queria os dois juntos, já tinha dito à mulher.

O velho Borges, entretanto, interviera no dia em que ele dera a ordem, dizendo:

— Deixa o corninho, Quinca! Os infelizes se entendem melhor um com o outro do que com a gente!

Se não fosse o medo, o grande respeito pelo tio, teria proibido que se juntassem mesmo se fosse preciso meter o pau. Joaquim era um bicho, um bruto. De cabeça dura, nos miolos não havia outra coisa senão aquela idéia: os cegos. E ali, sentado no cêpo, o unico pensamento que lhe vinha martelar o juízo era aquele. Era o ato perfeito dum animal, engulindo de dia e ruminando de noite, quase por instinto, o alimento torturante da cabeça teimosa. Por que diabo teria nascido cego o seu filho? Ele o pai, não tinha os dois olhos bons, vendo tudo? Teria pegado com o cego grande? Mas Umbelino

também era cego de nascença, dizia a tia. Talvez má forte, gente pobre era sempre sujeita a tudo. Talvez outra coisa. Outra coisa! E Joaquim ficou ruminando a outra coisa, possível causa também da cegueira do filho.

O velho, aos poucos, sentindo o calorzinho do fogo, foi caindo num sono mole, um sono bom na rede suja. "Camorim", de rabo cotó, imitava o dono, enroscado na beira da fogueirinha. Mariana já estava espichada na cama, com o ceguinho de lado. D. Marica dormia na camarinha, Zumba no seu girau, na cozinha. E Umbelino, o ultimo que se deitava e o primeiro que sentia o nascer do sol, embora não lhe visse a luz, continuava a entranchar os cabelos de rabo de boi. De vez em quando parecia espantar-se e levantava a cabeça. Os olhos grandes parecia espantar-se e levantava a cabeça. Os olhos grandes e limpidos, sem direcção certa sem fixar-se em coisa nenhuma, rondavam nas órbitas inutilmente. Percorrendo o ambiente que não viam, passaram em cima de Joaquim, como passavam em cima de todas as coisas.

Joaquim danava-se com esse costume do cego. Por que, por que diabo mexer com os olhos se eles não viam nada? Seria que o cego enxergava uma res-tazinha qualquer?

Não, não via nada. Cego devia ter pestanas e a capelo do ôlho cerradas, e a vista morta sepultada lá dentro. Quem tinha braço ou perna podre, cortava; quem tinha raco de dente, arrancava. Bem assim devia ser olho cego; pregado com as pestanas. Para que se abrirem? Viam? Sem serventia, só prestavam mesmo para agoniar a quem os olhava, com aquela expressão indecisa, parada, comum aos olhos cegos. Só prestavam para fazer agonia e raiva. Raiva de não saber se a cegueira do filho fora pegada com a de Umbelino; raiva de não saber se eram ceguerras iguais; raiva de não saber se a cegueira do menino era filha da cegueira do homem. Matutando a ultima coisa, Joaquim deu um murro com toda a força na perna. Umbelino estremeceu, deixando cair a corda trabalhada, dirigindo os olhos para o lado do barulho. Joaquim interrogou, em voz alta e com raiva:

— P'ra que diabo tu botas p'ra cá estes teus olhos mortos, Umbelino, se essas desgraças não vêm nada?

O cego não deu resposta, fez uma cara de riso desconfiada, e ficou tateando o chão com os dedos magros e tremulos à procura da trança de cabelos.

O velho Borges remexeu-se na rede, acordado pelo vozeirão do sobrinho. Espreguiçou-se, abriu a boca desdentada, percorreu o ambiente com os olhos miúdinhos. E, meio incerto, de vista enevoada da soneca, distinguiu os olhos acesos de Joaquim, onde o reflexo do fogo punha manchas vermelhas. Ai o velho, como se se lembrasse de uma coisa importante, levantou-se ligeiro da rede e inquiriu:

— E tu não cochilaste não Joaquim?

— Não senhor!!! Ouvindo a voz do velho, o cego suspirou. Encostou na parede o material das cordas, encolheu as pernas e ficou esperando. O velho Borges ordenou:

(Conclui na 14.ª pag.)



Venceu S. Paulo a revolução de 32?

1.º Premio do Concurso I Centenario do "Correio Paulistano"

1) BALADA DA LIBERDADE

"Pro Brasilia Fiant Eximia" — quatro palavras apenas, mas que encerram discursos! Traduzem elas o amor à Patria, exprimem patriotismo, que não tem fronteiras, mas que reside no coração de um povo, para quem patriotismo representa o mais sagrado dos sentimentos, a mais nobre das inspirações.

"Pro Brasilia Fiant Eximia" — palavras que ainda não enchiam a boca dos brasileiros, mas que já lhes bailava no coração. Sim, bailavam essas palavras no coração dos brasileiros de 1822; nossos patriotas de 1889, e, a 9 de julho de 1932, mais uma vez, os acordos inconfundíveis fizeram-se ouvir, ritmado marcialmente a "Balada da Liberdade" — o hino vibrante, cujas notas foram ouvidas por milhões de brasileiros, mas encabeçados por aquele que se tornaria, então, o Estado líder da reconstitucionalização: o Estado de São Paulo — o pioneiro do Brasil...

Vencedora a Revolução de 30, implanta-se a ditadura: um país, sempre tão fiel aos princípios constitucionais, inteiramente submetido a um governo de opressões e injustiças.

E dentre os Estados que se depauperavam com o agonizar cruciante da democracia, São Paulo, o Estado legalista por excelência, era o que mais se via atingido pelo dardejear ditatorial. Mas todo o Brasil sentia a opressão diabólica que a ditadura exercia: foi abolida a liberdade de imprensa, suprimido o direito do voto, e, sobretudo, extintas as Assembleias.

São Paulo sempre se manifestou contra a ditadura: ele é que iniciou, como veremos, a campanha contra o novo governo; ele é que sempre esteve à frente de toda e qualquer manifestação a favor da lei; ele, afinal, é que bradou, mais uma vez: Avante, Brasil! Avante, brasileiros...

2) VIVA S. PAULO... VIVA O BRASIL!

São Paulo via, a cada instante, o murchar das pétalas da flor da democracia. Sentia-se o Estado Bandeirante como que um passaro preso numa gaiola de paredes movediças, que se estreitavam cada vez mais, sufocando a pequena e indefesa vítima. E, então, não suportando mais a tirania a que se via entregue, resolve ir ao campo de luta, dar sua vida, se pre-

JOSE' ALEXANDRE DOS SANTOS RIBEIRO
(Aluno da 4.ª Série Ginásial do Colegio Diocesano "Santa Maria", de Campinas)

ciso fosse, por um Brasil livre e democratico.

Já, então, no início do ano de 1932 iniciaram-se os preparativos para a luta, e



José Alexandre dos Santos Ribeiro

todos numa ansia contagiante de cooperar, dedicaram-se, de corpo e alma, a tudo que se relacionasse com o combate à ditadura. Sim, todos queriam que, mais tarde, seus filhos pudessem dizer, orgulhosamente:

— Meu pai foi um constitucionista; meu pai lutou pela liberdade de seu país.

E, realmente, os filhos dos bravos paulistas de 32 podem dizer-lo, pois seus pais foram constitucionistas e lutaram pela liberdade do Brasil.

Mas, desde bem antes do início da revolução já São Paulo foi palco de episódios de grande heroísmo e emoção: a 23 de maio, por exemplo, realizava, o povo bandeirante uma passeata pelas ruas da cidade. Em dado momento, porém, quando a multidão atingiu a praça da Republica, pela rua Barão de Itapetininga, desencadeia-se, covarde e inespavelmente, uma verdadeira "chuva de balas", naquela gente surpresa e indefesa. Como era de se esperar muitos são feridos, e, dentre eles, caem mortalmente os quatro primeiros mártires da Revolução: Martins, Miragaia, Drausio e Camargo. E, em honra destes homens, funda-se uma entidade de auxílio às forças paulistas, batizada com as iniciais dos quatro heróis: M.M.D.C.

Este acontecimento desolador, que marcou o início das páginas escritas a sangue, deste trecho da Histo-

ria Paulista, só serviu para instigar, ainda mais, naquelas almas torturadas, a idéia da represália.

Começam, então os preparativos, propriamente ditos, para a Revolução, em que tomariam parte não só as "forças" de S. Paulo, mas, isto sim, o "povo" de São Paulo.

E todos — do mendigo ao milionário, do neto ao avô, todos deram a sua contribuição para este (porque não dizer?) movimento libertador. Sim, faltavam soldados, e os paulistas alistaram-se como voluntários; faltavam apetrechos belicos, e os paulistas fabricaram-nos; faltavam jardamentos e as mulheres paulistas dispuseram-se a sair de suas casas, para, uma vez reunidas, confeccionarem fardas, cinturões, e demais complementos indispensáveis à indumentaria militar; faltava dinheiro, e os paulistas despojaram-se de seus valores, desde taças esportivas, até jóias riquíssimas e mesmo santos de ouro e prata, totalizando centenas e centenas de quilos de metais preciosos, com que se arranjariam fundos para a Revolução. Não faltava, pois, animo ao bravo povo bandeirante mas se faltasse lá estava a criança paulista, organizando pequenos "batalhões" ou fazendo pequenos, mas eloquentes discursos em plenas praças publicas da capital bandeirante.

Finalmente, a 9 de julho, desse ano de 32, todos viram os soldados que marchavam, pela cidade, em direção aos campos de batalha; todos viram a valerosa Força Publica Paulista, desfilando, garbosamente, pelas ruas que levariam ao encontro do inimigo; todos viram os aviões paulistas, que partiam do Campo de Marte, todos viram, afinal, os tanques e os canhões paulistas, que pareciam gritar, ao inimigo, a cada volta de suas rodas.

— Saíam! Queremos a Liberdade!

Mas os ditatoriais pareciam não ouvir, e começaram, então, a luta: eles embora com consideravel superioridade técnica e numerica, não tinham o sentimento que embalava os constitucionistas, e episódios, como o Tunel da Mantiqueira, bem atestam o heroísmo com que os bandeirantes enfrentavam o perigo.

Mas era evidente a nossa inferioridade belica, e depois de três meses, em setembro, pois, perdem os paulistas, para as forças fe-

QUEM ENTESOURA PARA SI...

ALVARO DE CAMPOS

De uma arvore humbrosa e calma à beira do caminho, que hospitaleiros galhos distendia ao redor, vivida do chilrear dos passaros cantores,
Jesus parou à sombra. Arduos têm sido seus trabalhos,
(A seara é grande, poucos os trabalhadores...)
Da longa caminhada e das curvas que oparcra, tem a fadiga,
como um selo de bronze, sobre as palidas faces estampada.

O Mestre explana,
Explana e clama! É energia e é clemencia...
Simplex, fala com retumbancias de singela e desmedida eloquencia sobrehumana,
capaz de estremecer uma coorte romana!
(Mas tão comprensiva aos pequeninos...)
Seu Verbo é uma clara caudal que se precipita de arejados planaltos para os vales sorvedouros.
É um clarinar que vem de afastadas distancias.
Clamor que emerge do subeolo dos milenios e retumba pela aboboda infinita dos milenios porvindouros.

Delicadas, longinquoas resonancias amortecidas, são como um fundo esmaecido de liturgicos modulos de cítaras...

E vai que, de em meio à multidão, um homem grita:
— "Mestre! rogo que ordenes, a fim que se permita que meu irmão reparta comigo a herança deixada por meu pai!"

E Ele, que da longa caminhada o esforço sente, sente inda mais que alguma coisa agora o coração lhe quebranta e desola.
— "Homem, quem ousa (interpela) fazer-me juiz partidador entre vós?"

Tem um momento de profundo recolhimento.
Depois, a Idéia evolva a paragens ignotas. Com energia adverte:
— "Guardai-vos da avareza!
"que quem aqui, na terra, o ouro, os bens, a riqueza acumula,
"tem para com Deus sua alma perdida!"

E, após, esta sabia parabola formula:

"Terras de rico homem prosperaram,
"certo ano, e em tantos, tantos frutos abundaram,
"que ele consigo mesmo discorria:
— "Que hei de fazer? Agora meus celeiros exiguos são! Certo, disto por via,
"tenho de demolir-los inteiros!
"E reconstrui-los multiples e imensos!"

"Então, dos frutos meus toda a abundancia
"recolherei! dizendo, com instancia,
"a minh'alma, e a felicidade de um príncipe:
"E pois que eu hei de ter,
"por longos anos, frutos em deposito,
"minh'alma, de proposito,
"com teus vizinhos e convivas
"regala-te em banquetes, no vinho e no prazer!"

"Mas, Deus se lhe interpõe: "Es insensato e louco!
"Em que consiste, nisto, a tua gloria, a tua palma?"

"Cego! não vês que, dentro em pouco,
"vai ser-te erigida essa tua atna?!"
"E de quem serão os frutos teus?"

Assim increpa e, com tranquilla calma, Jesus conclui e ensina: — "Quem, em terrena dobsdoura, bens para si mesmo entesoura, nenhuma riqueza tem para com Deus!"

(De "Rosas do Rosal de Nosso Senhor", para breve, com apresentação de Plínio Salgado.)

UM FILME FRANCÊS SOBRE A PINTURA

(Conclusão da 1.ª pag.)
mara pode prestar espectador: — ela amplifica o poder penetrante dos órgãos visuais e lhes permite livrar-se das testeiras a eles impostas pelos habitos da visão quotidiana.

Somente a camara, como bem compreendeu Pierre Alibert, é capaz de mostrar o poder criador do processo consistente em justapor, num mesmo plano, objetos habitualmente vistos no espaço, revelando-nos como a intersecção das linhas e das formas produz realmente uma harmonia nova; de igual modo, o lugar ocupado pela cor na arte cubista é ilustrado segundo o mesmo principio: o filme mostra,

derais. Mas perdemos apenas a luta das trincheiras, dos canhões, mas ganhamos a luta do ideal.

Sim, choravamos ainda a morte de nossos irmãos, quando foi proclamada a Constituinte, em 1934.

Foi essa a vitória que S. Paulo conseguiu para o Brasil, com tanto sacrificio por parte de seus filhos,

com efeito, preocupando-se a destacar francamente a função organica do colorido, como este se presta a construir este novo universo, que a visão cubista substitui ao universo dito real, o qual não passa, talvez, de um sistema de aparência enganadora.

Depois de haver visto esta película, o espectador terá reconhecido, ao mesmo tempo, a possibilidade e a legitimidade de uma outra visão que não é a de todo o dia, outra visão que é precisamente, a do artista: e se é verdade que, em todos os seus dominios, a arte não atinge completamente seu objetivo senão quando consegue a perfeita identidade do artista e de seu espectador, o cine-

ma preencheu plenamente sua função de auxiliar do artista e do publico, quando, como no caso do filme de Pierre Alibert sobre a pintura cubista, leva diretamente o espectador a tomar contato com a propria vida da obra e, por assim dizer, penetrar no intimo do processuo organico pelo qual a obra se cria e impõe sua existencia.

O "Csardás" magico

De EUGENIO KEMÉTCHEI

HA' muito que o tio Sámu passou da vida à morte; mas sua memória ficará ainda por muito tempo na terra hungara. E quem dele se poderia esquecer? Em vão se procuraria um homem cuja alegria se parecesse com a sua. Nenhum outro caça lebres como ele as caçava. Chicote em punho, lá se ia por montes e vales, por prados e searas. A lebre fugia, perseguindo-a o lebreu de ventre roçando o chão, enquanto o tio Sámu estalava o chicote de cabo curto. Subito um salto de lado, e, certo, enrolava-se o cordel em volta do pescoço da peça fugitiva; um instante, e Jankó, o lebreu, a trazia entre os dentes.

A caça à lebre por este processo tradicional já caíra em desuso. Somente o tio Sámu se dedicava a ela, infatigável, mesmo sob o rigor do tempo, assim nas madrugadas frias do outono como em plena chuva.

O tio Sámu era esbelto, de avantajada estatura. Os cabelos anelados, de um brilho de aço, começavam a branquear; mas nos seus olhos riam a frescura e o fogo da juventude. Sobre os lábios, vermelhos, o bigode aparado; sua barba era inteiramente grisalha.

Teria uns sessenta anos quando, ao voltar de uma caçada, que durara a semana toda, surpreendeu-o em caminho violenta borrasca de vento e águas.

Procurando abrigo, dirigiu-se para a "csárda" (1) de Decse, cujas paredes brancas se divisavam de longe, na estrada que une Smomótor a Koertvélies.

Logo que entrou, atirou para trás o capote, descobrindo o rosto, e gritou para um homem que ali estava:

— Eh, judeu! Vá lá fora e ajude meu cocheiro a desatrelar os cavalos. Ah! e trate-os bem, se você tiver aveia.

Um rapaz, judeu também, bastante espigado, ruivo e o rosto crivado de sardas, plantou-se-lhe à frente.

— Irra, Slachmi, que estirada! Tem agua boa?

— E vinho também.

— Pois sirva, e mate um cordeiro. Tudo voando.

De um canto da "csárda" saíram seis ciganos, o espihaço reverentemente dobrado, mas sem tirar os olhos de Jankó:

— Boa noite, senhor.

— Boa noite. Que fazem aqui?

— A tempestade nos trouxe. Iamos a casa do senhor Gottlieb, em Féké.

— Quem é ele?

— Um homem que tem hospedes de Budapest em casa. Homem de muito dinheiro...

— Dinheiro que você não vão receber. Vamos fiquem aqui e toquem alguma coisa bonita.

Sentou-se à mesa. Jankó postou-se ao lado.

Os ciganos tomaram dos instrumentos e se puseram a tocar. Primeiro uma melodia triste e antiga, cuja letra principiava assim:

Já se vestem os ramos de
[neve,
os galhos sentem frios
[nas patinhas,
e os Bereté cruzam em
[alegre revoadas...

O tio Sámu dirigia os ciganos com o rabinho do olho, marcando-lhes os "piano", as entradas da flauta e do contrabaixo. Depois lhes pediu certa sonta, eleziaca, que tocaram enquanto comia o "báráni paprikás". Pôs varios pedaços num prato de madeira para Jankó, e saboreou longamente

a salsa com pimenta vermelha. Terminado o repasto, passou os pratos aos ciganos e foi visitar os cavalos. Quando voltou, após trocar algumas palavras com o cocheiro, encontrou os ciganos a brigar por ver quem beberia o fundo da garrafa.

— Calem a boca! — gritou. Toquem outra vez.

Ouviu um pouco a musica, e de repente começou a cantar. Slachmi, o rapaz judeu, apoiado ao batente da porta, ouvia enlevado a canção. Espichava o pescoço; faiscavam-lhe os olhos e sentia no cerebro uma nevoa escarlate, em meio da qual entrevia as lindas feições de Regina Kohn, a jovem para quem voavam os seus pensamentos. Ah, se ele soubesse cantar assim, Regina não poderia resistir e lhe abriria a janela de cortininhas verdes! E o desejo de cantar lhe oprimia a garganta, embora não o tentasse, certo de parecer ridiculo...

Contudo abriu já a boca por irresistivel impulso, quando, após um estalar de dedos do tio Sámu, os ciganos iniciaram outra melodia mais alegre. O tio Sámu avançou para o centro da sala, inclinou o chapéu sobre a orelha, pôs a mão esquerda no quadril, e começou a dançar.

O "csárdás" (3) não oferece dificuldades para quem possui temperamento. Quando u'a moça bonita apoia o braço ao ombro de um rapaz, quando inclina a cabeça ante ele, quando o fogo dos dois olhares se funde numa só fagulha e o sangue de ambos circula com ritmo igual, comovido e prazenteiro, então o par se sente enfeitado e seus passos se cruzam harmoniosos, e até do ondular de seus cabelos se desprende uma sensação de suave beleza.

Mas postar-se sozinho diante da orquestra, com a cabeça calva, calçado de botas de caça e esporas, dançando de modo que todos os musculos vibrem ao som da melodia e que o sentimento expresso pela musica seja rela musica seja refletido até no olhar, eis coisa muito difficil, e foi o que fez o tio Sámu. O balanço de seu corpo, o tinir das esporas, a inclinação do tale, tudo se plasmava ao compasso da musica, em movimentos cheios de graça e poesia, uma festa para o executante e o espectador.

O rapaz judeu ficou estupefato ao ver aquele senhor a dançar tão prodigiosamente o "andalgó", o "palotás" e o "toborzó". Passos que não são vivos, nem rapidos ou sapateados, mas sim como um andar altivo e soberbo, andar majestoso, à direita e esquerda, para diante e para trás, acompanhando com o busto, com a cabeça, com o olhar a direção dos passos, tendo imoveis apenas as mãos.

Terminada a primeira parte, o tio Sámu avisou com os olhos a entrada do cimbaleiro, e a musica rompeu sincopada, os passos vivos, e rapido o retinir ritmico das esposas. Slachmi se aproxima, baixa a cabeça e dança com o pensamento. De subito, o tio Sámu solta um grito, e, levando a mão direita à cabeça e a esquerda ao quadril, alça toda a estatura e faz ressoar as esporas ao compasso dos instrumentos. Percorre-lhe o corpo um estre-

mecimento compassado dos ombros às pontas do pés. Já não sai do lugar; mas naquele extremecimento há o espirito da dança hungara. O tilintar das esporas se abrandando, suavifica-se a melodia, vai morrendo com a dança.

O tio Sámu se abeira silenciosamente da mesa, e ali fica imóvel; de espaço a espaço estala os dedos como se continuasse a ouvir musica; depois, acariciando a cabeça do lebreu, olha sem se mover um ponto do espaço, como alheado ante fagueira e antiga saudade que lhe revivera na imaginação. Meneia a cabeça, e, arremessando ao solo um copo de agua, exclama:

— Que bons tempos aqueles! — acrescentando a seguir: — Toquem agora aquela canção: — "Chorei um ano pela mulher que amei"...

Ora suavemente, ora com ardor tamanho que o ar vibrava na sala, cantou com acompanhamento de violinos. Ao terminar, Slachmi trouxe vinho e, rosto e olhos radiantes, estacou ante o tio Sámu:

— Ah, senhor, que dança tão linda!

— Julga você que esse Gottlieb, que é tão rico, saberá dançar como eu?

— Impossível. Nem o senhor Gottlieb, nem o rei David.

— Ah, ah!
— Como eu seria feliz se soubesse dançar assim.

— Para que queria você saber dançar?

As faces de Slachmi coraram tanto que as sardas desapareceram; o rapaz torceu o bigode.

— Verá, senhor; conheço uma jovem de Ucheli, chamada Regina Kohn, e que eu não saia deste lugar se não é mais bonita que um anjo. Um dia veio com outras moças e moços dançar aqui. Quando vi que me olhava e sorria, senti-me queimar como aguardente acesa. E ela me disse: —

"O senhor Schwartz não dança?" E quase nada faltou para que eu caísse aniquilado de vergonha, porque não sei dançar.

— Pois, homem — disse o tio Sámu — esta dança não é difficil, é mesmo facil de aprender.

— Não, eu não aprenderei nunca — respondeu, desconsolado o rapaz, com os olhos rasos de agua.

— Por que não? Venha aqui e preste atenção aos meus pés e em tudo o que faço. Ciganos, toquem! Atenção, rapaz!

Dançou algum tempo diante deste, como o fizera antes. Depois se sentou sobre a mesa e convidou Slachmi para repetir o que tinha visto.

Jankó, o lebreu, foi colocar-se ao lado do dono, e, apoiando-se às patas dianteiras, contemplou os esforços do jovem para dar sua primeira lição. O resultado, porém, não foi muito lisonjeiro por que Jankó voltou a cabeça com desprezo e acabou por lhe dar as costas inteiramente. O tio Sámu desceu da mesa e pacientemente repetiu um a um os passos; mas Slachmi era positivamente desajeitado. Então o professor subiu de novo à mesa e apanhou o chicote. Enroscou

metade da corda, deixando o resto livre para poder estalar, e gritou ao rapaz.

— Abra os pés com os calcanhares juntos! Não balance tanto os braços, que não são pás de moinho! Essa cabeça... endireite-a! Mais tesó o corpo! Que está fazendo com a perna esquerda? Erga-a mais um pouco!...

Mas como Slachmi não a levantou o suficiente, o chicote estalou, redemoinhando poeira em torno do dançarino. Slachmi começava a cansar-se; o tio Sámu, porém, não se dava por satisfeito, e, fazendo ressoar as esporas, ia marcando o ritmo, enquanto estalejava o chicote sob os pés do moço, alcançando-lhe por vezes os tornozelos:

— Mais energia! Erga-se nos tacões; levante a cabeça! Mas, filho, você não move a perna esquerda!

O suor escorria pela testa Slachmi, arfava-lhe o peito, sentia a boca ressequida e entrecortada a respiração; mas, quando parava, o chicote zunia implacável:

— Animo, Slachmi; a jovem será tua! E vocês, mais sentimento; estão tocando para um magnata!

Dobravam-se os joelhos do dançarino, e afinal deixou pender os braços ao longo do corpo. Os olhos pareciam saltar-lhe desorbitados. Respirando com dificuldade, disse:

— Não posso mais.

— Como é isso, homem? Tem de poder... Cimbaleiro, dê-lhe um copo de vinho.

Concedeu-lhe alguns minutos de repouso, bebeu com ele, e convidou-o para recommear:

— Dance com entusiasmo. Imagine que está em frente dela; pense que quer conquistar-lhe o coração.

— Dance no mesmo lugar! A mão no quadril — ordenava o professor.

Mas o moço não se podia ter em pé; faltava-lhe alento. Olhou o tio Sámu com olhar suplicante:

— Morro, desfaleço, não posso mais — suspirou.

— Tem de poder filho! Mais um pouco!... Tome, beba vinho!

Vendo o jovem em suplicio não dava sinais de terminar, tentou fugir da sala. Afastou-se dissimuladamente para a porta; quase a tinha alcançado, quando o chicote zuniu no ar, enroscando-se-lhe à cintura e trazendo-o de volta ao centro da sala.

— Não, não; você não irá embora até que aprenda bem!

Como não tinha outro remedio, Slachmi continuou dançando. Havia momentos em que quisera ser miserio cão para se estender num canto qualquer.

Mas os ciganos tocavam incessantemente e o proprio tio Sámu dançava.

Já de madrugada, o céu alvejou. O tio Sámu pagou a despesa, apanhou o capote e retirou-se. Assim que saiu, o moço caiu por terra.

— Estou morto — murmurou, e com o pensamento, porque não podia falar, recitou o que julgava sua ultima oração.

Um criado o levou ao quarto, onde permaneceu deitado dois dias e duas noites. Foi preciso tira-lo da cama para que acordasse.

Tres dias depois, os ciganos tornaram a passar por lá e Slachmi mandou que tocassem. Começou a dançar, vendo que tocavam como para os senhores: — sem se rirem. Então deu um grito de alegria, e atirou o chapéu ao solo. Vencera! Dançava como se não fizera outra coisa na vida.

Ao cabo de dois meses era o mais consumado bailarino da comarca. Quando na festa anual dos comerciantes se postou diante dos ciganos, dançando o "palotás" com muito retinir de esporas, Regina Kohn, uma hungara de verdade, lhe disse admirada:

— Como dança bem, senhor Schwartz!

— Já não existe senhor Schwartz! Meu nome é Fekéte (4) — respondeu cheio de ardor, e, agarrando Regina, a fez dançar com ele.

Fekéte não quis casar-se como os demais judeus, coberto com um véu branco. A noite que precedeu as bodas, raptou Regina, levando-a consigo em seu cavallo, a ela dando o nome de Boeske (5). E nunca se viu um hungaro mais hungaro que aquele que chegou a ser Fekéte por efeito maravilhoso do "csárdás".

O tio Sámu, onde quer que estivesse, incutia seus sentimentos de hungaro patriota e puro nas almas de judeus, eslovacos e rumenos, porque — como escreveu em seu testamento — "até o ar deste país deve ser hungaro e, para o conseguinte, basta apenas conhecer os meios".

NOTAS:

- 1) — Pousa no campo.
- 2) — Guizado de cordeiro com pimenta.
- 3) — Dança hungara.
- 4) — "Schwartz" significa "negro", em alemão; o correspondente em hungaro é "fekéte". As pessoas que lá se naturalizam podem traduzir o nome.
- 5) — Diminutivo hungaro de Isabel.

VELHA LUA

NOBREGA DA SIQUEIRA

(AO CORREA JUNIOR)

A lua! A velha lua cor de argento,
noiva do sol e irmã destrozadores,
que eu contemplava com deslumbramento,
no tempo dos meus liricos amores...

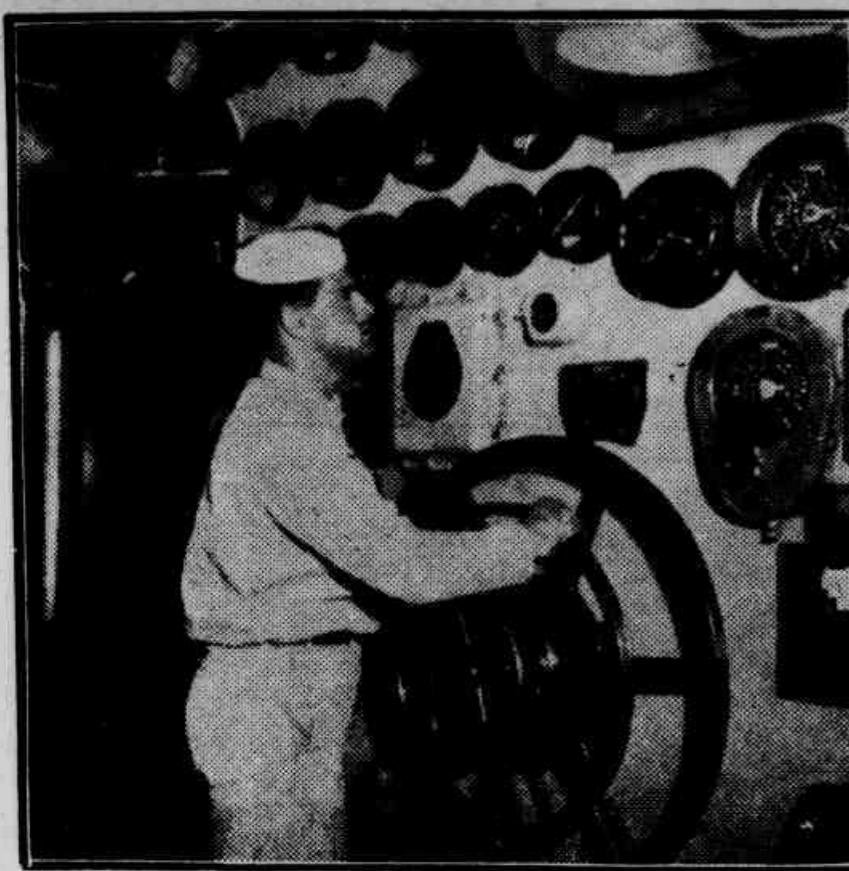
A velha lua, em sua róta eterna,
lrio de lux, roua do céu, lanterna
movel que vive caminhando pelas
avenidas prateadas das estrelas...

São Jorge, em seu cavalo cor de prata...
Cimitarra ou monóculo de argento,
a velha lua é a mesma, não mudou...

Lâmpada branca a iluminar o céu,
Se, hoje, já não lhe encontro encantamento
não foi a lua que mudou... Fui eu...

A HISTORIA DA FRAGATA "IMPERIAL MARINHEIRO"

Vem aí a terceira unidade de nossa Marinha de Guerra, batizada com esse glorio-



No comando das maquinas de uma nave de guerra

Dentro de pouco tempo estará incorporada à nossa Marinha a fragata "Imperial Marinheiro", em últimos trabalhos de construção nos estaleiros da Holanda. Como já foi noticiado pelo "Correio Paulistano" seguiu recentemente para a Europa o capitão de Corveta Maurílio Augusto Silva, sob cujas ordens virá para o Brasil essa nova unidade de nossa Armada.

Oficial jovem, da nova geração que tanto honra as velhas e gloriosas tradições da historia do Brasil no mar, o futuro comandante da "Imperial Marinheiro" é um apaixonado da nossa Marinha, da sua historia e do que se pode chamar a sua heraldica, como na Marinha Britânica.

Os navios brasileiros estão sendo dotados dos seus distintivos e o comandante Maurílio já fez esboços da "Imperial Marinheiro", que ainda não pôde ser divulgado, porque só agora foi submetido à aprovação das altas autoridades da Marinha.

Sendo este o nosso terceiro navio de guerra batizado com o nome de "Imperial Marinheiro", obtivemos, por uma cortezia do comandante Maurílio, a historia resumida dos seus dois gloriosos antecessores, reproduzida dos assentamentos da Marinha, redigidos à maneira de então.

O primeiro "Imperial Marinheiro" foi um navio de madeira e propulsão, construído no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, sob os planos e fiscalização do engenheiro naval Napoleão J. B. Level. Sua quilha foi batida a 1.º de agosto de 1850. Tinha as seguintes características: — Deslocamento, 625 toneladas; comprimento, 120 pés; boca, 32; pontal, 13,5; e calado, 11. Sua linha d'agua, carregado, tinha 11,5 pés à popa e 10 pés à proa. A

altura da coberta era de 5 pés e 9 polegadas, ficando, quando carregado, acima da linha d'agua, cerca de 2 pés. Foi lançado ao mar, em presença do imperador e outras pessoas gradadas, a 27 de agosto de 1851. A 24 de setembro de 1851, foi nomeado para comandá-lo, em desarmamento, o 2.º tenente João Carlos de Sousa Jacques. Aparentaram-no a briguebarca "termo médio entre navio de guerra e mercante".

A esse respeito sofreu a critica seguinte: — "A Marinha do commercio, tendo em vista economia de manobra e, portanto, de marinheiros, adotou tão desingraçada armação, que ao mesmo tempo lhe evita



Comandante Maurílio Augusto Silva

imensa vela ré dos brigues; mas ninguém acreditará que para diminuir 10 praças em um navio de guerra prejudique-se a aparência do aparelho e até as conveniências de manobra. O oficial de marinha que tem gosto e paixão pela sua profissão revê-se em o seu navio e não sacrificará o "Imperial Marinheiro", aparelhando-

o à sumitica, tanto mais se lembra que a gata é uma vela importante nas evoluções navais e em ocasiões de combate, o que não pode ser bem substituída pelo gaftop... Desde já pedimos a promoção do "Imperial Marinheiro".

No entanto apresentava-se o navio "elegante de casco e airoso de mestreação"... "um modelo de acabamento".

Segundo um critico do tempo recebeu 16 canhões Paixhans, de calibre 30, em bateria e foi-lhe dada uma equipagem de 140 homens em pé de paz e de 170 em pé de guerra. Passaram-lhe mostra de armamento a 21 de janeiro de 1852, foi classificado como "corveta" e assumiu seu comando o capitão de Fragata Francisco Manuel Barroso da Silva, futuro almirante, vencedor do Riachuelo e barão de Amazonas. Passou logo a servir de "Escola Artilharia". Saiu a cruzar e a realizar exercicios praticos. Fez um cruzeiro de 20 dias, como experiencia, portando-se muito bem no mar e desenvolvendo a marcha de 8 milhas horarias, à bolina, com tempo bonançoso. Foi considerado "a nossa melhor corveta".

A 26 de abril de 1852, pelas 6 horas da manhã, velejou para executar exercicios praticos, seguindo depois para Montevidéu e de lá velejou para as ilhas Malvinas (Falklands), gastando nessa viagem 70 dias.

Regressou ao Rio a 8 de julho do dito ano. Em setembro do mesmo ano, rumou para Montevidéu, a fim de substituir a corveta "Euterpe". Assumiu seu comando o capitão de Mar e Guerra Francisco da Gama Rosa.

Em 1853, era seu comandante o capitão de Fragata José Antonio de Lima. Nesse mesmo ano, a 1.º de março, tomou o seu comando em Montevidéu o capitão de Mar e Guerra João Custodio d'Houdain, pardavasco pachola, mas bom manobrista, que a 11 de setembro de 1855, foi substituído pelo capitão de Fragata Francisco Cordeiro Torres e Alvim, futuro almirante e Barão de Igua-temi.

Em 1857, ainda sob a competente direção do dito oficial, realizou uma partida do Rio, a 18 de janeiro de 1857; chegada a Lisboa aos 12 de março. A 3 de abril nesse porto, recebeu a visita d'el rei D. Pedro V, acompanhado do pai, d. Fernando III, do infante D. Luiz e de D. José, visita que durou mais de duas horas. D. Pedro V levau-

to um brinde ao imperador do Brasil e à familia imperial. Na mesa dos convidados, o ministro dos Estrangeiros de Portugal, levantou um brinde ao nosso pais, que foi correspondido pelo nosso ministro Plenipotenciario. Nesse ágape, foram dispendidos 6 contos de réis, grande soma para o tempo.

A corveta suspendeu para Cadiz, onde deu fundo a 25 de abril; aportou a Gibraltar a 11 de maio; chegou a Toulon a 25 do dito; deu fundo em Genova a 12 de junho; aportou a Napoles a 4 de julho; surgiu em Palermo a 8 de agosto; escalou em Argel a 26 do mesmo; largou ancoras em Plymouth a 27 de setembro; chegou a Cherbourg a 4 de outubro, onde entrou no dique e fez

do jantar a bordo. A musica da corveta (18 figuras) tocou em dois dias no jardim de E. Lazaro.

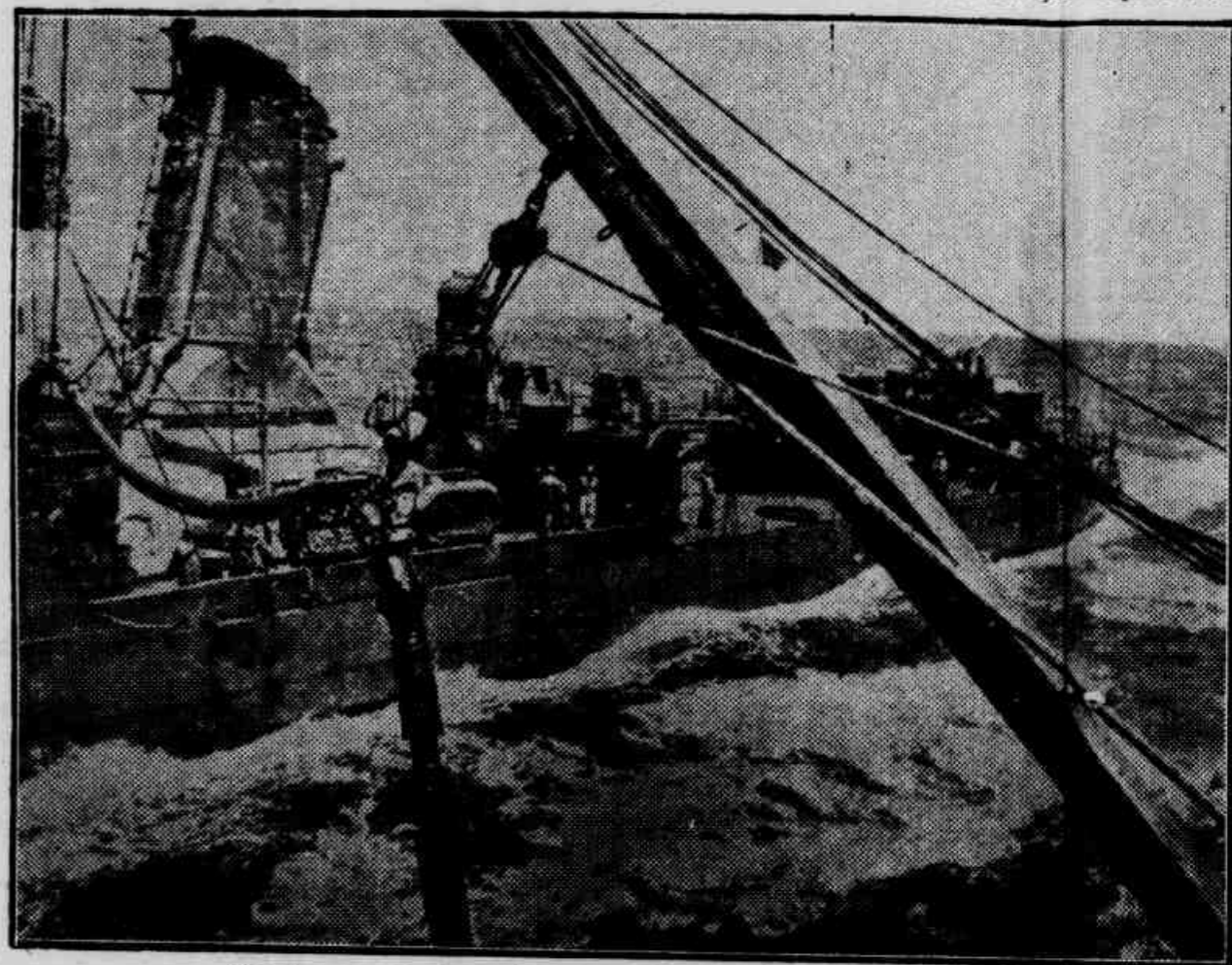
O navio e seus tripulantes foram muito festejados. Zarpou para Lisboa, onde aportou a 6 de setembro. A 24, aniversario da morte de D. Pedro I, a guarnição do navio levou ao tumulto do antigo imperador situado em S. Vicente de Fora, uma rica coroa. O navio teve ordem de assistir os esponsais de D. Maria Pia. Saiu de Lisboa a 13 de outubro, e, escalando em Cadiz, Madeira, Tenerife, S. Vicente e Fernando de Noronha, deu fundo no Rio de Janeiro a 24 de dezembro de 1862.

O escritor português Brito Aranha, a respeito da estadia da corveta em Lisboa (vide: "arquivo Pito-

A segunda unidade, batizada, tambem, com o nome de "Imperial Marinheiro", foi construída sob o risco e direção tecnica do engenheiro naval, 1.º tenente João Candido Brasil, uma das pranteadas victimas da explosão do "Aquidaban".

Sua construção ultimou-se na Ponta da Areia, Estado do Rio de Janeiro. Tinha as seguintes características: deslocamento, 726 toneladas; comprimento, 56 metros e 12 cm; cumprimento entre perpendiculares, 50,63; boca, 8,46; pontal, 4,27; calado Av. 3,05; Ar. 2,25. Casco de madeira, propulsão mixta. Machina de triplice-expansão da força do 750 C. V. Velocidade 10'.

Era do mesmo tipo da "1.º de Março". Aparelha-



"Destroyer" da classe Apa, pertencente à Marinha Nacional

alguns reparos. Regressou ao Rio a 4 de fevereiro de 1858.

Assumiu seu comando o capitão de Fragata Joaquim Rodrigues da Costa. Zarpou para o Prata a 15 de março do dito ano e recolheu-se ao Rio a 20 de março de 1861. Em setembro inaugurou, com a sua docagem o dique "Imperial", na ilha das Cobras.

A 11 de janeiro de 1862 rumou para a Europa, em viagem de instrução com a turma de Guardas-Marinha do ano anterior. Tocou nos portos do norte do Brasil; fez quarentena em Vigo; tocou no Porto a 27 de agosto, onde, pela primeira vez, ancorava navio de guerra da nossa nacionalidade. Houve esplendi-

resco", volume V, pags. 297 n-89. J. Sa.) bordou um comentario, do qual extraiamos o seguinte trecho: — "A Marinha de Guerra do Brasil tem tido nos ultimos anos grande desenvolvimento; e nos seus officiais nota-se muito estudo, applicação e pratica. O governo imperial deseja, ao que parece, dar à Marinha o grau de prosperidade que ella propria requer, como pedem as crescentes e instantes necessidades de uma nação daquella ordem, a qual cumpre desempenhar uma importantissima missão civilizadora em toda America".

A 17 de dezembro de 1863 seguiu para Montevidéu com 13 aspirantes e o mestre do Apparelho da Escola Naval, capitão-tenente Marcos J. Evangelista. De volta partiu para a Bahia, em janeiro de 1865. Regressou ao Rio no dia 14. Suspendeu nesse dia para Santa Catarina, levando tropas, que se destinavam ao Paraguai. Chegou ao Desterro, hoje Florianopolis, no dia 18; suspendeu de volta no dia 21, encontrando sempre na travessia, muito mau tempo, copiosas chuvas e mar grosso.

No dia 24, das 6 para às 7 horas da manhã, ensacou-se e acabou naufragando na praia de Marambá, em o sitio conhecido por Pernambuco. Não houve, felizmente, perdas de vidas. E assim, desastrosamente, acabou a formosa corveta.

do a galera. Sua quilha foi batida a 11 de agosto de 1882 e o lançamento teve lugar a 20 de junho de 1883. Foi artilhado com 7 canhões de calibre 32 e de 4 metralhadoras. Sofreu mostra de armamento a 26 de novembro de 1884, assumindo o seu comando o capitão-tenente José Vitor de Lamare. Por aviso de 28 do mês citado, foi-lhe dado o distintivo numerico 17. Passou a comandá-lo, em 1885, o capitão-tenente João Carlos Pereira Pinto. A 5 de setembro de 1887 partiu do Rio de Janeiro

POEMA A "IMPERIAL MARINHEIRO"

O poeta e escritor Nelson Rodrigues fez outros belos trabalhos no gênero, como o dedicado ao comandante Maurílio e seguiu

Imperial Marinheiro! Em Teu nome é uma legenda Na Armada Nacional! Lembrando, no presente, a Os feitos de Marinha e o Que outrora consagrou nos Ele evoca da patria as hor Marcaram no pasado uma Mas recorda tambem, a aur De Greenhalgh, de Barroso Num sequito inortal de m Teu nome lembra, ainda, Legou-nos cabedais de rut E o agosto Imperador, qu Em cujo coração cabia o n Honrou-te certa vez, pisan E para nosso orgulho e o l Da tua guarnição que não Barroso comandou o prime Que enfreando o inimigo Ostentava na popa o mesm

Que pelas tradições que o t Sob o patrio pendão, de c Honras galhardamente a q "Imperial Marinheiro!"



A Escola Naval, na ilha de Villegaignon, onde são preparados os officiaes da nossa Armada

ra, batizada com esse glorioso nome

A segunda unidade, batizada, também, com o nome de "Imperial Marinheiro", foi construída sob o risco e direção técnica do engenheiro naval, 1.º tenente João Candido Brasil, uma das pranteadas vítimas da explosão do "Aquidaban".

Sua construção ultimou-se na Ponta da Areia, Estado do Rio de Janeiro. Tinha as seguintes características: deslocamento, 726 toneladas; comprimento, 56 metros e 12 cm; cumprimento entre perpendiculars, 50,63; boca, 8,46; pontal, 4,27; calado Av. 3,05; Ar. 2,25. Casco de madeira, propulsão mixta. Máquina de triplice-expansão da força do 750 C. V. Velocidade 10'.

Era do mesmo tipo da "1.º de Março". Aparelha-



linha Nacional

do a galera. Sua quilha foi batida a 11 de agosto de 1882 e o lançamento teve lugar a 20 de junho de 1883. Foi artilhado com 7 canhões de calibre 32 e de 4 metralhadoras. Sofreu mostra de armamento a 26 de novembro de 1884, assumindo o seu comando o capitão-tenente José Vitor de Lamare. Por aviso de 28 do mês citado, foi-lhe dado o distintivo numerico 17. Passou a comandá-lo, em 1885, o capitão-tenente João Carlos Pereira Pinto. A 5 de setembro de 1887 partiu do Rio de Janeiro

POEMA A "IMPERIAL MARINHEIRO"

O poeta e escritor Nelson de Araujo Lima, cultor de outros belos trabalhos no genero, compôs e ofereceu ao comandante Maurillo o seguinte poema:

Imperial Marinheiro! Em nossa bela historia
Teu nome é uma legenda esplendida de gloria
Na Armada Nacional!
Lembrando, no presente, a cada brasileiro,
Os feitos da Marinha e o impeto guerreiro
Que outrora consagrou nosso poder naval!
Ele evoca da patria as horas que sombrias
Marcaram no pasado uma campanha atroz,
Mas recorda também, a aureola que irradias,
De Greenhalgh, de Barroso e de Marcilio Dias,
Num sequito imortal de martires e heróis!
Teu nome lembra, ainda, o Imperio que, fecundo,
Legou-nos cabedais de rutilles lauréis;
E o augusto Imperador, que foi Pedro Segundo,
Em cujo cotação cabia o mar profundo,
Honrou-te certa vez, pisando teu convés!
E para nosso orgulho e o legendario brio
Da tua guarnição que não se dissolveu,
Barroso comandou o primeiro navio
Que enfrentando o inimigo e o velho mar bravo
Ostentava na popa o mesmo nome teu!

Que pelas tradições de o tempo não consome,
Sob o patrio pendão, de cruzeiro em cruzeiro,
Honres galhardamente a gloria de teu nome,
"Imperial Marinheiro!"

em comissão de Repartição Hidrografica, a fim de sondar o banco "Marajó", nos Abrolhos. A uma hora da madrugada do dia 7 naufragou na ponta sul da barra do Rio Doce, na provincia do Espirito Santo.

No sinistro pereceram 14 pessoas de sua guarnição, estando incluídos nesse numero o 2.º tenente Trifeno de Oliveira, o guardamarinha Francisco de Paula Melo Alves, o 3.º maquinista Americo Brasillo da Silva, o 4.º maquinista Ildefonso Machado Dutra e os praticantes de maquinas Francisco Dias Braga e Frederico Candido de Andrade. Salvaram-se 177 pessoas, das quais 92 eram praças do Corpo do "Imperiais Marinheiros". A estas, por aviso do dia 20 do referido mês mandou-se abonar um semestre de fardamento gratuito. Por aviso do dia seguinte mandou-se a Contadoria de Marinha abonar, como gratificação, aos oficiais d'Armada e classes anexas, naufragos do cruzador, a importância correspondente a seis meses de soldado.

Por sentença do Conselho Supremo Militar de Justiça, de 10 de dezembro de 1887, foram condenados o capitão-tenente João Carlos da Fonseca Pereira Pinto, ex-comandante do navio, a dois anos de suspensão de comando; e ao 2.º tenente Alfredo de Azevedo Alves, ex-official do mesmo cruzador, que era o encarregado da navegação, a seis meses de prisão; o 2.º tenente Alpino Mursa, oficial de quarto, na ocasião do naufragio, foi absolvido.

O pescador Bernardo José dos Santos, que auxiliou, abnegadamente, o salvamento de grande numero de pessoas, foi recebido em Vitoria e no Rio de Janeiro com muito carinho e festejos. O governo imperial condecorou-o com uma medalha Humanitaria. Ao Furriel Imperial Faustino José Pedro, o mestre do navio João Roque da Silva e o da 2.ª classe imperial-marinho Manuel Francisco da Silva, pelos serviços prestados, também foram galardoados pelo governo.

O comandante Maurillo Augusto Silva é diretor da "Revista da Marinha", chefe do Departamento de Relações Publicas do seu Ministério e socio da Associação Brasileira de Imprensa.



Exercício de semaforo na Escola Naval

SONHOS E RELATIVIDADE

NEM PASSADO NEM FUTURO EXISTEM NA REALIDADE

As mais recentes pesquisas oníricas confirmam de maneira original as celebres teorias de Einstein

ROMA, novembro — Qual o verdadeiro significado dos sonhos? Quais as razões, as causas, as consequências dos acontecimentos que nossa personalidade vive — às vezes com intensidade e clareza — durante a aparente tranquilidade do sono? Quais as relações entre os fatos "sonhados" e os fatos "vivididos"?

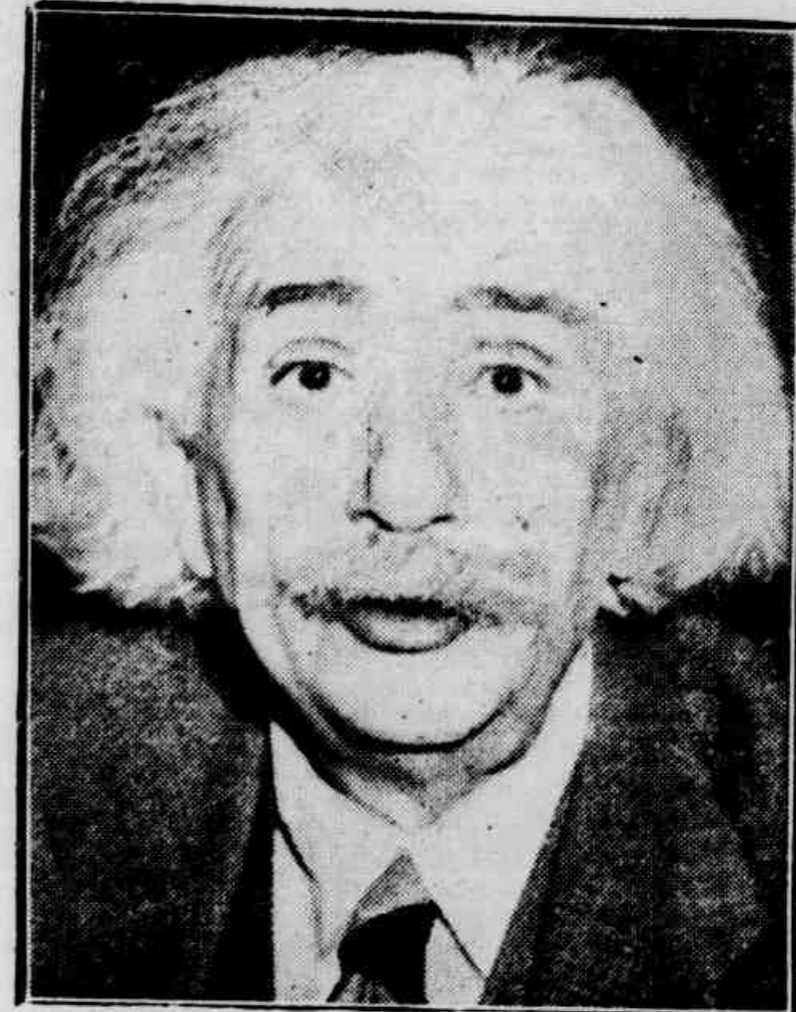
Essas perguntas não são de hoje. As crenças dos povos antigos ou daqueles sumariamente definidos como "primitivos", mostram que, desde as primeiras manifestações do pensamento humano, o problema dos sonhos foi levantado e, de início, revolido. Os heróis gregos recebem, durante o sono, a visita dos deuses protetores. Jeová, o

Deus terrível dos judeus, revela sua vontade nos sonhos dos profetas. Até ha pouco tempo o homem moderno, em sua continua e atormentada pesquisa critica da historia, não tinha atribuído a tais "revelações" uma importância verdadeiramente científica, preferindo en-

velmente a ideia de uma relação casual entre sonho e realidade.

MEDIDA DA IGNORANCIA

O "acaso", dizem eles citando uma famosa frase de Laplace, nada mais é do que a medida de nossa ignorancia. Fatos que



cará-las com compreensível ceticismo, dando-lhes um sentido simbolico ou metafórico.

FREUD

Foi o famoso dr. Freud, no seculo passado, o primeiro a considerar, com intenções rigidamente científicas, o fenomeno dos sonhos. Suas conclusões a respeito tiveram logo uma grande popularidade: os sonhos — qualquer criança hoje em dia sabe disso — nada mais são que a expressão espontanea de nosso subconciente, a concretização em imagens e relações fantásticas de desejos inconfessáveis e inibidos pela razão durante o dia. Talvez fosse a insistencia em tanto morbida sobre o aspecto sexual do problema a causa principal da grande popularidade dessa interpretação psicoanalitica.

Mas a atenção que nestes ultimos anos começa a despertar uma nova teoria, leva a acreditar que sejam os proprios sonhos o motivo verdadeiro de tamanho interesse. Trata-se de uma concepção lançada pela primeira vez sob forma de hipótese pelo prof. Luigi Fantappiè, do Instituto Nacional de Alta Matematica de Roma. O ilustre estudioso, aplicando elementos estatísticos e de calculo das propabilidades ao metodo de pesquisas já mencionado pelo matematico britânico Dunne, procurou estabelecer as relações entre passado, presente e futuro, tais como os sonhos as apresentam.

Quando sonhamos, não é raro encontrarmos, no verdadeiro caleidoscopio de acontecimentos de que somos protagonistas ou observadores, fatos intimamente ligados a situações passadas, entrelaçados com visões desconhecidas, representações de fatos prováveis mas ainda fora do campo de nossa experiencia real até aquele instante.

Estatísticas realizadas na Grã Bretanha entre estudantes universitarios, demonstram que as situações desse ultimo tipo se realizam realmente, ainda que modificadas e incompletas, no proximo futuro.

Mas, perguntar-se-a tais semelhanças são devidas a uma relação de causa para efeito ou pertencem exclusivamente ao acaso? Apesar das experiencias feitas até agora não serem ainda em numero suficiente para justificar uma resposta matematica do ponto de vista do calculo das probabilidades, os cientistas que se ocupam da questão encaram mais favora-

nos parecem absolutamente fortuitos são na realidade provocados por causas, apesar de desconhecidas e talvez mínimas, de importância fundamental.

A esse respeito, o professor Fantappiè avançou a hipótese que exista uma categoria de fenomenos possíveis da natureza, cujo "centro motor" por assim dizer, estaria localizado não no passado e sim no futuro. Por exemplo: — todos conhecem a sensação estranha de estar vivendo, num determinado instante, uma situação já acontecida. Na realidade, esclarece o matematico romano, essa sensação não é provocada por uma causa passada, e sim reflete um acontecimento futuro. A mesma coisa se daria com alguns fatos que aparecem nos sonhos.

E' compreensível, diante desses raciocínios, a perplexidade do leigo: — como pode ser algo que ainda não aconteceu, que ainda não existe, possa influir sobre o presente, sobre o que agora existe na realidade? A objecção é seria, mas a explicação do professor Fantappiè não deixa de convencer.

E' um raciocínio comum e logico pensar que causas passadas determinem fatos presentes. Mas tais causas, sendo passadas, não mais existem. Apesar disso, elas têm uma influencia real sobre o presente. Não há então razão de estranharmos o fato de também causas futuras influenciarem o presente.

A UNICA REALIDADE

A unica realidade é o presente, o instante fugitivo de Goethe, submetido quer a acção do passado, quer a do futuro. Esse raciocínio leva inevitavelmente a uma revisão dos conceitos de passado e de futuro, revisão essa que, de resto, recebe o valioso apoio das teorias cosmicas mais recentes, como a da relatividade. Tudo, na verdade, existe ao mesmo tempo; tudo, nesse sentido, é presente.

Os sonhos, revelando a falsidade de nossas antigas concepções de casualidade, levando-nos a admitir que existam causas futuras para acontecimentos presentes, abriam a mentalidade humana novos horizontes. A antiga pergunta de Pascal, se fosse a vigilia ou o sonho a verdadeira vida, encontra hoje em dia uma resposta mais profunda: — fatos sonhados e fatos "vivididos" são ambos aspectos da mesma realidade eterna e onipresente. — (ANSA).

VISÃO DO PASSADO

HORACIO PAIVA

Na estrada do Destino percorrida,
Em mais de meio seculo de vida
Toda envolvida num espaço véu,
Fui como a poeira que ao sabor do vento,
Ora rola no solo lamacento,
Ora flutua pelo azul do céu.

Em pensamento volto a essa estrada,
Outra vez a fazer a caminhada
Para revei' aquilo que passou...
E em cada curva suave do caminho
Vou encontrando a luz desse carinho,
Cuja saudade nunca se apagou.

Aqui... teias de aranha... Então desperta
A voz do velho mestre que disserta
A todos ensinando. Mais ali,
Noutra curva mais densa, mais fechada,
Ressoa a voz daquela molecada
Companheiros dos tempos de guri.

Num velho tronco do caminho à beira,
Eu encontro esta frase zombeteira
Que num dia de magoa eu quis gravar:
"Amor... É uma ilusão que fere e mata,
Que empana a vista e o coração maltrata,
Deixando cicatrizes a sangrar!"

Nessa estrada... que coisa interessante!
Vejo sombras do tempo de estudante
Recordando esse tempo tão feliz!
Tempo em que a vida era uma gargalhada,
E a tristeza não tinha ali morada...
Quantas asneiras eu então não fiz!

Revejo as andorinhas pelo espaço
Deixando a casa velha... meu regaço
Rullando as asas pela imensidão...
Ouço vozes da minha mocidade
Procurando no amor, felicidade,
Que não se sabe se é verdade, ou não...

Então, a relembrar fato por fato,
Vi as águas de um tremulo zégo
A murmurar talvez uma canção,
Talvez pranto que a terra li vertia...
E o marulhar das águas me trazia
De meus saudosos pais, a evocação!

Qual lampada votiva no ar suspense,
Um velho ipê erguia a copa imensa
Como um tesouro todo aberto em flor!
Era um trecho feliz da minha vida
Que a minha alma revia comovida,
Toda feita de luz, de sonho e amor!

E a arvore espalha as turgidas raizes,
Marcando horas de amor, dias felizes
Toda galhos em flor, risonha até...
Era um simbolo vivo que se erguia,
Um grande livro aberto onde se lia:
Minha esposa, meus filhos... minha Fé!

Passo a passo revi o meu passado,
Sem ter um dia ao menos, reparado
Na ventura, na dor que suscitou...
Nas vozes que eu ouvi muito baixinho,
Nos passos que deixei no meu caminho...
Nas saudades profundas que deixou!

(Do livro em preparo — "VELHO SINO")

MULHER EM TODOS OS TEMPOS

MURILO MENDES

O anjo cresce na sombra,
a sombra também cresceu.
Ele tira o saxofone,
o som também aumentou.
Então acorda a agonia
que se escondera no escuro,
cresce a agonia também.
A moça cresce um pouquinho,
também em compensação
já é hora de decrescer.
O anjo torna a assoprar.
No avião do sopro vem
a mãe da moça, coitada,
vestida de rendas brancas,
com o pai de pincel;
vem um quarto vaporoso

com um berço navegando
e uma criança chorando
no vestidinho de rendas;
vem o canto de outro anjo
chamando outros anjos distan-

[tes
para a criança dormir;
vem a criança crescendo,
caminhando para a escola
com o primo pela mão;
vem a criança menina,
na mesa de comunhão;
vem a menina já moça,
com os seios palpitando
— o primo também cresceu —
vem a moça já bem moça,
namorando no portão;
vem a moça — é uma mulher —
caminhando para o altar;
vem a moça bem mulher,
olhando pro corpo dela
que palpita de outro modo;
vem a mulher segurando
um menino pela mão,
depois vem ela chorando,
enterra a mãe no vestido
de rendas pretas, coitada,
depois enterra o pai dela,
coitado, sem pincel.
Vem ela quando adocece
de paixão, já piorou;
vem ela no mês passado,
depois na semana passada,
sem vibração, já sem cor.
depois no instante passado,
o sopro do anjo vai traz
o instante que está nascendo,
o marido deu um grito,
o filho os braços levanta,
sopra o anjo com mais força,
a moça não vê mais nada,
mas Deus a viu, e levou.
No outro mundo já estão
julgando a moça morena.

NOTURNO PARA ANGUSTIA

Coiso Luiz Paulini

A noite cai
E com ela
Flores irrespiráveis,
Vozes ouvidas
Lembram murmúrio e morte.
A noite pontua o ser de solidão
E minério.
E os seres que não amamos
Como fóra preciso amor
Estão presentes,
Choram por nós,
Que não amamos
Como fóra preciso amar.

CONSELHOS DE BELEZA

TECIDO ELASTICO CUTANEO

DR. PIRES

O tecido elastico cutaneo, conforme seu propria nome indica, representa um papel de maxima importancia na vitalidade da pele. É ele um dos responsáveis pelo aparecimento das rugas e de outras alterações cutaneas quando sofre as influencias de qualquer agente que atue sobre a pele.

Se estudarmos a constituição estrutural da pele verificaremos que o tecido elastico se encontra numa zona profunda chamada derma, parte esta que fica logo abaixo da epiderme que é por sua vez a camada superficial, aquela que está em contato com o ar, com o meio ambiente.

A derma é um tecido conjuntivo, isto é, um tecido de sustentação que por aí vemos o papel importante que desempenha na tonicidade da pele.

Após examinarmos a posição que o tecido elastico tem na arquitetura da pele, vejamos quais as alterações que possa sofrer. Certas doenças como eczemas, úlceras, etc., podem determinar grandes modificações no tecido elastico, sobretudo quando se apresentam como processos inflamatorios de grande extensão e profundidade! A atrofia senil simples ou seja a que aparece em consequencia da propria velhice fisiologica influi sobre o tecido elastico e daí resulta a pele apresentar-se com as características proprias a um processo degenerativo das fibras elasticas: flacidez, ressecamento e aspecto pergaminhado.

A atrofia senil precoce também é responsável pela destruição do tecido elastico e são os casos que se vêem nos individuos expostos a um longo periodo aos raios solares (marinheiros e pescadores) e que apresentam o rosto e mãos enrugados.

Ainda entre as modificações do tecido elastico da pele vamos encontrar as que se referem a certas atrofias congenitas, como nos casos de canismo senil e nos recém-nascidos.

Tanto a hipertrofia como o relaxamento de tecido elastico conduzem a certas formas em que a pele, aparentemente normal se apresenta sumamente elastica, tal a qual uma borracha podendo esse processo ser congenito ou adquirido.

Ainda entre as alterações do tecido elastico temos certas estrias da pele que se localizam no abdomen, coxas, seios e que, segundo alguns autores atingem noventa por cento das mulheres no periodo da gravidez. Também podem essas estrias ser vistas em peccas que se submetem a curas de emagrecimento.

Finalmente citaremos que certas molestias como uma carencia de vitaminas do complexo B pode influenciar sobre este tecido e é assim que certas peles com características fundamentais da velhice, apresentam um deficit na presença daquele complexo vitamínico.

Quanto ao tratamento, honestamente falando, nada há de positivo ou melhor, os medicos ainda não conseguiram achar um remedio, um processo, que devolva ao tecido elastico as propriedades que tinha. Os hormonios, ainda que em altas doses não resolvem o problema. O mesmo em relação às vitaminas. A enzertia de cristais hormonais, colocados cirurgicamente sob a parte do abdomen, também tiveram resultado negativo.

Uma grande esperanca reside, atualmente, nos estudos efetuados em Paris pelo cientista francês Bardach a respeito de um soro chamado ortobiologico, capaz de devolver à pele suas características da mocidade.

NOTA — As nossas leitoras poderão solicitar qualquer conselho sobre o tratamento da pele e cabelos ao medico especialista Dr. Pires, à Rua Mexico, 31, Rio de Janeiro, bastando enviar o recorte deste artigo e o endereço completo para a resposta.



MODAS DE PARIS — Uma das ultimas criações de Jacques Fath: vestido de alta elegancia, decote oval, laços nos ombros, corpete justo, cintura bem acentuada por uma faixa larga, do mesmo tecido, que é de seda estampada, em cinza e verde-oliva.

E' BOM SABER

Se manchar um tecido de seda com graxa, poderá ele ser limpo esfregando-se a parte manchada com um pouco de magnesia em pó. Depois de algum tempo, tiram-se os residuos da magnesia com uma escova.

As manchas de vinho nas fazendas estampadas desaparecem, em geral, quando esfregadas com leite quente, lavando-se em seguida, a parte afetada, com agua pura.

Eliminam-se a vermelhidão e a aspereza da cutis com banhos mornos de agua de malva, depois dos quais convem refrescar a pele com uma pedra de gelo, a fim de descongestionar e fechar os poros.

Conservam-se melhor as cebolas quando penduradas dentro de um saco de rede, para que recebam ar. Nunca devem ser guardadas em lugar fechado, salvo quando a temperatura esteja demasiadamente fria.

Após enxaguar as suas toalhas de cozinha, mergulhe-as numa solução fraca de goma. Dessa maneira elas enxugarão muito bem os copos sem deixar fiapos.

Mantenha suas mesas envernizadas, passando nas mesmas uma camada de cera ou oleo para limpar moveis e, depois, dê brilho com um pedaço de flanela seca e limpa, enrolada no seu ferro de engomar.

Para que as passas não fiquem depositadas no fundo de um bolo ou de pudim, é necessario secá-las antes com farinha de trigo, estregá-las e sacudi-las depois.

HISTORIETA

DELMAR BARRÃO

Velhinho que, lentamente,
Vais tristonho a caminhar,
E que sempre, em toda gente,
Demoras o teu olhar.
Procurando, assim, Velhinho,
Do coração apagar
A lembrança de um carinho,
Que nele não quis morar...

Mas, enquanto tão sozinho,
Tu vês a Vida passar,
Vês que a Saudade, Velhinho,
Nunca mais vai te deixar!

VERSOS DE ILZA DAS NEVES

EPITAFIO

De meu amor talvez só reste
Um verso, ou outro, que escrevi,
Vestido efêreo, que me deste,
Corpo sem vida, que vesti.

O QUE RESTOU DE MIM ?

Dei a você tudo o que eu tinha
Bem pouco resta do que sou.
A própria vida, que era minha,
Se não a dei, você levou.

(Do livro "PASSOS DE LUZ")

ALEGRA-TE

AMADO NERVO

Se és pequeno, alegre-te,
porque a tua pequenês serve de contraste a muitos outros no Universo; porque essa pequenês constitui a razão essencial de tua grandeza; porque para que os outros fossem grandes necessitaram que tu fosses pequeno. O mesmo acontece com a montanha que, para elevar-se, necessita alçar-se entre colinas e lombas.

Se és grande, alegre-te,
porque o Invisível se manifesta em tua pessoa de modo mais excelente; porque és uma obra prima do Artista Eterno.

Se tens saude, alegre-te,
porque em ti as forças da natureza depuseram a força e a harmonia.

Se és enfermo, alegre-te,
porque lutam em teu organismo forças contrarias buscando um resultado bello; porque em ti ensaia esse divino alquimista que se chama Dor.

Se és rico, alegre-te, por toda a força que o Destino haja posto em tuas mãos, para que a esbanjes...

Se és pobre, alegre-te, porque tuas asas serão mais ligeiras, porque a vida te prenderá menos, porque Deus estará mais diretamente contigo que com o rico, realizando o amavel prodigio periodico do pão cotidiano...

Alegre-te, se amas, porque és mais semelhante a Deus que os outros.

Alegre-te se és amado, porque existe neste acontecimento uma predestinação maravilhosa.

Alegre-te, se és pequeno; alegre-te, se és grande; alegre-te, se tens saude; alegre-te, se estás perdido; alegre-te, se és rico; se és pobre, alegre-te; alegre-te, se te amam; se amas, alegre-te; alegre-te sempre, sempre, sempre...

(Tradução de NIDOVAL REIS)

NOTURNO

Y. FUJYAMA

A lua sente a ausencia de baladas sentimentais
A lua sente saudades das noites de silencio
quando beijava a face das relvas em pranto
No entanto não diz nada
oculta em sua mascara medieval
Apenas sorri para a paisagem vencida
toda cheia de ternura e compreensão

«L'AIR DE PARIS», NOVO FILME DE MARCEL CARNE'

PODER-SE-IA dizer que há duas espécies de filmes e de peças: aqueles em que o argumento é escrito para os comediantes e aqueles em que os comediantes estão a serviço do autor. O erro comum está em acreditar que a arte dramática é antes de tudo e necessariamente uma arte literária. Em outras palavras, que o argumento afinal é o que importa e que não pode haver obra de qualidade desde que aquele não o seja.

Este puritanismo estético requer algumas considerações. É possível que Shakespeare tenha escrito "Romeu e Julieta" conhecendo perfeitamente os intérpretes preferidos aos quais ele destinava a peça, e sabemos bem o quanto Jean Giraudoux se prendia aos atores e a todos os artifícios da representação

Artigo de
JEAN QUEVAL

gosto, que é uma questão de época, de classe social ou simplesmente de moda, e nada mais). Em outros termos, pode-se não gostar de "L'Air de Paris" porque não se aprecie o meio pugilístico; pode-se também não gostar nada do esporte nem do cinema. Perguntamos, então, porque este filme decepcionou a tanta gente que nada tem contra o box.

Creio que é o caráter bifalco do cinema que está em causa. Durante muito tempo, Marcel Carné pôs em celuloide as histórias de Jacques Prevert. Elas tinham um tom vigoroso, eram por assim dizer escritas

ria em torno de um ambiente. As críticas feitas, porém, comportam correção se consideradas outras perspectivas. Pois o filme de Carné se não é um dos seus melhores trabalhos, é, pelo menos, um dos dois ou três mais sólidos trabalhos do cinema francês neste ano. Feito por um estreante, teria merecido todos os elogios.

A história aborda o caso de um empresário de box que vislumbra num determinado pugilista aquele que fará carreira, realizando o que ele próprio não pudera conseguir um dia. É como se ele tivesse transferido seus sonhos de adolescente para a pessoa de seu filho adotivo. Mas, aparecem dois obstáculos a vencer: isto é, duas mulheres. A esposa do boxeador tem ciúmes dos jovens aos quais ele



Roland Lesaffre em plena ação como pugilista no "filme de Marcel Carné"



O CINEMA ITALIANO DE HOJE

Num artigo publicado pela revista romana "Cinemundus", o sr. Goffredo Lombardo, presidente da União Italiana dos Distribuidores de Filmes e, também, da produtora Titanus, afirma que, a despeito das incertezas e inquietações que marcaram o período de passagem da anterior temporada cinematográfica para a atual e não obstante as polémicas surgidas a respeito de uma pretensa crise de produção, o balanço da atividade cinematográfica italiana encerra-se este ano, como nos anteriores, com um considerável saldo ativo. Dois fatores, principalmente, estão a demonstrar, na opinião do articulista, o progresso da cinematografia italiana e de suas possibilidades futuras.

"Em primeiro lugar", escreve ele, "há a tendência acentuada da indústria italiana para consolidar a sua organização, concentrando a atividade ao redor de um pequeno grupo de casas produtoras que trabalham em ciclo contínuo. Isso permite uma seleção mais rigorosa das inicia-

tivas e elimina progressivamente certas atividades marginais que só podem prejudicar nossa indústria.

"O segundo fator, ainda mais importante, é a nítida orientação da produção italiana para os mercados estrangeiros. Ainda recentemente, os produtores se interessavam, principalmente, pelo mercado italiano. Atualmente, pensa-se, antes de mais nada, no mercado internacional, sem por isso perder de vista os recursos espirituais e as características nacionais da Itália".

Após encarecer a necessidade de ser essa orientação internacional da indústria italiana amparada por organizações comerciais eficientes, que, na medida do possível, atuem diretamente nos mercados mais importantes, tal como faz a Italian Film Export nos Estados Unidos, escreve ainda o presidente dos distribuidores italianos: "No quadro dessa política de expansão situa-se a necessidade de desenvolver as co-produções, estendendo-as a maior número de países. Somente com essa condição poderemos enfrentar a produção de filmes de grande envergadura, que são — como o demonstrou a experiência italo-francesa — os que podem penetrar em todos os mercados com as maiores probabilidades de êxito. A solidez de nossa indústria depende, hoje em dia, da possibilidade de uma mais ampla e mais livre circulação entre os vários mercados".

Assinala, por fim, o sr. Lombardo a benéfica atmosfera que se criou no mundo cinematográfico italiano após a renovação dos acordos entre a ANICA (que reúne produtores, distribuidores e proprietários de estúdios e laboratórios) e a AGIS (que reúne os exibidores) e a consequente criação da UNAS (ponto de encontro entre as duas primeiras): "Compreendeu-se finalmente que a indústria cinematográfica deve considerar-se como uma única entidade em todos os seus aspectos e desenvolvimentos. E se essa nova consciência italiana nos permitir levar de vencida os obstáculos entre as várias categorias e enfrentar, unidos, os problemas existentes para a nossa cinematografia, poderemos contar com uma reserva de energias e de fé que assegurará ao cinema italiano novas e maiores conquistas".

ESTATÍSTICA DA EXIBIÇÃO NA ÍTALIA

De acordo com os mais recentes dados estatísticos publicados, o número de salas de cinema existentes na Itália, em 1953, era de 9.888 (com um aumento de 386 em relação ao ano de 1952).

Delas, 26% (cerca de 2.500) apresentam espetáculos cinematográficos durante 26 a 31 dias ao mês; 18% (1.700 salas, aproximadamente), funcionam durante 16 a 25 dias por mês, 41,5% (4.000 salas, mais ou menos, de 6 a 15 dias por mês; e as restantes 14% (1.300 em total), só (Conclui na pag. 13)



Jean Gabin e Roland Lesaffre numa cena do filme "L'Air de Paris"

(ampliando seu texto ou abreviando-o, segundo os conselhos de Louis Jouvet).

Ai existe, pois, um detalhe vivo da arte dramática que não podemos negligenciar, se nem que fossemos tentados a isso, em matéria de cinema, vendo tantos filmes que não passam de rudimentares meios de valorizar os encantos desta ou daquela "estrela" do que comediante. No caso de "L'Air de Paris", Marcel Carné pretendeu realizar uma película para os intérpretes, notadamente Roland Lesaffre e Jean Gabin.

Não seria direito reprová-lo por assim haver procedido, uma vez que se trata de dois bons artistas. Mas por que justamente estes dois? Neste ponto, intervém a explicação decisiva. Os dois intérpretes compartilhavam com o diretor do filme do gosto pelo pugilismo. Roland Lesaffre foi mesmo, se não nos equivocamos, campeão francês de box da Marinha, quando de seu serviço militar. Dando-lhe o principal papel, Marcel Carné incluía assim um "as" no seu jogo. Porque ele poderia fazer um ator jogar box ou fazer um boxeador representar, seria a mesma coisa. De fato, Roland Lesaffre, a crer no que disse o diretor do filme pela televisão, teve cerca de seis meses de treinamento para o filme, não sendo portanto de surpreender que a luta de box nele surgida seja considerada, no consenso geral, a melhor coisa da fita.

Na verdade, parece uma luta de box real. Seu desenrolar é inteiramente convincente e inteligível, segundo o ponto de vista dos especialistas. Os ângulos são variados, a imagem é impressionante, as tomadas complementares, as "segundas", o público das gerais, os rostos amigos e hostis que rodeiam o ringue, tudo isso está bem apanhado e no seu lugar. O que é mais, o desenvolvimento do combate — em que se vê o principal protagonista ser duramente castigado, depois readaptar-se e acabar vencendo — integra a curva final da película. A luta não é, pois, o primeiro prato, mas uma sequência narrativa capital.

Entretanto, a fita decepciona a muita gente. Não nos deteremos nos argumentos de humor e de gosto (sobretudo e

uma oitava acima e seu sentido, sempre e mesmo (o que não significa uma censura) não escapava a ninguém. Mas, de alguns anos para cá, este fecundo colaborador deixou de aparecer. Assim, desta vez, foi o próprio Carné que decidiu fazer tudo, resolvendo filmar um tema de box especialmente para Jean Gabin e Roland Lesaffre. Mas, para isso, recorreu aos serviços de um cenarista de porte de Jacques Sigurd, incumbindo-o de adaptar uma novela que se prestasse a dar corpo à idéia.

Sigurd fez um excelente trabalho, de profissional consciencioso e habil. Mas, falta-lhe qualquer coisa que dava aquela originalidade aos filmes de Marcel Carné, em outros tempos, quando os cenários eram escritos por Jacques Prevert.

A relativa fraqueza do filme é devida a tal recurso. Bem sei que não podia ser feito de outra maneira. Mas em vez de uma fita girada em torno de um fundo poderosamente dramático, tivemos uma boa histó-

ria em torno de um ambiente. Mas grave ainda: o amor ingressa na vida do futuro campeão e põe em risco a sua carreira. É um amor por uma criatura egoísta e de costumes ambíguos. Ela renunciará, por fim, e veremos o pugilista e seu treinador reunidos no mesmo sonho de campeonato do mundo.

Um pormenor mostra ao mesmo tempo a habilidade da peça e a vacuidade da história: não ficamos sabendo por que motivo ela renuncia. Ela diz a razão, pelo telefone, ao "manager"; mas não ouvimos senão as respostas deste último.

Seria desnecessário dizer que a direção é excelente. Se tivéssemos de observar qualquer coisa ao diretor, seria com respeito ao zelo. O apartamento que a moça ocupa, de parceria com uma amiga mais idosa, é, talvez, de um luxo exagerado; o contraste é flagrante, apesar da tomada em preto e branco. Isso representa, porém, ninharias.

Em conjunto, os intérpretes



Doas figuras femininas do filme: Arletty e Maria Pia Castille

CARLO PRINA

dos cavalos e do peso da carroça que o investiram na irreverente versão cinematográfica!

O mesmo se diga dos convidados de "Tico Tico no fubá" que surpreendidos por torrencial aguaceiro, entram logo na sala de festas, "todos"... limpos e sem necessidade de enxugar uma só gota de água!... Eis dois exemplos de observações específicas e fundamentadas.

Mas ao cinema tudo é permitido!...

Assim sendo, parece-me que, em função de crítica melodramática, poderíamos discutir a diferença entre autor e autor, entre música e música, observando, p. ex. que a "Favorita" e o "Ernani" não estão na altura do "Don Pasquale" ou do "Otello"; que se a "Inspiradíssima" "Manon Lescaut", de Puccini, fosse modernamente orquestrada como a "Butterfly", a "Fanciulla del West" e a "Turandot", seria ainda mais esplêndida; que se as últimas operas de Wagner fossem menos compridas, seriam perfeitas; etc., etc.

Mas desprestigiar a "OPERA IN TOTUM" significa criticar o divino Mozart o qual, escrevendo operas comicas e dramaticas, elegeu esse musical idioma italico que, segundo alguns estetas, teria precedido as traduções o "Werther" do "Fausto" e das demais operas francesas!...

Teríamos também de reprovar Beethoven por ter escrito o "Fidelio"; a Claudio Monteverdi por ter criado o melodrama, e o Gluck por tê-lo aperfeiçoado; e o Rossini por ter musicado o "Barbeiro" e o "Guglielmo Tell" criticando Carlos Gomes e Verdi por se terem superado em "Lo Schiavo", no "Otello" e no "Parsifal"; enfim, o genial Wagner por aparecer grande tanto na majestade classica dos "Mestres cantores" do "Parsifal", quanto no sinfonismo filosofico da "Tetralogia dos Nibelungon", ou no transcendente lirismo de "Tristão e Isolde"!

E' sabido que Debussy indicava o seu melodrama "Peléas e Melisende" como sua obra maxima e que um tal Moussorgsky afirmara outrotanto a respeito do seu "Boris Gudunoff", ambos imitados por Tschakowski, Respighi Pizzetti, Paul Dukas, Ricardo Strauss, Schomberg e também por Strawinski que, renunciando ao seu mais complicado atonalismo quis escrever uma "opera" em estilo mozartiano!...

Parece-me, pois, haver esclarecido suficientemente a discussão deixando apenas aberto o caminho das "preferencias" que nunca obstaculei admitindo sempre todas as escolas (antiga, moderna ou futurista) reprovando apenas os "bluffs" de anemicos imitadores ou de audazes exibicionistas.

Sim, porque sempre detestei a intransigencia, mormente após a leitura da famosa fabula "trilussiana" desse gato pensador que, tendo dirigido pequena observação ao presidente do "Livro Pensamento" ao qual pertencia, para não ser eliminado do Partido, teve de pedir desculpas resignando-se a... não pensar mais em... nada!...

VULTOS E FATOS DE OUTRORA

(Conclusão da ultima pag.)

saiu com a cabeleira desmanchada, os olhos coruscantes, e agarrando pelo braço, Santiago Stornini, que também ali se achava, exclamou zangado:

— "Mas homem de Deus, eu já não te disse que me arranjasse um pente?"

Corri a procurar o pente desejado, e ainda vejo com saudade, o sorriso alegre com que me recebeu, e sinto no rosto o roçar da mão amiga com que ele me agradeceu.

Nunca mais encontrei Eucledes da Cunha, mas a lembrança daquela noite nunca mais se me apagou de memoria.

E, desde então, a admiração, que como criança lhe dediquei, só aumentou, do homem feito, com a leitura de suas obras imortais.

"Ser complexo, aparentemente contraditório, rudo e agressivo, mas de uma delicadeza de alma de sensível!"



Foto apanhada durante a inauguração da mostra de arte de Leonid Bordiug, vendo-se além do pintor os srs. Caio de Moraes Barros, Luiz Pisa Sobrinho, presidente da Sociedade Rural Brasileira; sra. Peçanha de Figueiredo, brigadeiro Armando Ararigbois, Agenor Couto de Magalhães, presidente da Sociedade Geografica; Francisco Ribeiro Montenegro Filho, Amadeu Ferdinando Belucci e Decio Germano Pereira.

Pintor ucraniano expõe pela primeira vez na capital paulista

Aluno da Academia Imperial de Petersburgo — Propósitos artisticos

Leonid Bordiug acaba de expor no salão nobre da Sociedade Rural Brasileira. Foi a primeira exposição realizada por aquele pintor no Brasil. Não obstante a mostra foi de qualidade e numerosa. Bastaria lembrar, que nada menos de 96 retratos de personalidades, damas de nossa sociedade, homens do povo e crianças, viveram novamente, através de seu lapis e de seu pincel.

Mas, antes de mais nada, apresentemos Leonid Bordiug ao leitor, pois é um artista ainda pouco conhecido entre nós. Há poucos anos veio para o Brasil. Leonid Bordiug nasceu nas fertes terras da Ucrania, ao lado do sinuoso Dnieper, nas proximidades da cidade de Kiev. Desde seus primeiros anos de vida sentiu que forte inclinação o encaminhava para a vida artistica. Foi aluno do prof. Rerich, na Academia Imperial de Petersburgo, onde realizou sua primeira exposição. Em seguida faria varias exposições em varios países da velha Europa.

Embora se dedicando também à pintura de paisagens Leonid Bordiug preferiu o retrato. É um interprete da forma e do caracter. Quando tem pela frente um bom modelo fica à vontade, enquanto seu magico lapis vai dando vida à sua criação. Com segurança academica — nada de abstracionismo — sente a alma do modelo, dando aos seus trabalhos sentido de verdadeiro estudo de psicologia. Não foi por outra razão, que tem recebido as melhores referencias de criticos nacionais e estrangeiros.

Embora seja um escravo da realidade, nem por isto deixa de possuir originalidade, pois é consumado conhecedor do meio de vida que escolheu há quase trinta anos.

PROPOSITOS

Falando à nossa reportagem sobre seus propósitos Leonid diz que "o futuro a Deus pertence". Espera, porem, expor novamente em nossa capital em março proximo.

Em junho ou julho do proximo ano pretende o

para o proximo ano pintor ucraniano realizar uma mostra de arte no Rio de Janeiro, possivelmente no Clube da Aeronautica. Leonid Bordiug, como quase todo artista, acentua Judas Isgorogota, não sabe

valorizar seus trabalhos. Por isto mesmo muito tem sofrido. Um dia ainda contaremos sua odisséia, desde suas lutas contra o regime sovietico, até seus sofrimentos nos campos de concentração nazistas... Mas isto é outra historia.



Leonid mostra ao reporter um de seus retratados: — o poeta Judas Isgorogota.

POETAS DE PORTUGAL

EVASÃO

HERNANI DE LENCASTRE

Aconchega-me, noite, no teu manto
e embala-me na voz dos teus segredos!
Tudo ganha contigo um novo encanto,
um sabor de misterios, de bruxedos...
E às minhas veias trazes, e ao meu canto,
a seiva dos sombrios arvoredos,
o murmuro das fontes, o seu pranto,
a paz dos campos, vales e fraguedos...
Ai, o luar a salpicar as galhas
dos velhos castanheiros e carvalhas!
Deixa esquecer em mim o que há de nós
e lembrar-me que a vida não é sonho
e penas p'lo monotono e tristonho
piar de friorentos noitibós!

(Do livro a publicar:

"ANANTO — Poemas de anejo & do efemero transitio")

A VOZ DO SANGUE

Por VIRIATO CORRÊA

AO terminar a aula de catecismo, José de Anchieta veio até a porta da palhoça vigiar a meninada indígena que se espalhara alegremente pelo imenso terreiro da aldeia a caminho das ócas paternas.

A tarde lá morrendo suavíssima e sonora, num desmaio de tintas fulvas, na música dos passaros recolhidos aos ninhos. A serra distante, a mata próxima, uma lagóia que ficava nas vizinhanças da mata, tudo e tudo resplandecia ao auro fulgor do ocaso incendiado. Era uma tarde encantadora, refrescada, refrescante, dessas que têm o condão de despertar as almas para os sonhos e acordar os sonhos mais brilhantes da alma.

O moço jesuíta ficou a olhar demoradamente o terreiro, ora à direita, ora à esquerda, acompanhando este, aquele outro grupo de meninos que serpenteavam nas veredas tortas da aldeia.

Os seus olhos humedeciam-se de enternecimento. Todas aquelas crianças selvagens que ali iam eram já cristãs. No peito de cada uma delas havia já a semente do catolicismo que ele laboriosamente vinha plantando, com a consciência da sua grande fé de apóstolo. Se qualquer deles morresse já se não lhe fechariam as portas do céu, os braços onipotentes do Deus verdadeiro. Amanhã, em cada um daqueles meninos, teria, quando fossem homens, um companheiro abnegado para ajudá-lo a carregar, pelo fundo das florestas incultas, a cruz da redenção que abria auroras nas almas tenebrosas e floria de ternura os corações mais negros.

Amanhã a terra brasileira estaria toda entregue ao céu, à grandeza luminosa da civilização cristã. No amago da floresta mais remota, no recesso da serra mais longínqua, os braços da cruz estariam abertos, estendendo a sua sombra acolhedora, a sua larga promessa de eternidade. Os homens não seriam, então, os homens de agora, selvagens, odientos, antropofagos, mas sim outros homens, na inteira consciência dos deveres de humanidade, amando-se mutuamente, unidos como irmãos no mesmo ideal da ternura e do bem.

E Anchieta sentia-se feliz. Bendita a hora em que lhe brotara no espírito o desejo de vir àquele grande país selvagem! Fora Deus que o guiara.

Em nenhuma outra parte do mundo encontraria terra mais fecunda para plantar e colher os frutos da religião, e, quanto mais asperos fossem os trabalhos, quanto mais penosa fosse a luta, maiores certamente seriam os serviços prestados ao céu, maior a glória imperecível do Criador.

Bendita a hora em que Deus lhe entregara aquela infinita multidão de espíritos em treva, para neles acender a luz do cristianismo!

E, desviando os olhos das veredas em que as crianças caminhavam, o missionário veio sentar-se a um velho tronco de árvore, ali perto do batente da porta. Um suspiro prolongado chegou-lhe aos ouvidos. Voltou-se. Encolhida à parede da

palhoça, tanga atravessada a cintura, os bambos peitos de fora, uma velha índia mascava tristemente.

Anchieta aproximou-se.
— Sente alguma coisa, minha avó?

— Nada, meu neto, nada.
— E porque essa tristeza?
Ela deu de ombros, silenciosa, os olhos baços e tristes no ponto que desmalava.

A conversão daquela índia era para Anchieta a sua maior alegria de missionário. Encontrou-a numa aldeia, no fundo do sertão, nos primeiros dias do seu apostolado no Brasil. A cena ficara-lhe bem viva na memória. Ao penetrar na aldeia a tribu festejava a vitória alcançada sobre os inimigos vizinhos. Era na manhã do sacrifício dos prisioneiros de guerra. A aldeia, reunida em derredor das fogueiras, cantava. Já dois homens tinham sido sacrificados e ali estavam nas gamelas, em postas, aos cuidados das índias velhas. Chegou no momento em que se ia imolar a terceira vítima. Foi um trabalho formidável de eloquência, de habilidade e de docura para fazer que os gentios não continuassem com aquela festa sinistra. Convenceu-os afinal, poupando os prisioneiros vivos, e fazendo enterrar os mortos. Lembrava-se bem da cena. Aquela velha, de cocoras, temperava nas gamelas as postas de carne humana, quando ele

chegou para pedir-lhe que não prosseguisse no serviço. Ela fitou-o, surpreendida. E ele falou, falou por muito tempo, com aquela docura que era unicamente sua, com aquela unção maravilhosa que o tornara invencível.

A propeção que falava ela ia arregalando os olhos, estupefata, como se fluídos estranhos de magnetismo a estivessem dominando. E, minutos depois, mudamente, entregou-lhe as gamelas, com os cadáveres espostejados.

E nunca mais tirou os olhos de cima dele, numa expressão de enlevo feticista. Quando quis sair da aldeia, ela veio pedir-lhe que a levasse. Para onde fosse ela iria também.

E, havia muitos anos, tinha-a ao seu lado, humilde, boa, numa submissão de cachorro, cada vez mais velha, mas cada vez mais leal.

Tinha com facilidade aprendido a religião, praticava-a com uma correção excepcional, rezando, comungando, sempre a cuidar do arranjo e do asseio das igrejas.

Era a sua grande alegria de missionário. Aquela conversão talvez fosse a sua obra mais perfeita.

E, no entanto, vivia-se a repetir que os índios, depois de uma certa idade, não se civilizavam. Ali estava aquela velha, apanhada em plena velhice na floresta e que era tão boa cris-

tã como a que melhor fosse, pensando e agindo como o mais perfeito praticante da religião. O índio era docil, adaptável. Tudo dependia da habilidade em guiá-lo para o bem.

A velha tornou a suspirar. Anchieta aproximou-se mais, risonho, amigo.

— Doc-lhe alguma coisa, minha avó? Diga.
— Nada.
— Não está com fome?
— Não. Não posso comer.
— Ah! mas então está doente!
— Não estou.
— Que é que sente?
— Um fastio... há três dias que não como.
O moço jesuíta conduziu-se mais.

— Há três dias! Porque?
— Porque não sinto vontade. Anchieta sentou-se ao seu lado, carinhosamente.

— E' preciso forçar a natureza. Sem alimento ninguém vive. Deus quer que a gente se alimente o necessário para viver.

E depois de uma pausa:
— A minha avó não comeria um pouco de açúcar?
— Não, meu neto, não.
— Mas a senhora gostava tanto... E um pedaço de pão com mel?
— Também não.
— E um pedaço de pão?
Ela agitou negativamente a cabeça.

— Diga, diga o que lhe apetece que eu irei buscar.
A índia olhou-o desoladamente, com um suspiro.
— Só uma coisa, meu neto, era capaz de me abrir o fastio.
— E porque não diz?
— Era um bracinho de criança, muito tenro, para eu chupar os ossinhos.
E com uma expressão desanimada, sincera, comovedora:
— Mas pobre de mim. Já estou velha. Não tenho força no braço. Não encontro ninguém que me frêche um menino.
(de "O Brasil de Meus Avós")

OS MISTERIOS DA HISTORIA

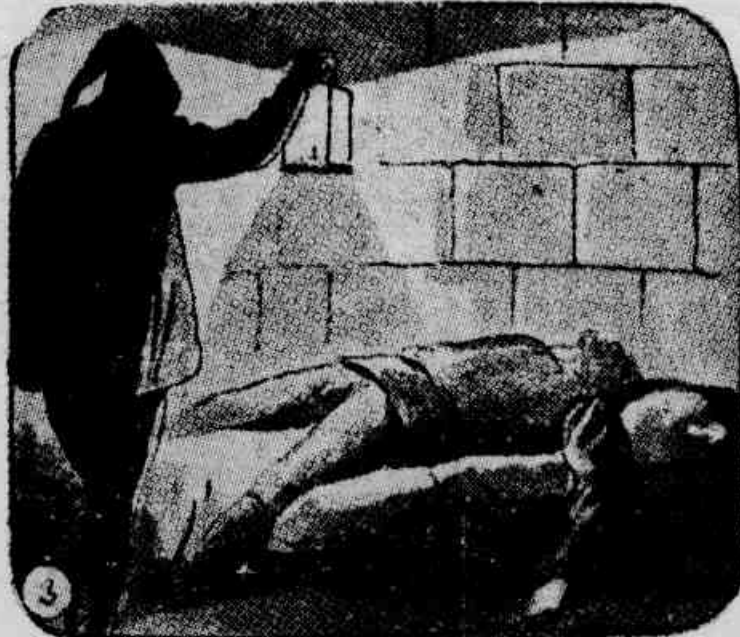
TERIAM MORRIDO NA TORRE DE LONDRES OS FILHOS DE EDUARDO IV?



1 — Estamos em 1465. Luiz XI reina na França, ao passo que a coroa da Inglaterra pertence a um jovem e belo rei de 23 anos. Um dia em que Eduardo IV se dirigia a um de seus castelos das redondezas de Londres, uma jovem viúva atirou-se-lhe aos pés, implorando-lhe proteção. Comovido por aquele desespero, e mais ainda pela beleza da implorante, Eduardo IV ajuda-a a se levantar, consola-a e a interroga. Chama-se Elizabeth Woodville, viúva de Sir John Grey of Groby. Como fulminado, Eduardo declarou a Elizabeth estar apaixonado por ela.



2 — Todavia, a jovem viúva é tão séria quanto bela. Rejeita indignada as solicitações do soberano. Com isso, o amor de Eduardo exaspera-se. Só vê um meio de vencer tanta virtude: Propõe a Elizabeth o casamento legítimo... o casamento e a coroa dos Plantagenets. Ela aceita. Será rainha! O matrimônio celebra-se num prazo mínimo, provocando a ira de Warwick! A este, da ilustre casa de York, é que Eduardo deve sua coroa. E Warwick acha-se empenhado em negociar o casamento de Eduardo com uma princesa de Suécia. A união com a viúva de Sir John parece-lhe uma injúria pessoal.



3 — Mas a facção rival dos York, os Lancaster, também dispõe de um pretendente à coroa da Inglaterra: Henrique IV! Sempre com vontade de se imiscuir nos assuntos do outro lado do Canal, Luiz XI toma Henrique IV sob sua proteção. E' claro que o duque de Borgonha, Carlos, o Temerario, entra logo no caso... a fim de proteger Eduardo IV. Atacado por seu antigo amigo Warwick, Eduardo derrota-o em Barnet. Por seu turno, o filho de Henrique IV é vencido em Tewkesbury. Feito prisioneiro, Henrique IV falece nas enxovias da Torre de Londres.



4 — Desta vez a coroa da Inglaterra parece bem firme na testa de Eduardo IV. Mas é preciso contar com a fatalidade. Enfraquecido por todos os excessos, o soberano fica gravemente doente. Expira nos primeiros dias de abril de 1483, não sem ter confiado sua esposa e seus jovens filhos a seu próprio irmão, o duque de Gloucester. Ainda não tinha sido enterrado Eduardo, e a tregua já havia sido violada entre os que apertaram as mãos por cima de seu leito de agonizante. Gloucester, cuja ambição é decoradora, começa mandando prender os pais de Elizabeth, os River, que joga nas masmorras de Pomfret...

(CONTINUA)

Defesa e ilustração

(Conclusão da 1.ª pag.)

de, na Bélgica, na Itália e no Canadá, onde há quatorze diários de língua francesa, além de outros países.

Um simples jornalista pode obter, e muitos já o obtiveram, resultados apreciáveis nas grandes conferências internacionais. Vivemos, é certo, na época dos grandes impérios, e a antiga universalidade francesa, devido à sua clareza, precisão e elegância, é, como diziamos mais acima, bastante combatida.

O francês já não é a única língua diplomática. Pelo menos, devia manter-se em igualdade com as outras línguas e voltar talvez, como disse Edouard Herriot, presidente de honra da Associação, na mensagem que lhe dirigiu, à sua ilustração de outrora. E' incontestável que os jornalistas de língua francesa podem fazer muito por esta causa.

O ambiente borgonhês não prejudicou nada os trabalhos do Congresso. Seria superfluo dizer que os jornalistas estrangeiros ficaram um pouco admirados, mas encantados, com o vigor desta vida provincial, com a cordialidade do acolhimento e o pitoresco das recepções. Assistiram ao grande capítulo das vindimas dos cavaleiros do Tastevin na admirável adega de Clos-vougees. Visitaram os hospícios de Beauce, intactos. Espectáculos destes não podiam não reforçar a defesa e ilustração de uma língua cujo declínio seria imensa perda para a comunhão humana. — (SFT)

O CINEMA ITALIANO

(Conclusão da página 11)

mente durante menos de 5 dias ao mês. Em relação às demais formas de espetáculos, as receitas produzidas pelo cinema são de modo decisivo as mais fortes.

Durante o ano de 1953, o espetáculo, de qualquer natureza, produziu receitas que orçavam pelos 120 bilhões de liras.

Desse total, 77,6% (ou seja, 93,1 bilhões) foram arrecadadas — renda bruta — pelo espetáculo cinematográfico, contra 7,5% (ou seja, 9 bilhões) produzidos pelo teatro, 6,1% (ou seja, 7,4 bilhões), pelas manifestações desportivas e 8,8% (ou seja, 10,5 bilhões) por todas as demais modalidades de diversão pública a pagamento. — (U. I. P.)

(Conclusão da 3.ª pag.)

(Conclusão da 5.ª pag.)
— Passa p'ra tua camarinha, Joaquim! Dorme e acorda num sono só, porque amanhã madrugamos. O corte é longe!

O sobrinho atendeu. Pediu a benção e foi para a camarinha. O velho então pegou numa porta velha encostada na parede, atrás do pau a cavaleiro onde botavam as selas, e colocou-a no chão para o cego dormir. Tirou de um terno um cobertor de saco de algodãozinho, todo furado, e o sacudi na enxerga. Abriu a porta da frente, tangeu com pena o cachorro friorento, e deixou-se novamente na rede. O fogo estava reduzido a borralho, com uma ou outra brasa mortuária destacando-se na escuridão da sala.

No dia seguinte, quando o sol tinha ao meio-dia em ponto, os dois vaqueiros merendavam debaixo de outro pé de mandacará. O gado roia o cacto tostado, morto de sede. Os urubús voavam em grandes alturas, sob um céu igual, de horizonte a horizonte, no seu azul claro e luminoso. O velho perscrutou o infinito e exclamou:

— Deus anda tardando...

Joaquim imitou o movimento do velho e deu esperanças:

— Mas chove, padrinho. Um dia chove.

— Um dia sucede tudo, Joaquim. Mas o diabo é que esse dia não chega.

Quando chegaram à casa, de volta, a cena era a mesma. Apenas Mariana não pôde vir tomar o caldo, de tão fraca que estava. Piorava cada dia, mais amarela, mais sumida de carnes.

Quinze dias depois, em pleno corte de mandacará, Zumba apareceu, trazendo a notícia: — Mariana é com Deus, tio Borge!

O velho respondeu calmamente, como se ouvisse uma notícia de morte de rês:

— Nesta seca se acaba tudo! Não é de admirar.

Joaquim não demonstrou pena, não se lamentou.

Levaram a defunta em uma rede para o cemitério de São Caetano.

De noite, na hora da ceia, o ceguinho reclamou:

— Onde anda mãe? Eu quero mãe.

— Tua mãe morreu — respondeu o pai secamente.

O ceguinho não sabia o que era morrer, nunca tinha visto a morte. As explicações dos que tinham visto não chegavam à compreensão do menino. E ele insistia:

— Eu quero ela, mãe Mariana.

Joaquim impacientou-se e esbravejou:

— Ora vocês já viram uma quizila dessas! Já não se disse que a tua mãe morreu, guenzo!

O velho Borges abrandou a fúria do sobrinho:

— Tu és um bruto, Joaquim! Como é que tu querias que o menino entendesse de morte, se ele nunca viu nada?

Na cabeça de Joaquim não entrava nada. A sua idéia fixa, a única alojada lá dentro ocupava todo o espaço. E danou-se com o filho porque não via. Ficou algum tempo remexendo as duvidas e respondeu ao tio:

— Bezorro também não sabe o que é morte, berra

um boçado e ao cabo se acostuma, padrinho!

— Pois então deixa esse bezerrinho berrar também. Quando ele se acostumar com a separação da mãe, acaba se calando. Quem é cego é como bicho, Joaquim.

Joaquim emudeceu e ficou remoendo. Depois de muito custo, com um esforço mental tremendo, o sangue subiu-lhe à cara, envergonhado dum pensamento: o tio chamara ao menino de bezerro. Bezorro, filho de vaca; vaca, fêmea do touro. Do touro! Do touro como o boi angolá, de macumbagem enorme, mas de chifres como dois galhos. Touro!

E o bezerro, seu filho, berrando inconsolavelmente pela mãe, esgotando a paciência do pai:

— Eu queria mãe Mariana. Eu queria ela...

D. Marica chamou o menino, botou-o no colo, acalentando-o. Mas ele, como o pai, tinha um pensamento só: queria a mãe.

— Eu só queria mãe Mariana. A minha mãe.

Como não lhe dessem a mãe, começou a choramingar.

— Tua mãe já morreu, seiscentos diabos! — gritou Joaquim, branco de raiva.

O ceguinho encolheu-se no colo de d. Marica, estendendo o choro com o susto. O cego grande também encostou-se na parede, suspendendo a respiração. Os olhos se alargaram num movimento instintivo, procurando ajudar os outros sentidos no esforço de adivinhar alguma coisa. O velho temperou a goela, dando sinal de que estava vivo.

O sobrinho compreendeu. Aquilo era uma advertência. O velho era um homem que nunca se deixava desrespeitar pelos parentes mais moços. Na presença dele ninguém alteava a voz. Neco, o menino cego, projetando-se no corpo de d. Marica contra a brutalidade do pai, sentiu um cheiro diferente daquele com o qual as suas ventas, aguçadas pela ausência da vista, se habituaram tanto durante cinco anos de agarramento. Afastou o restinho desconsolado do corpo da tia e soltou outro gemido, vagando a vista pela sala:

— Minha mãe não vem. Eu só queria minha mãe Mariana.

O velho, penalizado, tomou o menino e botou-o na rede. Enganava-o com histórias, com coisas esquisitas, engraçadas, maravilhosas. Mas a atenção da criança não se prendia a coisas que ele nunca conhecera. Por que falar em mato verde, em águas claras, em céu azul, em boi grande, em cavalo gordo, na beleza de todas as coisas oferecidas pela natureza aos que têm olhos para ver? A noção do bonito entra principalmente pela vista, apura-se na cabeça. Os olhos do menino não colheram impressão nenhuma da vida. E o seu pensamento não atendia ao desconhecido, ao ignorado. Antes o velho tivesse falado das formas que as suas mãos conheciam. Ou dos cheiros, tão familiares às suas ventas. Embrutecido, puxando ao pai, as coisas invisíveis para ele não lhe despertavam o desejo instintivo do conhecimento.

Nunca perguntava a forma, o feltro das coisas, nunca pedira a definição dos objetos, dos animais, de nada desconhecido, e de que os outros falavam na sua presença. Não se inte-

ressava por coisa alguma, contentando-se em viver agarrado às saias da mãe. Os olhos não se esforçavam, a vontade adormecia na cabecinha esquecida. As suas ventas, entretanto, teimavam à procura do cheiro conhecido. Dilatavam-se, e os olhos convergentes baixavam-se sobre elas, como se procurassem ajudá-las no esforço olfativo. Latejavam, suspendiam o folego, apurando melhor o que sentiam. Viu o rosto para o lado da camarinha e ficou escutando, cheirando o ar que vinha lá de dentro. Fez esforço para sair da rede, e o tio deixou-o escorregar devagarinho entre os braços. O menino pôs-se em pé, tomou direção e saiu de braços estendidos, tateando as paredes. Atravessou sem topar o batente da porta do meio e empurrou a da camarinha. Remexeu na cama sem lençóis, cheirou o couro do lastro e reclamou em voz de choro:

— Mãe não está aqui. Eu quero é mãe Mariana.

D. Marica foi atrás dele e trouxe-o, consolando-o. Mas o menino não entendia nada. Queria a sua mãe. Não compreendia a morte, não entendia a ausência. D. Marica achou graça na astúcia do menino e comentou:

— Filho de gato é gatinho. Doido pela cama, como a finada. Pobrezinho!

Joaquim levantou a cabeça e olhou o cego Umbelino. Os seus ouvidos guardaram a expressão da mulher do tio. E na cabeça a expressão se reproduzia, como um eco de grota em grota: filho de gato é gatinho; filho de gato é gatinho; filho de cego é ceguinho. De subito, sem se dominar, empurrado por uma força estranha, Joaquim pulou em cima de Umbelino, agarrando-o pelo pescoço. O cego estrebuchou, com um berro medonho. O menino assombrou-se e abriu no choro. O velho Borges levantou-se de um pulo e gritou para o afilhado, dando-lhe murros nas costas:

— Atrévete dos diabos, larga esse desgraçado! Tu não me respeitas não, condenado? O grito do velho amedrontou Joaquim. E ele recuou, tremulo de raiva. Era a segunda vez que tentava enganar o pobre cego. O menino berrava, reclamando a sua mãe Mariana. D. Marica levou-o para a sua camarinha. Umbelino tremia enroscado no canto da sala como um cão ameaçado de apanhar. As mãos alçavam nervosamente os olhos cegos. Puxava a barbicha, enfiava os dedos na boca, arregalando os olhos, esfregando os pés. O velho Borges insistia:

— Eu te mato, Joaquim! Criel-te como a um filho e tu na minha vista não me desfeiteias não, que Deus não quer! Não tens vergonha! Que mal te fez o pobre cego? Ação como a tua não tem nome, de tão desgraçada que é! Um homem que dá num cego é capaz até de espancar Nosso Senhor! Deus me perdoe, mas eu acabo te excomungando, se não te matar!

Joaquim baixou a cabeça, arrependido. Poderia ainda estrangular o cego na ausência do velho. Ele havia de pagar. A porca já estava morta. Ele ia depois. E o filho também. O ceguinho, filho do cego. E, delatado, ficou pensando por muito tempo nesses coisas.

O velho, depois que o sobrinho saiu, fechou a porta do meio e passou a ta-

ramela. Fez a cama de Umbelino e deitou-se na rede. O cego deitou-se também e ficou quieto.

De madrugada, quando o velho se levantou, encontrou a porta da frente aberta. Teve um pressentimento e acertou: Umbelino fugira, com medo de Joaquim. D. Marica não disse nada. Joaquim ficou pior, pensando: Quem foge, teme; e quem teme, deve.

Um dia de domingo, dia de descanso, os dois vaqueiros ficaram em casa. Passavam o dia cuidando de besteiras: consertando as alpercatas, amolando as facas, botando cunhas nos instrumentos. De tarde, o sol já pendendo, o velho foi dar um girozinho por trás de casa, desenferrujando as pernas da modorra da rede. Tinha intenção de ir até ao pé de imbuzeiro grande, espichar-se na sombra. Mas voltou do meio do caminho.

A porta da cozinha estava aberta, as galinhas entrando. Entrou pela porta escancarada e ficou escutando, estacado na saleta. D. Marica não estava. Tinha ido buscar um pote d'água no caldeirão quase seco. Da sala da frente chegava aos ouvidos do velho um barulho de ferros arrastados. Quando o velho chegou à porta do meio, viu o sobrinho acorçado, esforçando-se por conservar as foices, os machados e os facões de gume para cima. Ajeitava os instrumentos, calcando-os pacientemente com cacos de telha. E em volta cercando-os, um bante improvisado com pedras e tijolos partidos. O velho Borges viu também, num canto da sala, em pé, o ceguinho buchudo, com os dedos atolados na boca e os olhos incertos pelo meio da casa. Joaquim, ajeitando a ferramenta, nem viu o tio, distraído como um menino brincando de construções. O velho Borges compreendeu a intenção malvada do sobrinho e bradou:

— Levanta-te, miserável! Como é que tu com as tuas próprias mãos armas essa arapaca para o teu filho morrer, Joaquim!

Joaquim levantou-se assustado, pálido. Apanhado em flagrante, não achou uma palavra para responder ao velho. O tio então apanhou o material de corte, encostou-o na parede e lançou vermelho de indignação:

— Que diabo estás tu pensando nesta tua cabeça de doido, Joaquim? Queres matar esse infeliz porque ele é uma carga para os teus ombros? Se é, deixa que eu crio o cego!

Joaquim cobrou animo e respondeu:

— E por que diabo ele não é? Que foi que tu viste p'ra tanta desconfiança, ruindade?

— E' que eu não sou cego e ele é!

O velho Borges sentou-se na rede e ficou calado. D. Maricas entrou, acompanhada de Zumba. O velho ordenou:

— Sacode fora esses tijolos e essas pedras, Zumba!

D. Maricas perguntou se iam fazer um forno dentro de casa com tanto tijolo, e o marido respondeu:

— Nada. Fui eu quem trouxe as pedras. Estava calculando uma coisa.

Mandou que ela levasse o ceguinho lá para dentro, despediu Zumba e tornou a falar ao sobrinho:

— O Divino é grande! O Divino é grande! Tu te

capazes de dar a quem os use poder sobre o coração de qualquer dama, de onde o dito popular, referindo-se a alguém muito cotado entre as beldades: "Fulano parece que tem olhos de bôto..."

Na historia natural, como no folclore, é ainda o bôto o mesmo enganador. Ouvimos ao vulgo existirem três tipos de bôto: o "branco", o "preto" e o "amarelo". Consultando R. von Inhering (Dicionário dos Animais do Brasil), Melo Leitão (Notas e rodapés ao livro de Bates "Viagens ao Amazonas e Rio Negro" — Brasília), Oswaldo Orico (Vocabulário de credências Amazônicas) J. C. de Oliveira (Folclore Amazônico) e outros, encontramos divergências quanto às suas classificações científicas e qualidades sobrenaturais.

Raimundo de Moraes chama de lendário ao bôto Vermelho ("Inia geofroyensis" de Desmarest), tanto quando ao bôto preto ou tucuxi ("Sotalia tucuxi") classificando este de mais peranta e terrido (Vd. "Apólogos Silvestres" — Historia dos tempos que os animais falavam na Amazonia — Ed. Melhoramentos). Esse bôto vermelho que vem registrado no Dicionário de H. Lima e G. Barroso (Ed. Civilização Brasileira) consta em Inhering como bôto branco, parente dos golfinhos e toninhas, aos quais se atribuiu a meritória ação de salvar os naufragos como os "Delphinus Pallidus" ou "Sotalia Pallida" ou "Sotalia Brasiliensis" das águas meridionais do Brasil. Na Amazonia consta também — e sirva isso para descontento de seus muitos pecados — que o bôto mata os naufragos de morrerem afogados, empurrando-os para a praia.

Somente ao bôto preto atribui-se tal ação, sendo que (ainda o "esquisito" de permeio), os bôtos machos só salvam mulheres, ao passo que os homens são socorridos pelas fêmeas.

Por conta do cetáceo comum, ademais, algumas anedotas fescenas próprias de sua personalidade bifásica e que mereciam ser anotadas. E, não há dúvida, sente-se a gente quase inclinada a dar-lhe fé, quando vemos seu contrastric fofoquinho entreaberto em cínico sorriso, parecendo que o animal está a mangar ou zombar impunemente das vítimas a quem pregou suas peças.

lembras de teu pai, Joaquim?

Joaquim respondeu, meio acuado:

— Não me lembro não, padrinho. Mãe me dizia que quando ele morreu eu tinha coisa de um ano.

— E se tu vives maldandando que esse menino não é filho teu — prosseguiu o velho — só porque é cego e tu não és, como é que tu não nasceste cotó, sendo o teu pai aleijado de nascença?

Joaquim recuou, espantado. Não esperava aquela revelação. Era um caso singular. Mas a idéia fixa, tomando dianteira a qualquer reflexão, voltou, renitente: filho de gato é gatinho e filho de cego é ceguinho. Nunca lhe tinham dito aquilo. A mãe nunca lhe falara do aleijado do pai. Era com certeza astúcia do velho, para livrar o intruso. Aquilo não era prova. A morta não falava, mas Umbelino onde estivesse tinha que falar.

Joaquim tomou uma decisão. Foi à camarinha, remexeu uma porção de coisas, botou um punhal na cintura e enrolou a rede a tiracolo. Na sala, defronte do tio, anunciou firmemente:

— Vou embora, padrinho. Não fico mais aqui.

— Vai-te! Deixa teu filho em paz. Nem esta seca danada, que abra e arrasa tudo, tem poder sobre a tua natureza de cobra!

E Joaquim danou-se no mundo, as alnergatas estalando nos calcanhães, à procura do cego Umbelino.

O REI MENDIGO

(VIDA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS)

Por JORGE RIZZINI

XXXII

Fascinados, os cavaleiros escutavam atentamente, sem tirar os olhos de São Francisco. E Francisco, agora pousando os olhos em Angelo Tancredi, disse:

— Como vêdes, fui rico. Mas hoje, vivendo com Dona Pobreza, sou mais rico ainda! Porque fora do Evangelho não há salvação para as nossas almas! A minha grande riqueza é pois o Evangelho de Cristo!

E olhando firme nos olhos de Angelo Tancredi, São Francisco levantou o braço e exclamou em voz alta:

— E' chegado o tempo de fazeres o que eu fiz! Já é tempo, Angelo Tancredi, de trocaras a vossa bela armadura por uma roupa rasgada e velha; a vossa espada pela cruz de Cristo; e as vossas esporas pela poeira e lama dos caminhos. Angelo Tancredi! Vinde comigo e eu farei de vós um soldado do exercito de Cristo! Acompanha-me, pois.

Ao ouvir o convite de São Francisco, dirigido a Angelo Tancredi, os cavaleiros entreolharam-se e deram uma gargalhada.

— Quá! Quá! Quá!
E disseram:
— Estamos perdendo tempo



LEITURA PERIGOSA

Mesmo quando a leitura não exija grande esforço de imaginação, é sempre perigoso ler quando se está comendo, porque o cerebro, ao trabalhar, atrai sangue do estomago e afeta a secreção dos sucos digestivos, causando, portanto, indigestão.

As comoções violentas fazem parar de repente o trabalho digestivo e suspendem a secreção salivar.

Os comerciantes e literatos padecem, às vezes, de vomitos quando comem só, porque se abstraem nos seus pensamentos, o cerebro trabalha e o funcionamento do estomago suspende-se.

com este mendigo louco! Vamos embora, Angelo! Este mendigo inventou uma historia e agora quer que tu abandones tudo para segui-lo! Essa é muito boa!

E gargalharam novamente. São Francisco porem tornou a dizer, sem tirar os olhos de Angelo:

— Acompanha-me, Angelo Tancredi! E eu prometo fazer de vós um soldado do exercito de Cristo Rei! Vamos, vinde comigo.

E então os cavaleiros subitamente pararam de rir. Pois Angelo, movido por uma força que vinha de Deus, desceu do cavallo, jogou ao chão a bela armadura e, abraçando São Francisco, respondeu:

— Estou pronto para acompanhar-vos.

E olhando os amigos:
— Adeus, companheiros! Nunca mais nos veremos. Sou agora cavaleiro de Cristo!

E, feliz, pôs-se a caminhar ao lado de São Francisco, ambos em direção à cidadezinha de Assis.

Os cavaleiros, entreolharam-se, coçaram a cabeça, espantados.

Muitos antes de chegar à "Porciuncula", novamente São Francisco sentiu grandes saudades de seus discipulos, os quais continuavam a pregar o Evangelho em regiões diferentes.

Onde andarão os meus queridos amigos? Que saudades, meu Deus!

E São Francisco, junto com Angelo Tancredi, ajoelhou-se na estrada, olhou o céu e rezou bem baixinho:

— Meus Deus e meu Senhor! Fazei os meus discipulos amados regressarem IMEDIATAMENTE para Assis! Onde que eles estejam, meu Senhor, dai-lhes a cada um A VONTADE de voltar à "Porciuncula". Quero reve-los, meu Senhor!

Após a prece, São Francisco e Angelo atravessaram um bosque, entraram por um atalho, andaram, andaram, andaram e, enfim, avistaram ao longe a "Porciuncula".

— Chegamos!
A prece de São Francisco, muito sincera, foi ouvida por Deus — pois todos os discipulos, de repente, sentiram uma grande vontade de voltar à "Porciuncula".

— Voltarei agora mesmo! pensaram eles, ao mesmo tempo, embora estivessem separados, um do outro, por longas distancias.

Quando São Francisco os viu de volta, alegrou-se. E disse para Angelo Tancredi:

— Olha! Eles voltaram! nossas preces foram atendidas!
E correu, de braços abertos, ao encontro dos discipulos amados.

— Meus filhos! Meus filhos! E em seguida Francisco apresentou-lhes o seu novo discipulo, dizendo:

— Este é o novo soldado do exercito de Cristo: chama-se Angelo Tancredi. Abraçai-o, que Angelo tem uma bela alma!

E só depois foi que São Francisco contou a visão que tivera na gruta de Poglio Bustone.

— Esta visão, meus filhos, concluiu São Francisco, olhando os discipulos, quer dizer que o nosso grupo vai crescer muito, graças ao exemplo que estamos dando aos homens. Vai espalhar-se pelo mundo inteiro! A visão maravilhosa foi um sinal do céu.

E São Francisco tinha razão pois com o exemplo seu e dos discipulos foi o grupo aumentando, dia a dia — sim, porque depois da conversão de Angelo Tancredi, juntaram-se a Francisco mais quatro discipulos, chamados: Barbaro, João, Filipe e Bernardo de Viridante. Ao todo, doze discipulos, exatamente como os tivera Jesus Cristo há mais de 2 mil anos!

(Continua)

O BICHO DA SEDA

O inseto que nos fornece a seda chama-se bicho da seda. Não é mais do que uma lagarta branca, da grossura do dedo mínimo.

O bicho da seda nutre-se das folhas da amoreira.

No labio inferior ele tem um buraquinho, por onde sai um liquido viscoso, que forma o fio de seda.

Quando chega a ocasião, com esse fio a lagarta constrói um ninhozinho de seda, fecha-se dentro dele: é o casulo.

Se quisermos aproveitar o casulo, devemos pô-lo em agua fervendo, para matar a borboleta em que se transformou, dentro dele, a lagarta.

Cada casulo produz de trezentos a trezentos e cincoenta metros de fio.

Se quisermos ter ovos do bicho da seda, então não esvaziaremos o casulo.

A lagarta, que dentro dele se mudou em crisalida, vinte dias depois, por um furo que abre, sai sob a forma de uma feia e pesada borboleta.

Essas borboletas não voam, elas põem ovos em grande quantidade, dos quais saem novas lagartas.



OPERAÇÃO NUM ELEFANTE

Recentemente foi efetuada uma delicada operação óssea num elefante de um ano, que pertence a uma fazenda de Kenya. A operação consistia em remover de uma vértebra de Lulu — este o nome do elefante — diversos pedaços de osso fraturado que estavam provocando uma séria inchação nas costas do animal.

Depois de anestesiado, o pequeno elefante foi amarrado e acomodado numa cama de palha, enquanto alguns homens da tribo Turkana o seguraram. Dois elefantes foram colocados ao lado do paciente a fim de prestar "apoio moral".

Uma vez removidos os pedaços fraturados, o veterinario deu os pontos necessarios fez o curativo. Lulu despertou então e começou a andar, recomeçando indifferentemente a pastar, como se nada houvesse acontecido.

Se se houvesse extraído pedaços demasiados do osso fraturado, Lulu nunca mais teria andado!



GEORGE WASHINGTON E A MENTIRA

Certa vez, George Washington, fundador da Republica dos Estados Unidos recebeu, quando era ainda muito criança, de presente uma machadinha.

Cheio de alegria, ele se pôs a cortar tudo que se lhe apresentava no caminho. Havia, no jardim, uma laranjeira, que seu pai havia plantado e que era arvore de seus especiais cuidados. O louquinho golpeou-a desapidadamente e de tal modo que ela tinha de secar e morrer.

Quando o pai viu a arvore, que tanto estimava, assim maltratada, ficou desesperado e pôs-se a indagar quem fora o autor de tão grande maldade. Pouco depois, viu o pequeno George com a machadinha na mão, e desconfiou que tivesse sido ele.

— George, — disse o pai, — sabes quem maltratou a laranjeira do jardim? Eu quero castigar de tal modo o autor de tamanha perversidade, que ele nunca mais se esquecerá deste dia.

O menino ficou pensativo um instante, e nobremente respondeu:

— Não, eu não posso dizer uma mentira, meu pai; o senhor sabe que eu não sei mentir. Fui eu que a golpeei com esta machadinha; castigai-me.

— Vem a meus braços, meu filho! — exclamou o pai; — fizeste mal, destruindo a arvore

util que teu pai plantou e tanto estimava. Entretanto, dizendo corajosamente a verdade, tu me a pagastes mil vezes. A coragem e a sinceridade em meu filho têm para mim mais valor que mil arvores, mesmo se elas dessem flores de prata e frutos de ouro. Vai, meu filho; que este caso da laranjeira te faça lembrar durante toda a tua vida que, ainda que te custe muito, deves sempre dizer a verdade.



O QUERER

Coelho Netto

A ambição, que é a virtude do querer, faria a gloria da vontade se não degenerasse em vicio.

Ambicionar é desejar intensamente, com todas as veras d'alma, e pode-se dizer que o ambicioso é o unico ser que segue um roteiro sem dele desviar-se um passo.

Infelizmente, essa energia que, aproveitada, seria o estímulo ao Bem, transforma-se em fraqueza no coração que invade.

Assim, a ambição do ouro faz o avarento; a ambição de fama faz o presunido; a ambição de gloria faz o sanguinario; a ambição de virtude faz o fanático; a ambição de beleza faz o casquilho.

Se a modestia interviesse equilibrando a ansia da ambição com a bondade, o ambicioso seria o homem por excellencia: seria o trabalhador acautelado, o talento discreto, o guerreiro magnanimo, o honesto, o acurado.

A vontade é um instinto violento e soffregoso: livre, trespassa em crime; domado, é o vigor do carater.

Para quem sabe querer, a vida não tem entraves e estov até em afirmar que a propria morte atende à intimação da vontade.

O que se entrega, com desalento, à doença, succumbe antes de morrer; e que reage, se não logra prolongar a vida, vai por seu pé até à beira do túmulo.

A mulher deve desdobrar a vontade querendo por muitos — por si, e fará a sua honra; pela casa, e fará o seu dever; pela Patria, e fará a sua gloria. Querem, por si, é contentar-se; querer pela casa, é desejar; querer pela Patria, é aspirar. E todas estas manifestações da vontade irradiam da mesma virtude — a Fé, que é o supremo desejo. Sem Fé não te força o querer.

O que anela e não confia, jamais consegue o que almeja. O dizer: "Eu quero!" é uma voz, o levar o querer ao ato é um arranque, realizá-lo é uma victoria.



DEZ REGRAS DE JEFFERSON

Aqui estão dez regras para viver bem, elaboradas por Thomas Jefferson, que foi presidente dos Estados Unidos:

1.a — Não deixes para amanhã o que se pode fazer hoje.

2.a — Não empregues ninguém para o que és mesmo capaz de fazer.

3.a — Não gasteis o vosso dinheiro antes de o terdes ganho.

4.a — Não compreis nunca aquilo de que não precisais, embora pareça barato.

5.a — A vaidade e o orgulho prejudicam-nos mais do que a fome, a sede ou o frio.

6.a — O comer de mais prejudica. De comer pouco é raro alguém ter de se arrepender.

7.a — Não há nada fatigante quando feito de boa vontade.

8.a — Não ves afflicções antes de tempo. Quantas tristezas são causadas por desgraças que nunca chegam!

9.a — Encara sempre tudo pelo melhor.

10.a — Quando estiverdes irritados, conta até dez antes de falar, e até cem se estiverdes muito zangado.



A CANÇÃO DA BANDEIRA

Isabel Vieira de Serpa e Paiva

Todos, robustos, trigueiros,
Passam sorrindo os soldados.
Em passos cadenciados
Ao som da marcha lá vão.
Passam... na tarde festiva
De uma doçura infinita
Enquanto que no ar se agita
O tricolor pavilhão.

Desfraldada, solta ao vento,
Toda coberta de gloria,
Como um hino de victoria
Tremula esplendida ao léu,
Verde... mais do que a esperança,
Loura... mais que o sol festivo
Que além fulgura, cativo
Na concha imensa do céu.

Parece que Ela lhes conta
O seu passado glorioso:
Relembra Osorio e Barroso,
Riachuelo e Itororó,
A nobreza dos Andradas,
A grandeza de Caxias,
Do Brigadeiro Tobias,
Do justiceiro Feijó.

Toda uma historia vibrante!
Nomes que soam no espaço
Entre os capacetes de aço
Sobre faixões juvenis.
Caminhos feitos de flores,
Espadas nusas, desejos,
Mulheres que atiram beijos
Entre canções infantis.

Parece que àqueles homens,
N sua marcha arrogante,
Que a Bandeira, palpitante,
Repete a sua canção:
— "Olha-me bem! Perto ou longe,
Quer no solo brasileiro,
Quer em país estrangeiro,
Sou sempre a tua Nação!

Flutui no azul dos mares,
No topo altivo dos mastros,
Ou no avião, junto aos astros,
Num forte, erguido, feliz,
O no alto de um edificio
Ou marcando uma fronteira,
Serei sempre brasileira,
Serei sempre o teu País!

Sou tua! Teu chão, teu solo,
Teus campos de flores soltas,
Teus mares de ondas revoltas,
Teu povo, teu céu de anil!
Defende-me a vida inteira,
Quer na paz ou quer na guerra!
Sou teu pedaço de terra
Serei sempre o teu Brasil!"

Na tarde feita de sonho
Passam marchando os soldados.
Os passos cadenciados
Marcando a victoria vão.
Há fronteiras que se descobrem,
Mãos num aplauso incessante,
E, em cada peito, vibrante,
Batendo um só coração!

Vultos e fatos de outrora

Reminiscências das passagens de Euclides da Cunha por Pindamonhangaba

LENDO lido o interessante artigo "Euclides da Cunha na Princesa do Norte", publicado pelo prof. Romulo D'Arace, em "A Tribuna", de Taubaté, lembrei-me de trazer também uma pequena contribuição sobre a passagem do luminar das letras nacionais por minha terra natal.

Não que julgue de grande interesse o que possa relatar, porém, tendo o ilustre cirurgião e eminente escritor dr. Gama Rodrigues, na magistral conferência proferida na sessão inaugural da "Sala Euclides da Cunha", da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras, de Lorena, em comemoração ao primeiro cinquentário do lançamento de "Os Sertões", dito em certo ponto: — "Excede já muito de duas centenas de volumes a bibliografia euclidiana, nos quais o homem, o militar, o matemático, o engenheiro, o explorador, o geógrafo, o historiador, o reporter, o sociólogo, o escritor, o estilista e o poeta têm sido profundamente analisados, estudados, revividos, sob todos os prismas e aspectos. O pouco que haverá a perquirir, encontra-se precisamente nesta fase de sua vida, transcorrida em Lorena e no Vale do Paraíba."

Assim, o meu depoimento, desprovido embora de valor, não deixa de ter sua oportunidade, por ser pessoal e assente sobre recordações vivas, e trazido à publicidade, nesta data aniversária do aparecimento do livro maravilhoso, que fez a projeção gloriosa de Euclides da Cunha.

Trata-se, apenas, de reminiscências de um menino que, de rápidos contatos com o grande homem, conserva a recordação indelevel de duas facetas de seu temperamento multiforme.

Uma, a do homem nervoso e facilmente irritável por qualquer contratempo; outra, a do conversador brilhante que empolgava e seduzia qualquer auditorio, do homem que sabia reconhecer e agradecer um pequeno obsequio.

Eis o meu depoimento e a sua razão de ser.

Dois vezes em minha vida estive em presença de Euclides da Cunha.

Da primeira, não guardo qualquer recordação do grande homem, pois dele não me foi dado aproximar.

Foi por ocasião da inauguração do Grupo Escolar Dr. Alfredo Pujol, construído por Santiago Stornini e que Euclides da Cunha supervisionou, na qualidade de engenheiro-chefe do 2.º Distrito de Obras Públicas do Estado.

Estava eu em uma das ruas da cidade, quando, a passagem de alguns senhores, ouvi casualmente alguém dizer: — "Ali vai Euclides da Cunha!"

Olhei curioso, e facilmente o identifiquei num homem baixo, magro e gesticulador, pois era, dos componentes do grupo, o único para mim desconhecido. Encaminhavam-se todos para o edifício do novo Grupo Escolar, que ia ser inaugurado nesse dia 6 de dezembro de 1902, com festas que empolgavam toda a atenção da cidade.

Tão grandes e suntuosas, que delas deu o "Correio Paulistano", o velho e respeitado órgão perrequista, esparramada notícia, em dois números sucessivos — 9 e 10 de dezembro — e da qual transcrevo os interessantes períodos seguintes: — "A Câmara Municipal de Pindamonhangaba, que tão louvável e empenhadamente se interessa pelo progresso material da cidade e do município, como pelo conforto de seus habitantes, tendo por isso mesmo conquistado a estima e simpatia públicas, cogitava de há muito na construção de um edifício destinado exclusivamente ao funcionamento do Grupo Escolar.

Este melhoramento se fazia necessário e a municipalidade tendo em vista não só a exiguidade do antigo edifício, como seu estado ruinoso, dirigiu nesse sentido uma representação ao Congresso — representação que foi convertida em projeto e apresentada à consideração daquela alta corporação pelo deputado dr. Fontes Junior. Aprovado, foram votadas as verbas necessárias. A cons-

trução do edifício, que está situado num aprazível largo, fronteiro à estação da estrada de ferro, começou em junho do ano passado e ocupa o centro

Artigo de VICENTE GIUDICE



EUCLIDES DA CUNHA

de uma área de 200 metros quadrados, toda fechada a muro.

As obras foram executadas pelo engenheiro Santiago Stornini, fiscalizadas pelo dr. Euclides da Cunha, engenheiro da Superintendência de Obras, e obedeceram a uma planta do dr. Francisco Viotti.

O seu custo total foi de 140:000\$000.

O edifício é espaçoso, de arquitetura moderna e elegante, contendo as seguintes dependências: dez salas para aulas, um salão para festas e recepções, um gabinete para o diretor, uma biblioteca e um laboratório.

No centro há um patio cimentado, que ocupa uma área de 20 metros em quadra e destinado aos exercícios militares do batalhão infantil, recreio, etc.

O corpo docente do Grupo Escolar é o seguinte: diretor, sr. José Carneiro da Silva, auxiliar de diretor, sr. Julio Pestana; professores, srs. José Pinto Marcondes Pestana, Octacílio Gomes Salgado, Julio Marcondes do Amaral, Pedro Silva e Francisco Luz; professoras, senhoritas Maria Amalla Mota de Almeida, Maria Rosa Ribeiro, Paulina Guilomar Montelero, Antonieta Luz, Maria Joaquina de Oliveira, Josefina Bulcão e

Laudelina Machado. (...) Após a chegada dos representantes do Governo, o garboso batalhão escolar deu começo aos exercícios militares constantes do programa, sob a direção dos seguintes oficiais: tenente-coronel comandante, Ernesto M. Pereira, major José Arlindo Lins, capitão-ajudante José Silva, tenentes Sebastião Carneiro e Felipe Ademar, alferes Antenor Bulcão e Aristids Romeiro, alferes porta-bandeira Alfredo Pires.

Foram feitas varias evoluções, mostrando-se as tropas corretas e disciplinadas. O corpo alunar (sic) cantou em seguida o Hino Pindamonhangabense, com o acompanhamento de uma banda de musica, sendo que às ultimas notas estrepitosa salva de palmas rompeu de todos os cantos do edificio".

Quantos nomes queridos e saudosos, de mestres, de amigos, de companheiros e colegas, a maioria já ceifada pela morte!...

Na ocasião, porém, era eu bem criança e todo o meu tempo durante as festividades, foi pouco para admirar e invejar, precisamente, esses meninos do Grupo Escolar metidos em uniformes que me pareciam admiráveis e comandados por minusculos oficiais, cujo lugar daria o que me pedissem, para estar...

Recordo-me bem de todos os festejos, e até de que quase me vi envolvido em uma briga de meninos, pois um dos pequenos oficiais, que eu tanto admirava e invejava, ao som do Hino Nacional, tirou o quepi em lugar de fazer continência, o que deu origem a seria discussão entre os componentes de um grupo no meio do qual me encontrava, uns defendendo, outros censurando o ato do embrião de militar, e quase chegamos a vias de fato.

Conta em seu artigo, o prof. D'Arace, escudado em testemunho insuspeito, que nesse mesmo dia da inauguração do Grupo Escolar foi Euclides da Cunha homenageado na residência do Intendente Municipal, o dr. Francisco Marcondes Romeiro, o saudoso dr. Francisquinho, a quem Pindamonhangaba tanto deve.

Dessa homenagem não guardo qualquer lembrança, pois, pela minha pouca idade, não acompanhava então meu Pai nas visitas que fazia ao seu chefe e amigo, e às festas que em casa deste se realizavam.

Da segunda vez, porém, em que me foi dado encontrar o grande escritor, guardo recordação inapagável.

Concluiu o curso primario e andava vadiando na fazenda de meu Pai, então como a maioria dos fazendeiros daquela época, às voltas com tremenda crise produzida pelos preços baixos do café, mui diversos dos atuais, pois uma arroba da preciosa rubiacea valia então seis mil reis (ou seis cruzeiros pela moeda moderna), à espera de melhores tempos para prosseguir os meus estudos.

Ficava a fazenda S. José,



Estrada no vale do Paraíba, que era periodicamente percorrida pelo engenheiro-escriptor em sua missão de fiscalizar obras federais na região.

CORREIO PAULISTANO

ANO III || SÃO PAULO, 28 DE NOVEMBRO DE 1954 || N. 132

na raiz da Serra da Mantiqueira, no bairro do Piraguama, a cerca de dois quilômetros da estrada de rodagem que de Pindamonhangaba conduzia a S. Bento do Sapucaí e aos Campos do Jordão.

Meu tio, dr. José de Gouvêa Giudice, tomara por empreitada a conservação dessa estrada, e estava hospedado em nossa casa, pois a turma sob sua direção, trabalhava então nas proximidades.

Frequentemente saía eu com ele, pela manhã, a cavalo, e passávamos o dia todo na estrada, fiscalizando os trabalhos e eu deixando o tempo correr.

Almoçávamos o feijão com arroz e carne seca, comida habitual dos camaradas, e voltávamos à tardinha, para jantar na fazenda.

Certo dia em que assim fizemos, lá pelas tres horas da tarde, (nessa época não se dizia 15 horas, como hoje) desabou tremenda tempestade, coisa muito comum na região na época das chuvas, e que nos apanhou completamente desprevenidos; molhados até os ossos, resolvemos regressar, pois a chuva não mostrava geito de querer cessar naquele dia.

Saimos do rancho em que nos abrigáramos e em certo trecho da estrada encontramos um trolli atolado em grande lamaçal. Dentro dele dois homens, inteiramente desabrigados, recebiam tremenda carga de agua.

Um deles, gordo e vermelho, tinha um ar contrito e acabrunhado, como se fôra o responsável pela situação; o outro moreno e magro, parecia em ponto de estourar, e despedia fogo de uns olhos imensos, que ocupavam quase todo o rosto, enquanto fusilava o companheiro com palavras de um mau humor feroz.

Aproximamo-nos e meu tio

perguntou ao homem moreno:

— O que é isso dr. Euclides?

— Um contratempo dos demônios, respondeu o interpelado! Logo hoje é que o Stornini se lembrou de me entregar a ponte do Piraguama, e aqui estamos sem poder chegar à ponte e em vias de morrer afogados neste novo dilúvio!

— Não seja essa a duvida dr., disse meu tio, o sr. monta a cavalo, o Santiago e eu amassamos barro até à ponte, e meu sobrinho, que peço licença para lhe apresentar, vai até à fazenda de meu cunhado avisar que nos esperem com um bom jantar e roupa enxuta.

Lembrei-me, então, do homem que entrevera no dia da inauguração do Grupo Escolar, e fiquei certo de que me encontrava em presença de Euclides da Cunha.

Nesse tempo, e na minha idade, não poderia ter lido "Os Sertões", mas tanto ouvi falar sobre o livro e o autor, que foi para mim um deslumbramento o seu encontro.

Em caminho para a fazenda, fui lembrando tudo o que ouvira falar sobre o grande homem: a sua saída espetacular da Escola Militar, ainda no tempo do Imperio por um ato de indisciplina a que fora levado por suas convicções republicanas; a historia das reportagens sobre Canudos; a publicação do livro que resultara dessas reportagens, escrito enquanto reconstruía uma ponte em S. José do Rio Pardo; a sua fuga, apavorado, ante a eminencia da publicação do livro, cujo insucesso temia; o caso do homem que lia em viagem, e com quem se encontrou em um vagão da estrada de ferro; e sobretudo, o clamor de gloria que em seu derredor se levantava, apontando-o como o maior escritor nacional.

Chegado à fazenda, corri a avisar meu pai da categoria do hospede que fomos receber, e ficamos à sua espera.

Cerca de duas horas após, apareceram eles. Euclides da Cunha a cavalo, sem um fio enxuto no corpo; e Stornini e meu tio a pé, cobertos de lama.

Meu pai providenciara tudo o necessário, de forma que, pouco depois, fomos jantar.

Euclides, com a versatilidade que o caracterizava, fez os gestos da conversação, sem perder bocudo, e eu varias vezes me esquecia de comer, absorto em ouvi-lo, pois era ele um conversador admirável.

Terminado o jantar, ficaram ainda longo tempo a conversar e eu, mau grado o cansaco de um dia todo a cavalo, e do sono natural na minha idade, fui me deixando ficar a ouvi-los, sem pressa, nem animo de me ir deitar.

Passara todo o mau humor, que a chuva produzira em Euclides da Cunha, e ele, encontrando ouvintes atentos, por muito tempo nos encantou com a sua palestra variada e interessante.

No dia seguinte, logo de manhã, andava eu rondando a saleta para onde dava a alcova em que dormira aquele que já conquistara toda a minha admiração, quando subitamente, e porta desta se abriu e eis

(Conclui na 12.a pag.)



O Grupo Escolar "Alfredo Pujol", de Pindamonhangaba, no dia da sua inauguração a 6 de dezembro de 1902